

CORINA COARACI

Modos  
e  
Modas

Usos  
e  
Costumes

ORGANIZAÇÃO  
ELIANE VASCONCELLOS  
IVETTE MARIA SAVELLI

**CORINA COARACI**



**Modos e Usos  
e Costumes**

**ORGANIZAÇÃO**  
**ELIANE VASCONCELLOS**  
**IVETTE MARIA SAVELLI**



**CORINA COARACI**

**Modos  
e  
Modas**      **Usos  
e  
Costumes**

**ORGANIZAÇÃO**  
**ELIANE VASCONCELLOS**  
**IVETTE MARIA SAVELLI**

Fundação  **Casa de Rui Barbosa**

Rio de Janeiro  
2019

*Presidente da República*  
Jair Messias Bolsonaro

*Ministro da Cidadania*  
Osmar Gasparini Terra

Fundação Casa de Rui Barbosa

*Presidente substituta*  
Lucia Maria Velloso de Oliveira

*Diretor Executivo substituto*  
Ronaldo Leite Pacheco Amaral

*Diretor do Centro de Pesquisa*  
Antonio Herculano Lopes

*Diretora do Centro de Memória e Informação*  
Ana Lígia Medeiros

*Chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*  
Rosângela Florido Rangel

*Chefe do Setor de Filologia*  
Flora Süsskind

*Chefe do Setor de Edição*  
Benjamin Albagli Neto

*Projeto Gráfico do Miolo e da Capa:* Tikinet

*Preparação e Revisão:* Eliane Vasconcellos e Ivette Maria Savelli

*Estagiária de Produção Editorial:* Meira Santana (FCRB)

*Produção Editorial:* Tikinet

Coaraci, Corina, 1859-1892.

Modos e Modas, Usos e Costumes [recurso eletrônico] / Corina Coaraci;  
organização Eliane Vasconcellos, Ivette Maria Savelli. – Rio de Janeiro : Fundação  
Casa de Rui Barbosa, 2019.

1 e-book em formato pdf (159 p.)

ISBN 978-85-7004-404-4

1. Coaraci, Corina, 1859-1892. 2. Produção jornalística. 3. Produção literária.  
4. Escritora brasileira – Séc. XIX. I. Vasconcellos, Eliane, org. II. Savelli, Ivette  
Maria, org. III. Título.

CDD B869

Bibliotecária: Letícia Krauss Provenzano  
CRB-7/6334

Fundação Casa de Rui Barbosa  
Rua São Clemente 134, Botafogo 22260-000, Rio de Janeiro, RJ  
Telefone (21) 3289-4600  
fcrb@rb.gov.br | www.casaruibarbosa.gov.br

## SUMÁRIO

Sobre esta Edição	7
Modos e Modas, Usos e Costumes	11
Textos Anotados	
9 de setembro de 1884	13
19 de setembro de 1884	17
26 de setembro de 1884	29
3 de outubro de 1884	35
10 de outubro de 1884	43
18 de outubro de 1884	49
24 de outubro de 1884	55
31 de outubro de 1884	61
7 de novembro de 1884	67
14 de novembro de 1884	73
21 de novembro de 1884	79
28 de novembro de 1884	87
5 de dezembro de 1884	91
12 de dezembro de 1884	95
19 de dezembro de 1884	101
26 de dezembro de 1884	107
3 de janeiro de 1885	113
10 de janeiro de 1885	117
17 de janeiro de 1885	123
24 de janeiro de 1885	129
1 de fevereiro de 1885	133
8 de fevereiro de 1885	139
23 de fevereiro de 1885	145
2 de março de 1885	151
Anexos	155
Balas de Estalo, <i>Gazeta de Notícias</i> , 15 de novembro de 1884	155
Balas de Estalo, <i>Gazeta de Notícias</i> , 11 de janeiro de 1885	158





## SOBRE ESTA EDIÇÃO

As crônicas de Corina Coaraci aqui reunidas, que fazem parte da coluna Modos e Modas, Usos e Costumes, do periódico *A Folha Nova*, foram publicadas de 9 de setembro de 1884 a 2 de março de 1885, no rodapé da primeira página, à exceção das duas últimas publicações, que aparecem, respectivamente, na segunda e terceira página. Todas as crônicas são assinadas sob o pseudônimo de Viscondessa Augusta, ora também indicado pelas iniciais V. A., razão pela qual se omitiu a indicação da assinatura no final de cada texto. Os textos não possuem título e cada um foi introduzido pela respectiva data de publicação, padronizada pelo modelo dia, mês (por extenso) e ano.

Como as crônicas só foram publicadas em *A Folha Nova*, não houve como comparar com outra versão que permitisse sanar os pequenos problemas de leitura, decorrentes da deterioração do periódico. Assim, os trechos ilegíveis estão indicados entre colchetes.

As notas de rodapé, de naturezas distintas: biográficas, contextuais, vocabulares, foram elaboradas pelas organizadoras. As notas de vocabulário fizeram-se necessárias quando a autora menciona, por exemplo, vários tipos de tecidos e vestuário. Além disso, há palavras que, embora dicionarizadas, têm significado pouco conhecido. Os vocábulos estrangeiros foram traduzidos, exceto alguns de fácil compreensão, ou porque figuram em dicionários de língua portuguesa atuais.

Para o preparo da edição, adotaram-se os seguintes procedimentos:

- i) atualização da ortografia segundo as normas vigentes, sempre tendo por base o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa (Volp)*, da Academia Brasileira de Letras, e recorrendo, quando necessário, aos dicionários de língua portuguesa mais atuais: o *Dicionário Aurélio da língua portuguesa (2010)*, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009)* e o *Aulete digital*;
- ii) atualização de formas linguísticas em desuso: *envolviam-o* > *envolviam-no*. Assim procedemos também em palavras nas quais figura o ditongo *ei*, que a pronúncia de hoje omite a semivogal: *asseiado* > *asseado*; *passeiata* > *passeata*;
- iii) uso do acento grave indicador de crase segundo as normas vigentes;
- iv) correção dos erros óbvios de imprensa;
- v) manutenção de grafias registradas no *Volp* em que figuram letras consoantes que ainda hoje se proferem: *contacto*, *susceptível*; ou ainda outras usadas pela autora, mesmo que os dicionários as acolham como menos autorizadas, caso de *quotidiano*;
- vi) manutenção do ditongo *ou* em palavras, como *cousa*, *afoutamente*, *douda*, e da alternância *ou/oi*, como em *dous/dois*;
- vii) manutenção da inicial maiúscula quando se observou que a autora desejou dar destaque ao vocábulo: “Não é essa a maneira de vestir da Parisiense, verdadeiramente ‘parisiense’;
- viii) manutenção de palavras em língua estrangeira, hoje aportuguesadas, tais como: *toilette*, *club*, *jockey*, *myosotis*;
- ix) manutenção da pontuação do original, mesmo que se afigurasse imprópria. Um exemplo é o uso do travessão no seguinte trecho:

“[...] e há bem pouco tempo tivemos ensejo de ver, no estabelecimento – Ao High Life –, *étamines* com lindíssimos bordados deste gênero.”

- Obs.: os raros acréscimos de pontuação aparecem entre colchetes;
- x) uniformização do emprego de iniciais maiúsculas: nos títulos de publicações; nos nomes de estabelecimentos comerciais; nos nomes de tratamento, quando abreviados e/ou acompanhados do nome; nos nomes de pontos cardeais, quando se referem a regiões;

- xi) uniformização do recurso gráfico do itálico, nem sempre aplicado criteriosamente no original. Este procedimento foi usado para destacar vocábulos, expressões e trechos em língua estrangeira; e nos títulos de livros, periódicos, peças teatrais;
- xii) substituição do itálico por aspas duplas para destacar, por vontade autoral, palavras, expressões ou trechos, desde que não se incluam nas normas de uso do itálico;
- xiii) adoção da grafia em redondo nos vocábulos ou expressões que, sem razão lógica, se encontravam em itálico;
- xiv) As ilustrações referentes à moda e aos itens de decoração foram retiradas de *A Estação*: jornal ilustrado para a família, das seguintes datas: 30 de julho de 1879, 30 de abril de 1880, 15 de julho de 1880, 15 de janeiro de 1883, 30 de setembro de 1884, 30 de maio de 1884, 15 de fevereiro de 1885 e 15 de outubro de 1886; de *La Saison: Journal Illustré des Dames*, de 1885, e de *O Brazil Elegante*, de 1899; o retrato de Alexandra da Dinamarca, da Wikimedia; o de Lucinda Simões, do site Ruas com história; e, a do terremoto de Andaluzia, do site da Gallica (Biblioteca Nacional da França).

O presente trabalho, que obedeceu às etapas de localização das crônicas, digitação e respectivo cotejo com o original, estabelecimento do texto, pesquisa e elaboração de notas e organização da edição fez parte do projeto de pesquisa desenvolvido na Fundação Casa de Rui Barbosa com o apoio do CNPq e contou com a colaboração dos bolsistas Glauco Homero Vieira Barros, Gabriel Ferreira de Andrade, Giselha Magalhães Lessa, Gustavo Henrique da Costa e Breno Pagoto de Oliveira, aos quais agradecemos.





## MODOS E MODAS, USOS E COSTUMES

Na edição do dia 9 de setembro de 1884, o jornal estampa a seguinte nota, logo acima da publicação do primeiro folhetim:

Iniciamos hoje uma série de folhetins sobre assunto de que já há tempos algumas das nossas leitoras notavam a falta – modas.

Era difícil, porque em geral as senhoras entre nós têm pouca propensão para a pena, e não há nada mais esquisito do que ver um homem *parler chiffons*: mas afinal conseguimos pôr *the right lady in the right place*, e na conversa sobre “Modos e Modas, Usos e Costumes”, não têm os indiscretos que meter o nariz; é uma senhora que escreve para senhoras.





## 9 DE SETEMBRO DE 1884

Sem que sejamos pessimistas, pertencemos ao número daqueles que acreditam na influência das artes e da indústria sobre os usos e costumes dos povos, e entendem conseguintemente que não pode ter vida própria, um característico inteiramente nacional, o país onde as artes e a indústria não atingiram ainda um desenvolvimento capaz de satisfazer as suas necessidades.

Indo a países estranhos buscar os artefatos precisos ao conforto e bem-estar da existência, com esses produtos da arte e da indústria importam-se também os usos e costumes, os “modos”... e as “modas”, em cuja plena adoção se perde o cunho da nacionalidade.

É esse justamente o caso em que nos achamos. Usamos tudo à francesa, à inglesa ou à espanhola; e nos usos e costumes, nos “modos” e nas “modas” não possuímos uma individualidade própria.

É tal o afã com que adotamos os modelos estrangeiros que, sem atendermos à diferença de clima, nem aos modos de existência, usamos veludos e lãs em pleno dezembro e mobiliamos nossas casas com móveis estofados, guarnecemos as portas e as janelas com pesados reposteiros de lã, alcatifamos os assoalhos com espessos e felpudos tapetes e tudo isto unicamente — porque na Europa assim se usa.

Longe está de nosso intuito a pretensão de dar leis sobre este assunto. Condenando a aceitação total de tudo quanto nos vem do estrangeiro,

o que pretendemos nestas resenhas é indicar, de entre as tantas novidades que diariamente surgem, as que mais aceitáveis ou apropriadas nos parecerem às condições de nosso clima e de nossa maneira de viver.

É assim que sem mais protestos entramos em matéria, dirigindo-nos à leitora amável e gentil, como o são todas as leitoras da *Folha Nova*, e falando-lhe primeiro que tudo da moda.



Resumindo em poucas palavras a moda atualmente adotada nos vestuários, pode-se afiutamente dizer que se usa tudo aquilo que nos agrada: túnicas, *basquines*,<sup>1</sup> polonesas,<sup>2</sup> sobrecasacos, vestidos de *puff*,<sup>3</sup> ou inteiramente lisos, babados largos ou babadinhos estreitos, tudo é igualmente admissível.

Daí um certo inconveniente resulta para a moda: deixando-nos ela a faculdade de usar de uma só vez todas as suas fantasias, embaraçosa ser-lhe-á a mudança.

Se hoje “tudo” está em moda, no feitio dos vestidos, o que poderá amanhã substituir o “tudo”? As variantes da moda reduzem-se, pois, atualmente a muito pouca cousa; limitam-se, por assim dizer, à preferência ora por um, ora por outro enfeite.

Como, porém, as fazendas novas aparecem todos os dias, umas lindíssimas, outras detestáveis, delas trataremos oportunamente, procurando mostrar à leitora quais as mais aceitáveis, e quais as cores mais no rigor.

Presentemente, a moda manifesta decidida preferência em favor das rendas, e confessemos que o seu capricho é dos mais delicados e sedutores.

Muitas das nossas leitoras devem possuir em algum cantinho das suas gavetas preciosas rendas antigas de Chantilly,<sup>4</sup> de *guipure*,<sup>5</sup> de Bruxelas,<sup>6</sup> não importa donde, rendas essas que foram o enlevo de nossas mães e de nossas avós. Pois bem, todas essas “velharias” devem agora surgir à tona,

<sup>1</sup> Palavra francesa. A princípio, ‘saia que se usava por cima de toda a roupa, geralmente com muitas pregas’; mais tarde, passou a designar-se um casaco feminino justo, com abas curtas: ‘vasquinha’.

<sup>2</sup> Casaco feminino amplo e comprido.

<sup>3</sup> Palavra inglesa. Armação para dar volume às saias: ‘pufe’.

<sup>4</sup> Tipo de renda de bilro, com fundo de malhas hexagonais, no qual sobressaem motivos da flora e da fauna.

<sup>5</sup> Palavra francesa: ‘guipura’. Renda de linho ou de seda, de malhas largas, com motivos em relevo, que formam arabescos.

<sup>6</sup> Estas rendas manuais estão entre as mais conhecidas. Além delas, existem também as rendas *blonde*, as de Veneza, Alençon e Valenciennes.

como verdadeiras “novidades”. Todas elas servem para guarnecer elegantes vestuários de passeio, de visitas e de baile. Quanto mais antiga a renda, tanto mais preciosa é.

Além dessas, não possuímos as nossas formosíssimas rendas do Norte? Há, porventura, algumas de entre essas afamadas rendas francesas de máquina, que lhes seja superior em beleza de desenho e delicadeza de trama, e mais própria para enfeitar vestidos de linho e de cassa,<sup>7</sup> ou mesmo de seda? Usemos, pois, as rendas nacionais.

Na Inglaterra, não há muito tempo, as *ladies* mais elegantes lembraram-se de fazer uma propaganda em favor dos artefatos ingleses. À testa dessas senhoras, muitas das quais pertencem à mais dourada aristocracia, figurou Miss Ellen Terry,<sup>8</sup> a mais elegante das atrizes britânicas.

Firme no seu propósito, esta artista só fez uso, durante muito tempo, de veludos, sedas, fitas, luvas e calçado ingleses, em cena e fora de cena; e o seu exemplo foi seguido por milhares de senhoras, de modo que em pouco tempo a indústria inglesa, que sofria com a terrível concorrência estrangeira, pôde fazer-lhe frente e mesmo superá-la. E muitos atribuem a essa salutar propaganda das senhoras a preferência que se tem notado ultimamente em França pelas fazendas inglesas, tanto para o vestuário das senhoras como para o dos homens.

Nós, infelizmente, não possuímos grandes fábricas como a Inglaterra; mas temos já umas tantas indústrias que nos permitem prescindir das estrangeiras.

Entre os seus produtos citemos as rendas do Norte, de que há pouco falamos. Nenhum enfeite há mais lindo e de mais valor do que a renda feita à mão. Temos fábricas de calçado, de luvas, de flores e de outros artigos que podem competir sem desvantagem com os das fábricas estrangeiras.

Se, pois, um grupo de senhoras influentes, à semelhança das inglesas, se colocasse à testa do movimento em favor das nossas fábricas, estamos convencidos de que os resultados benéficos para a indústria nacional em pouco tempo se fariam sentir.



Não nos falta, na quadra atual, ocasião para ostentar bom gosto. Concertos, teatros, bailes, *matinées*, regatas, corridas e piqueniques,

<sup>7</sup> Tecido fino, transparente, de linho ou de algodão.

<sup>8</sup> Atriz inglesa de renome (Coventry, 27/2/1847 – Kent, 21/7/1928), famosa na época como intérprete de peças de Shakespeare.

aí estão convidando solícitos a presença da leitora. Temos, por exemplo, o “Salão” das Belas-Artes.<sup>9</sup> Pode a leitora, elegante e inteligente como é, deixar de visitar a exposição atual?

É uma visita essa que a moda também impõe.



Não seria completa uma resenha de modas, e deixaria mesmo de o ser, se não desse notícia de alguma nova *toilette*. Terminaremos, pois, com a descrição de duas que oferecem as mais recentes revistas, e que nos parecem muito apropriadas para qualquer das festas de que acima falamos.

1º Vestido de “véu-de-freira”, cor de creme, guarnecido de estreitos galões de prata. A saia compõe-se de um babadão alto de machos<sup>10</sup> largos, guarnecido com sete ordens do mesmo galão.<sup>11</sup> A túnica, em forma de avental na frente e muito amplo no *puff*, é guarnecida de cinco ordens de galão. O corpo é do feitio de casaco e colete. Este é bordado com o mesmo galão, assim como a gola e os punhos do casaco.

2º Vestido de renda preta. A saia é guarnecida apenas de três largos baba-dos de renda, arranjados de modo a prescindir de *puff*, devendo a *tournure*<sup>12</sup> dar a necessária elegância. Para este vestido fazem-se duas *basquines*: a primeira de veludo preto, para os dias frios, é justa, curta, com pregas bem cheias nas abas; a gola, mangas e abas são forradas de cetim vermelho, devendo o forro aparecer apenas um pouco; a segunda *basquine* é de *sicilienne*<sup>13</sup> vermelho, mas de um vermelho brilhante. Este contraste, embora pareça demasiado, dá à *toilette* um tom de extrema elegância. Chapéu toucado, de filó preto sobre cetim vermelho, com um ramo de papoulas ao lado, completa este vestuário.

9 Em 23 de agosto de 1884, inaugurou-se a Exposição de Belas-Artes, na Academia de Belas-Artes, segundo nota da *Gazeta de Notícias*, publicada na véspera.

10 Tipo de prega formada por duas dobras opostas, viradas para dentro e voltadas uma para a outra. É também chamado ‘prega-macho’.

11 Tecido em tiras, bordado com fios de ouro, prata, seda, algodão etc., usado em roupas, cortinas, estofamentos, etc., como enfeite, debrum ou acabamento. É também chamado ‘grega’.

12 Palavra francesa. Armação usada pelas mulheres no século XIX, geralmente de arame, para dar volume aos quadris: ‘anquinha’.

13 Palavra francesa. Trata-se de um tecido de seda e lã.



## 19 DE SETEMBRO DE 1884

Predomina atualmente no mundo elegante a moda inglesa.

O povo inglês essencialmente prático, sobre cujos hábitos a crítica se exerceu sempre de um modo desapiedado, teve afinal sua vez de impor a lei em assuntos de elegância. O que até agora se julgava ridículo passou a ter foros de supremo bom gosto, e é tido como jarretismo<sup>14</sup> tudo quanto não é usado à inglesa.

A França, que foi sempre a primeira na sátira contra os ingleses, fez-se a propagadora das modas por eles usadas, e desde o *frock*<sup>15</sup> até a bota, desde a meia até o toucado, é tudo à inglesa que nos vem de Paris.

Entretanto, cumpre-nos confessar, se essas modas têm a comodidade, nem sempre são elegantes.

Vejamos o calçado, por exemplo.

Que elegância pode haver em um sapato espalmado, de tacão baixo, onde a curva do pé tem forçosamente de achatar-se, com prejuízo de sua forma graciosa?

Sabemos que a ciência tem energicamente profligado em desabono dos exagerados, tacões à Luís XV, colocados a um terço da sola e obrigando

---

<sup>14</sup> Qualidade do que é fora de moda, ultrapassado, obsoleto.

<sup>15</sup> Palavra inglesa: 'fraque'.

o corpo a uma inclinação forçada e conseguintemente prejudicial à saúde. Mas daí, das elevadas alturas desses tacões ao salto chato e de larga base há um verdadeiro salto prodigioso; é saltar-se de um extremo a outro. Por que não se há de adotar um meio-termo? A saúde nada perderia com isso, e a elegância ganharia muito.

Vimos há pouco umas lindas botas, de fina pelica, delicadamente trabalhadas, nas condições que mencionamos. Têm o salto regular, nem exageradamente alto, nem ridícula e chatamente baixo, graciosamente arqueadas na sola, ajustando-se à concavidade do pé, e deixando a este mostrar natural e comodamente a sua elegante curva.

Essas botas, em cousa nenhuma inferiores às das mais afamadas fábricas estrangeiras, foram feitas na oficina Fraget,<sup>16</sup> são um produto nacional.



Já que estamos, porém, falando na moda inglesa, e para que não se diga que sistematicamente a censuramos em limine,<sup>17</sup> mencionemos um uso que está em moda na Inglaterra, e que nos parece muito para ser adotado aqui, principalmente na estação calmosa que se aproxima.

Esse uso é das reuniões ao ar livre.

Em vez de se oferecer um jantar em abafada sala, puseram os ingleses agora em moda oferecê-los nos seus jardins, à sombra das árvores e das ladas, ao fresco da aragem perfumada pelas flores. À festa junta-se a música, todos os jogos próprios de jardim e até as danças. A circunstância de ser no jardim a festa não exclui a etiqueta nem a confunde com o piquenique. O que há é apenas a mudança de local.

Este uso, que está sendo muito aceito ali, parece-nos que com mais razão deve ser adotado aqui, onde o clima mais se presta a ele do que na Inglaterra.



Há poucos dias, Violino, em espírituosas quadras referiu-se às exagerações nas modas usadas pelos homens.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> Fabricante de calçados de luxo à Luís XV.

<sup>17</sup> Adaptação da expressão latina *in limine*: 'inicialmente'.

<sup>18</sup> Violino é pseudônimo de autor desconhecido, que assina poemas publicados na primeira

Falemos nós também das exagerações nas modas femininas.

Infelizmente para os foros, a que aspiram de bom gosto e de elegância, entendem algumas senhoras que, para estar no rigor, devem exagerar os preceitos da moda, dando como desculpa que as parisienses elegantes assim o fazem. E daí uns chapéus verdadeiramente monstruosos, no tamanho e na forma; uns “papos” que, como bem nota um jornal estrangeiro, lhes dão certo ar de polichinelos femininos; uns *puffs* tão amplos que mais parecem uns consolos, a que só faltariam, para maior semelhança, as jarras e a pêndula, se a constante oscilação dessas descomunais *tournures* não dificultasse o arranjo. Ataviadas com todas essas “novidades”, julgam-se uns modelos de bom-tom.

Não é essa a maneira de vestir da Parisiense, verdadeiramente “parisiense”. Esta nunca exagera a moda, nunca traja vestuários de cores vivas e vistosas para os seus passeios a pé, não usa couça alguma que a faça, por esse lado, destacar-se das outras senhoras com quem se encontra na rua. E é justamente essa louvável simplicidade, essa perfeita harmonia no seu vestuário que lhe dão um certo quê indefinível, que a tornam um modelo de suprema elegância.

Se as suas posses lhe não permitem *toilettes* de ricos estofos, ela as faz de fazendas mais modestas; esforça-se, porém, para que o talho de seu vestido seja irrepreensível, para que este lhe assente como uma luva; se não pode ter muitos vestuários diversos, tem dois ou três somente, mas para esses dois ou três possui todos os acessórios em harmonia com eles, desde o chapéu até à meia, desde a luva até à sombrinha.

É esse o segredo da Parisiense, é esse o segredo que a torna tão superior às outras.

---

página da *Folha Nova*, sem regularidade no intervalo entre as publicações. O primeiro que localizamos apareceu na edição de 23 de agosto de 1884, intitulado “O ‘Salon’ da Academia”. Na alusão em questão, Corina faz referência ao poema “Modas... sem modos!”, estampado na edição do dia 11 de setembro de 1884, e que aqui transcrevemos. “Pois meu caro redator, / a despeito do que diz / sobre as modas em vigor / venho meter o nariz. // No tocante às femininas, / sossegue, serei discreto... / porém quanto às masculinas / não temo ser indiscreto. // Muitas modas tenho visto / porém como estas confesso... / ora repare só nisso, / neste rapaz, eu lhe peço... // Fraque d’abas aparadas, / dando apenas... por aqui... / botas amplas, alentadas... / um tipo... versal, um I... // E assim grande sortimento / de janotas consumados, / tolhidos, sem movimento / e talvez incomodados // naquelas roupas... Tolices / deste Brasil infeliz / que traduz em macaquices / os costumes de Paris... // Concluindo, ninguém pensa / em ter juízo; isto posto... / – Deus os conserve na crença / de que se trajam com gosto.”

Com isto não queremos dizer que só as parisienses são elegantes, e que à mais nenhuma senhora é dado igualá-las. Ao contrário, a qualidade de elegante é cosmopolita, e, se citamos a Parisiense “parisiense”, é porque nenhuma outra tem feito tão profundo estudo da “arte de agradar”, e nenhuma tem conseguido maiores triunfos na sua arte.

Imitar, pois, o modelo que acabamos de citar, é, de algum modo, tornar-se Parisiense.



Tendo há pouco falado em chapéus, não nos podemos esquivar ao desejo de protestar contra uns que recentemente, e como última novidade, vimos na vidraça de uma das nossas mais afreguesadas modistas.

Referimo-nos a umas barretinas<sup>19</sup> de soldado e a uns *bonnets de jockey*,<sup>20</sup> que são do mais requintado mau gosto. Se aquilo for adotado, em breve recorreremos ao chapéu armado dos generais e ao hirsuto barretão dos porta-machados.

Tais fantasias, quando muito, só poderiam permitir-se às meninas de doze a quatorze anos de idade, nas quais o frescor da juventude e a gentileza do semblante muito concorrem para que se lhes perdoe esse contrassenso. Mas que uma moça ou senhora sensata se lembre de pôr à cabeça uma barretina vermelha guarnevida de galões dourados e penachos multicores, ou um *bonnet* amarelo e azul de enorme pala, é extravagância imperdoável e digna das maiores censuras.



Estão muito em moda os trabalhos sobre aniagem,<sup>21</sup> e supomos que poucas senhoras, muito poucas dentre as nossas leitoras, não terão algum terminado já ou por acabar. Vamos, pois, lembrar-lhes um, cujo maravilhoso efeito, quando concluído, será a mais justa recompensa de quem o tiver executado.

Trata-se do forro das paredes de uma sala, por um modo novo e original. A empresa não é tão gigantesca como à primeira vista pode parecer, e em breve espaço de tempo pode ser terminada.

<sup>19</sup> Barrete estilizado e estruturado, normalmente com formato cilíndrico.

<sup>20</sup> Chapéu feminino, inspirado nos trajes de montaria, que apresenta uma pequena aba frontal.

<sup>21</sup> Tecido grosso, de fibra vegetal, feito a partir da juta, ou do linho cru, que é usado em especial para confeccionar sacos.

Corta-se a aniagem em panos do tamanho dos painéis que hoje são tão imitados em papel, e ornam-se estes diversos panos com bordados de tapeçaria a meio ponto de marca. O desenho, quanto mais no estilo oriental, mais lindo será. Quem não quiser dar-se ao trabalho de bordar o pano, pode fazer sobre ele aplicações de ramagens ou desenhos de recortados dessas lindíssimas chitas da Pérsia, tão usadas para sanefas e tão fáceis de obter. Não é necessário repetir o mesmo desenho sobre cada painel; é preferível mesmo, e mais artístico, variá-lo, conservando, porém, o mesmo estilo. Cada painel deve ser emoldurado por barras de pano de cor igual à do reposteiro e de igual fazenda.

Eis uma variante do mesmo trabalho:

Os painéis são formados com ganga de Vichy,<sup>22</sup> azul, desse azul próprio àquele tecido, isto é[,] um tanto cinzento. Sobre cada pano se traça um desenho japonês em esboço, a traços largos, e sobre-se esse desenho a ponto de cadeia com lã azul-escuro. O efeito será lindíssimo e original, principalmente se os painéis formarem uma continuação ou complemento uns dos outros.

Estes trabalhos, além de constituírem uma prova de habilidade dos delicados dedos que o bordarem, servirão também para exercitar o gosto artístico de quem os desenhar.



Começamos esta resenha falando das modas inglesas; vamos terminá-la com uma notícia da mesma origem.

Em uma das vidraças da recente Exposição de Higiene,<sup>23</sup> em Londres, foi exposto um certo número de pares de meias e luvas de cor, que, segundo a opinião dos médicos, foram causa de sérias irritações e desagradáveis erupções de pele, e, em alguns casos, de moléstias gravíssimas. Os mesmos sábios atribuem estes fenômenos à má qualidade das tintas empregadas. Parece que certos tons de vermelho, azul e amarelo são muitíssimo perigosos quando em contacto imediato com a pele. Aconselhamos, pois, à leitora que não escolha cores demasiado vivas para as suas meias e para as suas luvas, a fim de evitar o mal que os sábios da Inglaterra lhes atribuem.

<sup>22</sup> Cidade francesa, estação de águas termais.

<sup>23</sup> O Brasil participou da Exposição Internacional de Higiene e Educação, que se realizou em maio de 1884.



Figura 1: Chapéu à Niniche.



Figura 2: Diferentes estilos de barretinas.



Figura 3: Chapéu *cabriolet*.



Figura 4: *Bonnet de jockey.*



Figura 5: Variados modelos de calçados femininos utilizados no final do século XIX.

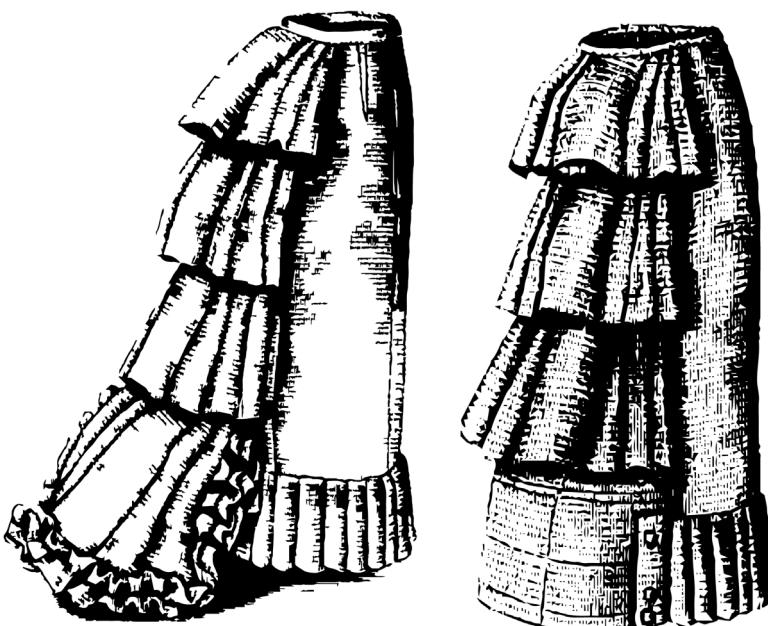


Figura 6: Dois modelos de saia *tournure*.





## 26 DE SETEMBRO DE 1884

As senhoras elegantes da Europa e dos Estados Unidos adotaram com entusiasmo neste verão a moda dos vestuários brancos, ao passo que as *toilettes* pretas têm sido menos favorecidas do que até hoje o foram.

Atribui-se esse desfavor ao fato de não haver criada de servir que não possua o seu vestido de caxemira ou merino<sup>24</sup> preto. E então as senhoras cujas posses não lhes permitem a aquisição de vestidos pretos de tecidos mais ricos prescindem inteiramente deles.

O branco e o creme estão, pois, em o número das cores preferidas, e nós, que em breve nos vamos ver em luta com o nosso terrível calor tropical, devemos adotá-las com o mesmo favor.

Uma das nossas mais conceituadas costureiras disse-nos há dias que as cores claras em geral vão ser muitíssimo usadas na Europa.

Compreende-se que não se trata de vestuários de rua. Para os passeios a pé na cidade, para as compras, continuará a ser usados os estofof escuros, e a cor da moda será o azul-marinho.

Há seis ou sete anos, as modistas introduziram nos vestuários a combinação das duas cores, — azul-marinho e *grenat*, — em listras ao comprido. Essa moda foi passageira. Reaparece agora a mesma combinação de cores,

---

<sup>24</sup> Ou ‘merino’. Tecido feito da lã do carneiro merino.

com a diferença, porém, de ser o fundo da fazenda de uma das duas *grenat* ou azul-marinho, com salpicos ou cubos da outra, havendo-as também com florezinhas bordadas à seda frouxa.

Vimos alguns tecidos com cubos ou florezinhas de duas cores, por exemplo: fazenda azul-marinho salpicada de um azul mais claro e *grenat*.

Para os vestidos destas fazendas fazem-se as golas e os punhos de veludo da cor dos salpicos assim como as fitas devem ser da mesma cor da gola.

Para as festas de jardim, para os jantares, para os passeios a carro e para as visitas, são o branco, o creme e o amarelo as cores prediletas.

“Se não houvesse mau gosto, o que seria do amarelo?” diz um antigo rifão. A moda tratou de desmentir o velho adágio, e decretou que o amarelo seria agora a “novidade”, o “rigor”.

Acreditamos, porém, que não passará isto de uma tentativa, e que a cor será somente admissível nos seus tons mais suaves, tais como o amarelo-palha, o canário e o queimado.

Além dessas, serão muito usadas todas as cores neutras, quais sejam o cinzento claro, o havana desmaiado e outras semelhantes.

Uma observação, porém, fazemos, que acreditamos não vir aqui fora de propósito.

Ordinariamente, desde que é moda o feitio de um vestuário, a adoção de determinadas cores, vai-se envergando esse vestuário, feito de cor em moda sem se atender às condições, já não diremos sociais, mas físicas da pessoa. Entretanto certos feitiços, certas cores, não assentam em tal forma de corpo, em tal cor de tez.

Cumpre, pois, ter em consideração essas particularidades quando se haja de escolher um figurino para o vestuário e a cor da fazenda. Dessa harmonia depende em grande parte a elegância.



O Oriente parece destinado agora a trazer o seu contingente para os armazéns da moda.

Além dos xales de caxemira e de toukim,<sup>25</sup> que ultimamente têm sido utilizados para túnicas e sobressaias, a cassa, a velha cassa da Índia, reapareceu

<sup>25</sup> Assim no original. Trata-se provavelmente de certo tipo de seda originário de Tonkin, ou Tonquim, no Vietnã. Mais adiante, Corina esclarece que se trata do *crêpe de Chine*. Ela usa também a grafia ‘touquim’.

e veio tomar importante lugar no preparo de *toilettes* para jantares, visitas e saraus. O seu tecido flexível e transparente fazem-na preferir para todos os vestuários em que os apanhados artísticos e as obras graciosas são a sua feição principal.

Os fabricantes franceses apresentaram ultimamente um tecido muito semelhante à cassa de que acabamos de falar, tecido esse de cores lindíssimas e que será muitíssimo usado.

Os vestidos dessa cassa fazem-se todos com forro de seda ou cetim da mesma cor.

A cassa da Índia é também muito empregada para enfeites de chapéus de palha, e mesmo se fazem chapéus toucados inteiramente dessa fazenda, garnecidos com flores, pois que as frutas e os pássaros estão sendo menos usados do que até agora para garnecimento de chapéus.

Além da cassa, foram as modistas buscar ao Oriente o toukim (*crêpe de Chine*),<sup>26</sup> que será largamente empregado para toda a sorte de vestuários, em combinação com a seda, com o cetim e com o veludo.



Há cerca de um ano, algumas senhoras, mais excéntricas do que verdadeiramente elegantes, introduziram a moda de usarem os seus vestidos de gola e punhos de veludo sem colarinho e sem punhos brancos.

Essa inovação foi reproduzida pelos jornais de modas; mas, felizmente para a reputação de asseio das senhoras, a moda não foi na Europa inteiramente adotada, e pode-se mesmo dizer que as senhoras *comme il faut*,<sup>27</sup> permitam-me o francesismo, que tão expressivo é, rejeitaram-na unanimemente.

Por infelicidade, porém, para os nossos foros de... bom gosto, a moda está tendo aqui grande aceitação, e já não são unicamente os vestidos de gola de veludo que se usam sem colarinhos brancos.

Francamente, essa moda é, além de feia, pouco asseada. Em breve tempo, com a transpiração provocada pelo nosso ardente estio e com o pó da rua, o forro dessas golas perde a sua cor primitiva e a sua limpeza. Demais, essa ausência de colarinho parece indicar a ausência também de

<sup>26</sup> Tecido leve de seda ou de lã.

<sup>27</sup> Expressão francesa: 'respeitável, distinto'.

outras peças indispensáveis ao vestuário de uma senhora. Dir-se-ia que o vestido está colocado simplesmente em cima da pele.

Aconselhamos, pois, à leitora, se alguma temos que de semelhante moda use, que não continue a patrocinar tal “novidade”, a qual foi condenada pela aristocracia da elegância do Velho Mundo.



Diz uma revista de modas francesa que os galões vão ser muito empregados para guarnições de vestidos e casacos; galões de todos os gêneros, de lã e de seda, bordados, tecidos de ouro e de prata, enfeitados de vidrilhos, etc.

Estes galões, quando muito bordados, são naturalmente caros, e, se por acaso forem “originais”, ou pouco comuns, o seu preço tornar-se-á exorbitante.

As senhoras cujos recursos não lhes permitem tais fantasias aconselha a revista a que aludimos que bordem elas mesmas os galões.

Estes bordados são extremamente fáceis, e com alguma paciência se tornam verdadeiras obras de valor e de arte.

Suponhamos um galão destinado a guarnecer um vestuário cor de lontra ou de rapé. O galão deverá ser de tom um pouco mais escuro do que o da fazenda do vestido; com um simples cordãozinho de ouro, passado aqui e acolá em pontos longos, traça-se nele um desenho caprichoso, uma fantasia, um quadrado, um losango, um arabesco qualquer.

Sobre os galões de lã preta o bordado será feito com vidrilhos pretos; se o galão for de seda preta, o bordado poderá ser feito com os mesmos vidrilhos, com miçangas de ouro, com cordão de ouro, à vontade. A combinação de miçangas de ouro e aço é uma das que mais lindo efeito produzem.

Em nosso anterior folhetim falamos do forro de uma sala com aniação bordada. Falemos agora de umas cortinas, que serão o complemento dessa mesma sala.

Essas cortinas se compõem de entremeios de renda e barras de fazenda da cor dos reposteiros.

Os entremeios se fazem de *crochet* com o barbante próprio para esse gênero de trabalho; o desenho deve ser ligeiro e aberto, é preferível mesmo fazê-lo com o ponto conhecido por “*crochet de grampo*”. Não devem tais entremeios ter menos de oito a dez centímetros de largura. As barras podem ser mais estreitas ou da mesma largura, porém nunca mais largas do que o entremeio.

Os cordões para suspender estas cortinas serão da mesma cor das barras.

Semelhantes cortinas podem também ser feitas para qualquer outra sala. Nesse caso, as barras produzirão magnífico efeito se forem de trança larga de lã encarnada.



Já que tratamos do modo de tornar mais catitas as nossas casas, mencionemos uma ou duas novidades que as senhoras nos Estados Unidos adotaram na ornamentação de suas habitações.

Imaginaram elas empregar pássaros e animais empalhados para adorno das salas de jantar e dos vestíbulos. Os animais e os pássaros, a que se procura dar a maior aparência possível de vida, são colocados a modo de cantoneiras sobre galhos de árvore secos ou sobre renovos. Presentemente, os animais preferidos são os esquilos e os saguis, e as aves são as corujas.



Outra novidade consiste nas molduras dos espelhos da sala de entrada. São de carvalho antigo e embutido de aço ou *nickel* polido. O contraste do brilho do metal com o tom escuro da madeira torna estas molduras extremamente lindas e de surpreendente efeito.



Terminemos com a descrição de um vestuário de noiva e com o das suas damas de honor, que figuraram em um consórcio da mais alta aristocracia europeia.

A *toilette* da noiva compunha-se de escumilha<sup>28</sup> de seda branca e gorgorão<sup>29</sup> sem brilho. A saia era de escumilha, disposta em pregas sobre outra de gorgorão, e a túnica da mesma escumilha, bastante cheia, apanhada por botões de flor de laranja. O corpete e a cauda-manto do vestido eram de gorgorão. O corpete, porém, ficava quase que coberto na frente por uma guarnição de escumilha disposta em forma de *fichu*.<sup>30</sup> A cauda tinha por

<sup>28</sup> Tecido muito fino e transparente, de lã ou de seda.

<sup>29</sup> Tecido encorpado de seda, com relevo que formam finos cordões; também: fita deste tecido.

<sup>30</sup> Palavra francesa. Espécie de abrigo, de tecido leve, em formato retangular, usado pelas mulheres para cobrir a cabeça, pescoço e ombros: 'fichu'.

único enfeite uma *ruche*<sup>31</sup> de escumilha. Nas dobras da *ruche* achavam-se como que escondidos pequeninos ramos de botões de flor de laranja. Véu de filó inteiramente liso.

As damas de honor trajavam vestidos de cassa da Índia branca guarne-cida de rendas valencianas e fitas de cetim. Os ramos que traziam na mão eram formados de botões de rosas-musgo<sup>32</sup> brancas, e de musgo contorna-dos por uma guarnição de renda antiga. Nenhuma dessas senhoras, nem mesmo a noiva, trazia joias de qualidade alguma.

---

<sup>31</sup> Palavra francesa. Guarnição com pregas ou com franzidos: ‘rufo’.

<sup>32</sup> No dicionário *Aulete digital*, o vocábulo registrado é ‘rosa-de-musgo’, que é o mesmo que ‘rosa-de-cem folhas’.



## 3 DE OUTUBRO DE 1884

Lemos algures, não nos lembramos onde, que na Suécia moça nenhuma se pode casar sem que tenha previamente exibido prova, perante um júri de matronas, de que sabe vestir uma criança pequenina e fazer pão.

Entre os campónios da Baviera a noiva, ao voltar da igreja para a casa de seu esposo, não transpõe o limiar da porta sem ter provado a sopa que uma serva lhe apresenta e deitado nela o sal, entrando assim a nova esposa, desde o primeiro momento, nas suas funções de dona de casa.

Estes usos e costumes de dois países quase que inteiramente estranhos a nós, são transmitidos de pais a filhos e religiosamente conservados. São eles a síntese do bom senso daqueles povos tão singelos e de vida tão sossegada.

Mencionando aqui esses hábitos, não o fazemos com o simples intuito de dar uma notícia curiosa acerca dos usos e costumes de camponeses meio civilizados. Nesses fatos encontramos proveitosa lição.

Indicam eles que os suecos e bávaros entendem, e com inteira razão, que moça nenhuma está nas condições de se casar sem que primeiro comprehenda os deveres de mãe e de dona de casa, pois sabem que todo o homem que procura uma esposa deseja encontrar nela uma desvelada mãe para seus filhos, se porventura os tiver, e uma boa diretora para o seu lar, para o seu *home*.

E nós, os civilizados, os adiantados, que fazemos?

Porventura, em toda a “esmeradíssima” educação da menina de hoje, se pensa, um momento sequer, nas obrigações da esposa e da mãe que ela poderá ser amanhã?

Não se infira daqui que na educação da mulher censuramos a instrução. Bem longe de nós está semelhante ideia.

Pretendemos apenas mostrar que cuidamos demasiado dos acessórios e enfeites do edifício que construímos sem nos lembrarmos dos alicerces em que o baseamos.

Supomos não ser ousadia dizer que não é somente nos vestuários que domina a moda. Em tudo parece ter ela ingerência, desde o corte dos vestidos até a educação que se dá às moças.

Dir-se-ia que a moda tem hoje predileção pelas “prendas” e pelos estudos científicos. Tem-se desenvolvido ultimamente na sociedade tal mania pelas moças “muito bem-educadas” (é a frase consagrada), que tudo quanto as nossas mães julgavam e entendiam ser virtudes sãs e boas qualidades domésticas, passou a ser antigualha, ideias atrasadas, roncerismo.

Não queremos com isto dizer, repetimos, que não se deva dar instrução às meninas. Ao contrário, julgamos mesmo que a instrução que hoje se lhes dá é muito deficiente.

Mme. Emmeline Raymond,<sup>33</sup> em bem elaborado artigo, recentemente publicado em França, ocupa-se da educação que presentemente se está dando às senhoras na Europa.

Protesta nesse artigo a elegante escritora contra o sistema de estudos ultimamente introduzido naquele país, e contra a mania das senhoras francesas de prestarem exame perante o conselho de instrução pública.

Já aqui tivemos, e temos ainda um pouco, essa mania, que felizmente não se tornou tão geral como na França. Teve ela em nosso país menos desenvolvimento, ou antes, sofreu como um repelão.

Não desconhecem muitos a febre de estudos médicos que se apoderou das senhoras brasileiras, e não poucos sabem quais os resultados, na maior parte: apenas encetados, foram esses estudos abandonados em seguida.

---

<sup>33</sup> Emmeline Raymond (1828 – 1902) dirigiu a revista feminina *La Mode Illustrée: journal de la famille*, de 1860 a 1902. Não tivemos acesso à revista e a Biblioteca Nacional da França só dispõe de microfilmes a partir de 1899.

O que diria Mme. Raymond se ela soubesse que já tivemos uma banda de música marcial composta de senhoras?<sup>34</sup> A elegância de uma moça tocando trombone ou zabumba deve ser cousa inimitável!

Felizmente, em boa hora o digamos, semelhante banda já debandou.

Se, porém, a mania científica não progrediu também não retrocedeu, e a educação das brasileiras na maior parte está se afastando cada vez mais do que deve ser a educação de uma mãe de família.

Hoje cuida-se tanto de música, de desenho, de botânica e até de altas ciências, que bem pouco tempo resta para a magna ciência de reinar em casa, de governar os fâmulos, de ensinar os criados, de dirigir-lhes o serviço.

Diz a escritora já citada que a mulher deve entender um pouco de ciências: da química o suficiente para fazer as suas conservas de frutas; da medicina o quanto baste para cuidar de um doente; das matemáticas só o necessário para fazer as suas contas. São cousas estas que se aprendem todas com a prática, mais que com a teoria.

Mas, se o estudo do contraponto e da perspectiva, da física e da botânica nos toma tantas horas do dia, se os divertimentos, os ensejos de brilhar na sociedade nos ocupam grande parte da noite, que tempo nos resta para dedicar à aquisição daquelas úteis ciências domésticas?

Não será, por certo, com a música, com o desenho e com a botânica, que as senhoras hão de fazer que caminhe em boa ordem o trem de suas casas, quando as tiverem.

Se, conjuntamente com essas prendas, as moças aprendessem algum uso da agulha, desde o humilde conserto de roupas rotas até o feitio de vestuários elegantes, evitariam assim o dispêndio, verdadeiramente enorme, que se faz com costureiras pouco escrupulosas, que não hesitam em pedir cem mil-reis por um trabalho que, quando muito, pode valer trinta.

Poderiam também aprender um pouco, oh! – muito pouco, da arte culinária, para, em caso de necessidade, dirigir uma cozinheira inexperiente.

Todas estas cousas são facilímas de aprender, e são de muito mais utilidade do que as outras chamadas “prendas”. Não há necessidade de abandonar os estudos favoritos; basta somente dedicar-lhes menos tempo, para não acontecer o que a muitas moças tem acontecido.

Uma vez casadas, deixam de parte todas as prendas que possuem, a fim de poderem aprender os rudimentos de governo de casa, e, quando afinal

34 Em 18 de dezembro de 1882, a *Folha Nova* noticia a existência de uma banda marcial de jovens moradoras de Icaraí, bairro da cidade de Niterói, RJ.

os têm aprendido – a muito custo –, já não lhes resta gosto pela música, pelo desenho; e, possuídas de tédio, não têm ânimo, “nem tempo” (a usual desculpa) para se dedicarem de novo às suas ocupações favoritas.

Se em solteiras, quando não tinham outros afazeres senão estes, houvessem praticado um pouco a ciência da dona de casa, não experimentariam tamanha diferença no modo de viver, e, não tendo nada de novo que aprender para governar a casa, mais tempo lhes restaria para dedicar às suas antigas distrações.

Veríamos assim menos senhoras casadas, velhas antes do tempo, cheias de azedumes, queixosas dos maridos, que preferem a mesa do jogo e a sala do hotel e do *club* ao seu lar e à companhia da esposa.

Convença-se bem a leitora, o homem é soberanamente egoísta. A todas as cousas antepõe a sua cara pessoa e as suas comodidades. Casando-se, quer encontrar na mulher uma companheira sempre pronta para acudir às suas necessidades domésticas. Não será por certo ao som das volatas, nem à vista de uma paisagem ou herbário que os botões se hão de achar pregados na camisa do esposo, nem o molho do jantar se há de fazer ao paladar do marido.

Eia, pois! um pouco menos de “dissonâncias harmônicas”, de “maneiras impressionistas” de “criptógamos e begoniáceas”, e um pouco mais de bom senso e governo de casa.

Já vai longa esta homilia, e, para fazer as pazes com a leitora, tratemos de assunto que lhe deve ser menos áspero, que lhe há de ser, por certo, mais agradável.

Tratemos das crianças.



Bem poucas são as senhoras, se algumas há, que não experimentam suma satisfação em enfeitar os seus filhinhos; nem sempre, porém, o modo de vesti-los condiz com a higiene e revela bom senso.

Em primeiro lugar, os vestuários das crianças devem ser feitos de modo a deixar-lhes livres todos os movimentos. Os vestidos justos, apertados, carregados de enfeites, não servem senão para incomodá-las.

As crianças gostam de correr e saltar; saltando e correndo, quase sempre levantam os bracinhos. Todos esses movimentos fazem parte da ginástica, tão necessária para o seu desenvolvimento físico, e que a natureza lhes ensina intuitivamente.

Como podem as crianças entregar-se aos seus folguedos favoritos, se as prendem em apertadas roupas, verdadeiros espartilhos (e não são poucas as senhoras que metem as suas filhinhas, desde a mais tenra idade, em coletes de barbatanas e ferro, com proibição expressa de amarrarem o vestido bonito)?

O bom senso diz-nos, pois, que o vestuário das crianças deve ser de feitio simples e de fazendas que admitam lavagem.

Quanto menos peças de roupa sobre o corpo, melhor. A camisa, o corpete para prender as calças e a saia, a saia e o vestido, eis quanto basta.

Os sapatos e as meias devem ser leves. Os sapatos não devem de modo algum apertar o pé; é preferível mesmo que sejam um ponto maiores do que o pé, e devem ter um salto baixo. Não há mais triste espetáculo do que o de uma criança privada de brincar porque o “sapato lhe está doendo”. Não há nada mais feio do que um menino com os saltos dos sapatos “cambados”, tortos de um lado, por não saber pisar com tacões à Luís XV.

As fazendas preferíveis, já o dissemos, são as que admitem lavagem, e entre elas todas nenhuma há que se compare às fazendas brancas.

Para uso caseiro, os linhos de Vichy, os *oxfords*<sup>35</sup> finos, são utilíssimos, pois não mostram tanto as nódoas.

Não devemos esquecer o avental à inglesa, liso, de mangas compridas, e que de tanta utilidade é.

Para os meninos, a roupinha deve ser muito pouco enfeitada, bastando mesmo os pospontos de máquina ou os *soutaches*.<sup>36</sup> As rendas como enfeite de vestidos de meninos não são admissíveis.

Para as meninas os vestuários podem ser mais enfeitados, evitando-se, porém, as segundas saias e os *puffs*, que servem somente para torná-las caricatas.

Está claro que falamos de crianças menores de seis anos de idade, e de vestuários caseiros. Para passeios podem as “mamães” empregar mais amplas fantasias, devendo a simplicidade, porém, ser a nota predominante das “*toilettes*” infantis.

Para os meninos maiores de seis anos, para os que já abandonaram as saias, não há vestuário tão útil como o *jersey*.<sup>37</sup>

<sup>35</sup> Tecido de algodão, hoje também sintético, usado geralmente em camisas de homem.

<sup>36</sup> Palavra francesa. Galão estreito ou cadarço de seda, lã ou algodão, usado para ornamento de roupas: ‘sutache’.

<sup>37</sup> Tipo de roupa de malha, originalmente de lã ou algodão.

Este vestuário, de invenção inglesa, é feito de *tricot* de lã muito fina, muito leve e muito elástica, e compõe-se de calça e gibão. Os movimentos dos meninos acham-se completamente desembaraçados nestas roupas, que à elegância reúnem a utilidade.

O vestuário à maruja é cada vez mais apreciado para os meninos. No entanto não se usam mais, com a camisa à marinheiro, para meninos menores de 12 anos, as calças compridas de boca larga, que tão ridículas se tornavam em meninos de acanhada estatura.

Até os 12 anos os meninos usam calça curta, salvo se o seu desenvolvimento físico seja tão extraordinário, que torne esse vestuário ridículo.



Figura 7: Em primeiro plano, vestido de noiva e, em segundo plano, vestidos de festa.



Figuras 8 e 9: Alguns modelos de vestimentas infantis do final do século XIX.



## 10 DE OUTUBRO DE 1884

Terminamos o nosso folhetim anterior, tratando do vestuário das crianças. Com o mesmo assunto encetaremos este.

Dissemos naquela ocasião, e repetimo-lo ainda: as roupas das crianças devem ser folgadas, e de tecidos que admitam lavagem.

Os vestuários de seda e de veludo para meninos são, além de ridículos, anti-higiênicos, e mesmo pouco asseados. A criança, vestida desses estofo, vê-se constrangida a não brincar, a não se mover, a fim de não amarrrotar nem nodoar o rico vestido. E a vida, a alegria da criança resume-se no movimento, nos saltos, nas corridas.

Quanto aos espartilhos, cujo uso empregam algumas imprevidentes mães a fim de “endireitar” o corpo aos filhos, devem ser absolutamente condenados. O mais que se pode admitir é um corpete de fazenda forte, “sem barbatanas”, reforçado apenas por cordões passados no tecido.

Os coletes para evitar desvios e endireitar os ombros às crianças já se acham na alcada do médico, e só este é competente para determinar o seu uso, pois só ele conhece quando de tais aparelhos há inteira necessidade.

Se todas as mães se conformassem com isto, deixariam muitas vezes de causar incômodos aos filhinhos, tolhendo-lhes a liberdade de movimentos, e de algum modo acanhando o seu desenvolvimento físico.

Nunca a moda se mostrou tão sensata como presentemente, no que diz respeito às *toilettes* infantis. Nunca as crianças trajaram mais comodamente.

A moda seguiu, como em tudo tem ultimamente feito, o exemplo inglês, e, pelo que toca às crianças, aliou ao bom senso prático dos vestuários ingleses o cunho da elegância parisiense.

Favorece ela, de preferência, os tecidos brancos, desde o mais fino *nanzouk*<sup>38</sup> até o fustão<sup>39</sup> felpudo para os dias frios. O feitio desses vestuários deve ser muito simples, não só porque ficam mais elegantes, como porque menor trabalho dão à lavadeira e à engomadeira.

Para os dias quentes os vestidos decotados, de mangas curtas, feitio “princesa”, isto é, inteiriços, são os mais cômodos. Nesses dias, quanto menos roupa trouxerem as crianças, melhor: a camisinha, as calças e o vestido, eis quanto basta.

Para o uso caseiro, os vestidos de linho de Vichy, como já o dissemos, são os mais úteis, principalmente no verão.

O vestuário à inglesa propriamente dito, e que se compõe de um corpete de cintura comprida, tão comprida mesmo que o saio mais se assemelha a um babado, sendo afogado, presta-se muito para os dias em que o ar se conserva frio.

Aconselhamos às mães que abafem os seus filhos o menos possível. O constante receio da friagem, do vento, da umidade, etc., e conseguintemente o uso dos coletes e saíotes de flanela, e dos vestidos espessos, só traz em resultado expor as crianças a frequentes bronquites e resfriamentos. Não cansaremos de repeti-lo; as roupas devem ser leves.

Claro está que falamos em relação à quadra estiva. Em relação ao frio falaremos oportunamente.



Tratamos também, em nosso último folhetim, do calçado das crianças. De novo nos referiremos a ele.

As mães devem ter o mais escrupuloso cuidado na escolha do calçado para os filhinhos; as mais das vezes os pés tortos e pernas arqueadas, tão frequentes nas crianças, são o resultado do calçado malfeito, que, forçando-as a pisar mal, a procurar o equilíbrio, causa esses defeitos, tão difíceis, às

<sup>38</sup> Palavra francesa. Tecido leve de algodão: ‘nanzuque’.

<sup>39</sup> Tecido natural de algodão, linho, seda ou lã, encordoado, que tem o avesso liso e o direito em relevo.

vezes, de corrigir. E entre esse calçado nenhum há tão nocivo, tão perigoso como o de tacão à Luís XV ou de sola estreita. Os sapatos das crianças devem ser folgados[,] de cabedal macio, que se amolde facilmente ao feitio do pé.



Outro ponto em que as mães devem velar é a escolha dos chapéus para os meninos.

É importantíssimo que os chapéus sejam muito leves e de abas largas para protegerem as crianças contra os ardores do sol.

As cabeças das crianças de tenra idade são débeis ainda, e os chapéus de feltro, de veludo, ou de outras fazendas pesadas, carregados de fitas, laços, flores ou plumas, além de pouco airoso, podem trazer consigo consequências fatais, exercendo funesta pressão sobre o cérebro.

O velho, o antigo chapéu de palha de Itália, de abas largas e flexíveis, voltou à moda, e, garnecido de uma simples roseta de fita, nenhum há mais útil e mais elegante para as crianças.

Até a idade de cinco anos, vestem estas igualmente, sem distinção de sexo. Somente para os meninos os tecidos devem ser lisos ou apenas de xadrezinho miúdo, com poucos enfeites.

Para as meninas há *percales*,<sup>40</sup> creme, azul, branco e *grenat*, semeados de pequenos desenhos, representando galos, gatinhos, bonecos, etc., que causam extrema satisfação e divertimento às crianças, e que servem para vestuários caseiros. Para a rua, porém, será sempre o branco a cor preferida.

Para visitas e festas ceremoniosas fazem-se os vestuários de criança de outras fazendas, ricamente garnecidas. Servem eles, porém, para poucas ocasiões, e deixam, portanto, de ser úteis. Ainda assim, os de merinó ou véu de freira brancos ou creme, enfeitados de renda, são os mais distintos.



Há algum tempo já, passando pela igreja de S. Francisco de Paula,<sup>41</sup> vimos umas senhoras que acabavam de assistir a uma missa de sétimo dia, e

<sup>40</sup> Palavra francesa. Tecido de algodão, de trama fechada: 'percal'.

<sup>41</sup> Igreja localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, projetada pelo arquiteto e entalhador português Manuel Alves Setúbal e inaugurada oficialmente em 1861 por D. Pedro II e sua esposa, D. Teresa Cristina.

os seus vestuários garridos, os seus chapéus enfeitados de flores de viva cor atraíram a nossa atenção.

Mais tarde tivemos ensejo de verificar que esse fato, que nos pareceu naquela ocasião um atentado, está se propagando, e já são muitas as senhoras que não trepidam em usar luvas de cor e chapéus enfeitados de plumas e flores nas missas dos mortos.

Quem vai assistir a uma missa, rezada em sufrágio da alma de algum amigo, ou simples conhecido mesmo, vai para acompanhar a família do morto na sua mágoa, para dar uma prova de simpatia aos que sofrem, para fazer-lhes companhia, enfim, no seu luto, e, portanto, é de luto que se deve vestir também.

Assim o impõe a cortesia, assim o entendiam nossas mães, as quais para tais atos de piedosa caridade trajavam luto rigoroso.

Dir-me-ão que esses hábitos são antigos, e que quem vai a essas missas aproveita a ocasião para, saindo da igreja, dirigir-se às compras.

A cortesia, porém, não é nem será jamais antiga, e é justamente ela quem nos diz que não devemos demonstrar aos parentes do morto que não os acompanhamos inteiramente em seu pesar, ou que aproveitamos o ensejo que se nos depara de sair em cumprimento de um dever, pensando ao mesmo tempo em bem diversas ocupações.



Já que falamos em missas de mortos, tratemos do luto propriamente dito.

O uso de trajes pretos para passeios na rua tem se tornado tão geral, são tão apreciados os vestidos de lã preta para as *toilettes* “de bater” como vulgarmente se diz, que pouco se distinguem eles dos trajes de luto, ou, por outra, os vestuários de luto como são usados presentemente pouco se distinguem dos vestuários pretos.

O luto, principalmente quando se trata de um parente próximo, suprime a moda em uso; tem a “sua moda” particular; e, desde que nos afastamos desta, usamos um vestido simplesmente preto e não um vestuário de luto.

As conveniências, marcando a duração do luto, fixam também em limites certos o feitio dos vestuários.

Para obedecer a essas conveniências, cumpre não fugir a tais prescrições, e sobretudo não adotar nos vestidos de luto as combinações, os enfeites, os “feitiços” da “última moda”.

A máxima simplicidade é a nota dominante dos vestuários de luto.

Não há cousa de pior gosto do que um vestido de luto carregado de enfeites, quando esse luto é trazido por um parente próximo. A pessoa que o traja, — deve supor-se, — não pode preocupar-se com as mutações da moda, com as faceirices mundanas. Toda entregue à sua mágoa, não conhece, não quer conhecer a moda presente.

Indicando o retraimento, a abstenção de todo e qualquer prazer mun-dano, o vestuário de luto não deve limitar-se a ser preto. É preciso que evite tudo aquilo que atrai os olhares, que brilha, que faz supor naquela que o traja uma preocupação estranha à sua dor, à impaciência de ver ter-minado o seu luto.

O luto tem sempre dois períodos: o primeiro rigoroso; o segundo menos severo, ou aliviado, admitindo até certo ponto as modificações da moda.

No primeiro período é sempre carregado.

Para as viúvas compõe-se “invariavelmente” de vestido liso, compri-do, geralmente de feitio “princesa”; de um xale comprido, que no verão pode ser de *grenadine*<sup>42</sup> e no inverno é sempre de merinó, chapéu toucado de escumilha preta, coberto por um longo véu de gaze ou crepe, envolven-do o rosto e o corpo, meias pretas e saia também preta; chapéu de chuva ou sombrinha de seda sem brilho com cabo de madeira fosca. Joia nenhuma; apenas o broche fosco também, para fechar a gola do vestido. Luvas de seda preta, bem como o cordão para prender o relógio.

Para luto de pai ou de mãe, não se usa entre nós nem o véu, nem o xale. No princípio do luto, porém, os vestidos não têm enfeite. A saia, comprida, ampla, feita em pregas, tem quando muito uma barra de crepe inglês embaixo; o corpo tem vieses do mesmo crepe nas mangas e na gola. As *ruches* na gola e nas mangas são sempre de gaze ou escumilha preta, assim como os chapéus.

As formas dos chapéus devem ser da maior simplicidade, as mais das vezes são toucados. Para as mocinhas, os chapéus são redondos, enfeita-dos de voltas de escumilha preta, e sem vidrilho algum. Os chapéus de luto de modo nenhum podem afetar as formas caprichosas do rigor da moda.

No primeiro período, os trajes de luto são sempre de lã preta sem brilho. No segundo, já se podem usar os tecidos de lã transparente, forrados de seda. A seda é, no entanto, incompatível com o luto fechado. Quando o luto está prestes a terminar, já se admite o uso de vidrilhos, mas em muito pouca quantidade.

Os leques e as sombrinhas devem ser sempre da maior simplicidade.

42 Palavra francesa. Fio de seda constituído de dois filamentos torcidos; seda leve tecida com este fio: ‘granadina’.



Figura 10: Vestimenta de luto.



## 18 DE OUTUBRO DE 1884

Na época atual, a moda tem-se caracterizado pela extravagância afetada nas formas de chapéus. A série de excentricidades operadas nesse acessório do vestuário já vai longa, e tem seguido um “crescendo” verdadeiramente assustador.

Nunca as modistas imaginaram cousas tão feias e insensatas como os chapéus destes últimos tempos, e desde a época dos balões, de rotunda memória, não vimos invento algum que se lhes comparasse.

Tiremos os chapéus *niniches*,<sup>43</sup> dentro dos quais metia-se uma senhora ocultando quase inteiramente o rosto; em seguida apareceram os *cabriolets*,<sup>44</sup> com uns alpendres que se alongavam por aí além, cobertos de plumas e fitas, dando àquelas que os usavam a aparência de quem leva uma pesada cesta emborcada na cabeça. Não há muito tempo ainda, surgiram aqui uns chapéus de copa alta e afunilada (alguns mediam quinze centímetros de altura!) eriçados na frente de asas de pássaros colocados em pé, e de pontas de fitas, dando uns ares espantados às senhoras que os traziam; eram uns chapéus que pareciam ir bradando aos céus. Com os que acabamos de

<sup>43</sup> Na verdade, trata-se de um chapéu com pala, tipo casquete ou boné. Sua designação faz referência à personagem fictícia Niniche, do conto homônimo por Ludovic Halévy (1834 – 1908). A narrativa foi adaptada com grande sucesso para o teatro em meados do século XIX e, à época, se tornou uma obra canônica do gênero da comédia de costumes.

<sup>44</sup> Palavra francesa. Tipo de chapéu feminino cujas bordas enquadram o rosto; suas palas reduzidas permitem maior visibilidade do rosto, sem ocultá-lo.

enumerar apareceram muitos e muitos outros, extravagantíssimos, feios, horripilantes. E, para pôr um remate a essa procissão de horrores, aparecem agora os *bonnets jockeys* e as barretinas, de que já falamos em outra ocasião.

Infelizmente, esta recente moda popularizou-se, de maneira que em breve teremos de ver os tais chapéus (?) usados e abusados por todos.

O grande mal está em que todas as mulheres entre nós usam hoje em dia de chapéu; desde a lavadeira até à criada de servir, todas, assim que podem, tratam de haver um chapéu, e, sem atenderem às suas condições sociais, à sua fisionomia, às outras peças componentes do seu vestuário, exigem-no do “rigor”. Como não o vão buscar senão nas casas que os fabricam em grande escala (verdadeiras obras de carregação) para obtê-los mais baratos, a moda, que a princípio seria admitida como simples fantasia, torna-se caricata.

Eis o motivo por que na Europa, onde os mesmos fatos se dão, as senhoras, as *ladies* na inteira acepção da palavra, jamais adotam o uso dessas modas extravagantes; e, elegantes sempre, sempre de suprema distinção, essas senhoras procuram dentre as mil variedades da moda aquelas que menos deem na vista pelas suas formas excêntricas, e que menos comentários provoquem pelas suas cores disparatadas e desarmônicas.

Em Paris, que é a verdadeira oficina da moda, parece que há manifesta preferência, nas novidades que se estão preparando para o próximo inverno e para o outono, em favor dos chapéus toucados e chapéus pequenos, cuja forma se assemelha ao toucado.

Estes chapéus são, na maior parte, feitos inteiramente de renda de filó ou de escumilha, guarnecidos de flores delicadas ou de fitas. As fitas de atar o chapéu são estreitas, quando não são totalmente de filó.

Para as mocinhas, os chapéus serão de feltro ou de renda; as formas redondas são muito menores do que as que se têm usado ultimamente.

Nós, que a passos largos nos vamos aproximando do verão, devemos acolher a moda dos chapéus de renda ou filó com imenso prazer, e folgar com a supressão dos pesados enfeites de veludo e fitas.

Na Itália, onde o verão é quase tão rigoroso como aqui, as senhoras que se reuniram em San Remo, a elegante *villeggiatura*<sup>45</sup> da aristocracia italiana e estrangeira que reside naquele belo país, adotaram unanimemente a moda dos chapéus em forma de toucado sem fitas de atar, semelhantes aos que se usam aqui para as meninas, feitos de cassa da Índia com salpicos de veludo; e vestidos de algodão, principalmente brancos, bordados de

45 Palavra italiana. Residência de campo, praia, montanha, para férias.

flores do campo. As princesas Cellamare,<sup>46</sup> Dora d'Istria<sup>47</sup> e Della Rocca<sup>48</sup> usam os seus vestidos abertos no peito sobre uma camisinha de fina escócia branca ou de renda.

O exemplo destas fidalgas bem poderia ser seguido aqui nas nossas vilegiaturas de Petrópolis e Friburgo, onde tanto predomina o luxo das sedas e dos veludos.



A maior parte dos corpinhos tomará nesta próxima estação da moda a forma de casacos abertos sobre coletes de todos os feitos ou camisinhas franzidas. Para bailes, para passeios, para vestuários caseiros, será essa a feição principal, sendo os coletes mais ou menos ricos, conforme a ocasião em que forem empregados.

Para vestuários de baile serão eles feitos dos mais ricos cetins de rama-gens de veludo ou froco,<sup>49</sup> tecidos de ouro e prata; muitos serão a cópia exata dos que foram usados no tempo de Luís XV, principalmente os que forem feitos de cetim branco bordados a froco e ouro. Para os vestuários de manhã, porém, os coletes serão da maior simplicidade, assim como todo o vestuário.

As *toilettes* de compras e de passeio cada vez afetam mais os feitos. As *tournures* mesmo têm-se modificado muitíssimo, sendo usadas muito menores do que ultimamente.



Em um dos anteriores folhetins falamos das festas de jardim postas em moda na Inglaterra e geralmente adotadas na Europa.

<sup>46</sup> Não foram encontradas informações sobre essa princesa.

<sup>47</sup> Pseudônimo da princesa romena Elena Ghica-Massalsk (Bucareste, 3/2/1828 – Florença, 17/11/1888). Escritora, feminista, colaborou em vários periódicos; seus trabalhos eram escritos em francês.

<sup>48</sup> Maria Embden-Heine, princesa Della Rocca (5/8/1835 – 8/5/1908). Sobrinha de Henri Heine, escreveu *Souvenirs de la vie intime de Henri Heine*, 1881.

<sup>49</sup> Tecido felpudo usado em bordados ou em ornamentos de vestuário.

Agora descreveremos sumariamente uma destas festas, que há pouco se realizou no castelo de Blicquy,<sup>50</sup> próximo de Sceaux.<sup>51</sup>

O parque fora transformado em uma espécie de jardim de hotel campestre, tendo espalhadas inúmeras mesinhas, postas para a refeição, à sombra dos diversos grupos de árvores. A dona da casa, trajando um vestuário à Luís XV, no rigor da época, acompanhada de suas filhas, trajadas todas à Clarisse Harlowe,<sup>52</sup> com vestidos de chita e chapéus segundo os modelos do século XVIII, serviam aos convidados as iguarias que estes desejavam.

Em outros pontos do parque havia mesas com jogos de gamão, de xadrez e baralhos de cartas para aqueles que não quisessem tomar parte nos outros divertimentos, tais como os balanços, o *croquet*,<sup>53</sup> o jogo da pela,<sup>54</sup> etc.

A festa terminou à noite com danças campestres sobre a relva, ao som dos instrumentos tocados pelos músicos da aldeia, queimando-se afinal um vistoso fogo de artifício.

Nessa festa, a maior parte das senhoras trajava lindíssimos vestuários de cassa ou de linho, todos eles de um feitio simples.

Havia, como sempre há, uma ou outra exceção; esses vestuários, porém, eram igualmente de tecidos leves e pouco dispendiosos. Citaremos um deles: – A saia compunha-se de *surah*<sup>55</sup> liso cor de palha, guarnecido apenas com dois babados estreitos da mesma fazenda. A túnica, de *foulard*<sup>56</sup> palha, recamado de um desenho azul escuro, era forrada da fazenda lisa, com o *puff* bastante amplo, e regaçada de um lado só, de modo a deixar ver o forro. O corpete, de *foulard*, curto, abria sobre o peito, com lapelas de veludo azul, deixando ver um colete de *surah* palha. Gola e canhões de veludo; *jabot*<sup>57</sup> de renda creme, nos punhos e na gola um fonzido da mesma renda. Chapéu

<sup>50</sup> O castelo se chama Château de la Catoire, localizado na cidade de Blicquy, na Bélgica.

<sup>51</sup> Comuna francesa.

<sup>52</sup> Clarissa Harlowe é a personagem principal do romance epistolar *Clarissa, or The history of a young lady*, do escritor inglês Samuel Richardson.

<sup>53</sup> Palavra inglesa. Jogo muito popular no final do século XIX e início do século XX. Consiste em passar bolas de madeira, impulsionadas por tacos, sob pequenos arcos: ‘croqué’.

<sup>54</sup> Esporte que consistia em lançar uma bola de um lado a outro de uma rede, a princípio com a mão e, mais tarde com o auxílio de uma raquete ou similar. É considerado o precursor do tênis moderno.

<sup>55</sup> Palavra inglesa. Tecido de seda, leve e macio, originário da Índia: ‘sura’.

<sup>56</sup> Palavra francesa. Tecido leve de seda ou de algodão.

<sup>57</sup> Palavra francesa. Ornamento de renda ou de tecido leve, preso na base da gola de blusa ou camisa, caindo sobre o peito: ‘jabô’.

de palha de abas largas, guarnecido de um ramo de centáureas posto sobre um grande laço de renda igual à do *jabot*.



Para terminar esta resenha daremos uma notícia que se prende ao mesmo assunto e que extraímos da *Moda Ilustrada*, excelente publicação que nos vem de Portugal:

“Nos almoços e jantares campestres estão se usando muito as toalhas de linho da Rússia com barras bordadas de cores a ponto de marca. Nos guardanapos bordam-se com o mesmo ponto um ou dois versos graciosos, uma frase de espírito, que, ao serem desenrolados, provocam as francas risadas e excitam a alegria dos convivas.

À imaginação e ao bom gosto dos donos da casa pertence a escolha do assunto para os bordados, os quais devem ser executados de modo a [sic] que se leiam facilmente.”<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> O texto original, publicado na coluna “Correio da Moda” e assinado por Elvira Gurjão, é: “Nos almoços e jantares campestres estão se usando muito as toalhas de linho da Rússia emolduradas com bordados de cores de que o nosso jornal já tem dado modelos. Nos guardanapos borda-se a ponto de marca um ou dois versos graciosos ou um bom dito, que ao desenrolar-se os guardanapos provocam o riso e alegram os convivas. À imaginação e ao bom gosto das donas da casa pertence escolher o assunto para os bordados que devem ser feitos de modo que se leiam facilmente.” (*A Moda Ilustrada: jornal das famílias*. Lisboa, ano VI, n. 137, 1 de setembro de 1884.). Jornal pesquisado por Maria Carlos Lino na Biblioteca Nacional de Portugal.



Della Rocca

Figura 11: Princesa Della Rocca.



## 24 DE OUTUBRO DE 1884

Aproxima-se a estação calmosa, e com ela a época das vilegiaturas no campo e à beira-mar.

Não possuímos aqui estações propriamente balneares, como as há na Europa, cujas modas todas procuramos imitar, sem termos ainda conseguido a da emigração para a beira d'água.

Contudo, aqueles que não podem nesta quadra do ano sair da corte em busca de refúgio contra a canícula, já em Petrópolis ou em Friburgo, já nas fazendas do interior, procuram com avidez as habitações nas proximidades das praias, e entregam-se ao uso dos banhos salgados, quer como medida higiênica, quer como simples passatempo.

É, pois, ocasião de pensarem todos nos seus vestuários de banho; e com certeza as senhoras mais faceiras procuram já uma variante, uma novidade nos modelos desses trajes, que tão pouco se prestam a variar.

As peças principais desse vestuário são a blusa e o calção.

Pode este último ser um tanto mais ou um tanto menos curto, e nisto cifra-se a sua modificação. A blusa admite mais algumas variantes, porém poucas.

As novidades, pois, restringem-se apenas à disposição dos enfeites ou guarnições. A cor mesmo desses vestuários não pode submeter-se aos caprichos da moda, visto que o mar, “o salso abismo”, como lhe chamam os poetas, se incumbe de destruir esses caprichos, tornando indescritíveis todas as cores que não sejam o azul, o preto e o encarnado.

São estas conseguintemente, senão as únicas, as cores preferíveis para os trajes de banho, pois que, embora mudem algum tanto o seu tom primitivo, nunca adquirem a desbotada e feia aparência que lhes imprimem as frequentes imersões na água salgada.

A blusa, como já dissemos, é susceptível de algumas variantes. Os feitos mais usados, e que menos trabalho dão, são o da blusa com pala e o de simples casaco largo.

Aconselhamos, principalmente às senhoras nutridas, que usem sempre a blusa de pala, frouxida na frente e nas costas, pois que este feitio disfarça melhor os contornos do corpo.

Para as mocinhas, que são sempre faceiras, vimos alguns modelos imitando a jaqueta bretã, com o peitilho frouxido fingindo camisinha, e gola à maruja bordada a *soutache*. Outras blusas vimos também feitas em pregas presas pelo cinto, que é acessório imprescindível sempre.

Podem as senhoras exercitar a destreza de seus habilidosos dedos bordando, elas próprias, os seus vestuários de banho a *soutache*, a ponto de cadeia, e mesmo a matiz.

Descrevemos um vestuário que tivemos ensejo de ver, ainda por concluir, e que é destinado a uma das nossas mais elegantes senhoras.

Esse vestuário é de sarja azul-marinho, com guarnições de lã e galões vermelhos. O calção é amplo, talhado à turca e frouxido pouco acima do artelho.

As costuras exteriores são garnecidas de um galão largo, vermelho, semelhante ao das calças dos militares, bordado com arabescos de lã azul-ferrete, a ponto de cadeia. Prende-se esse calção a um cinto, que se abotoa bem justo à cintura.

A blusa, bastante comprida, afeita à forma bretã, com camisinha frouxida, sendo esta camisinha toda salpicada de bordados de lã encarnada, a ponto de cadeia, fingindo pequenos galhos de coral e estrelas-do-mar. É garnecida a mesma blusa de uma ordem de galão igual à do calção, contornando toda a parte que finge a jaqueta bretã. A gola é de cetim de lã vermelha, com desenhos, apenas esboçados, representando peixinhos e mariscos, bordados a lã azul-ferrete.

Os modelos que acima citamos podem ser facilmente encontrados no importante estabelecimento do Sr. G. A. Nicoud,<sup>59</sup> que de há muitos anos tem feito dos vestuários de banho uma das especialidades de sua casa.

<sup>59</sup> Trata-se da Fábrica Nacional de Vestimentas para Banho G. Alfred Nicoud, que se situava na rua da Quitanda, 28.

Usam de colete muitas banhistas, e, como a maior parte das fazem-no por faceirice, usam dos coletes comuns, de barbatanas e ferro. Esse uso é, não só dispendioso, pois que facilmente o colete se estraga, como pernicioso também, pelo constrangimento que semelhante aparelho causa, tolhendo não pouco os movimentos.

Entretanto, há coletes próprios para banhos de mar. São feitos de borracha, e, sem apertarem demasiadamente o corpo, deixando-o desembraçado para o exercício da natação, dão extrema elegância às senhoras, que em geral oferecem um aspecto mui pouco sedutor ao saírem do mar com as roupas coladas ao corpo e dessorando água.

O uso dos chapéus e toucas para os banhos de mar tem-se generalizado muito entre nós. As toucas de oleado, empregadas para esse fim, em breve tempo se estragam e inutilizam; aconselhamos, como mais próprios e de maior duração, as toucas de borracha branca.



Em Paris, é esta a época na qual aparecem as novidades, nos tecidos, nos modelos de vestuários, nos chapéus, nesse “tudo”, enfim, que as modistas em geral denominam – *l'article de Paris*,<sup>60</sup> e que abrange desde a fazenda do vestido até o tecido da meia.

Compreende-se que os tecidos que atualmente aparecem em Paris não nos podem servir já; pois, ao passo que na Europa caminham para os rigores do inverno, nós aqui nos preparamos para os tormentos do estio. Se, porém, aqueles tecidos não nos podem servir agora, aproveitam-nos os modelos que de lá nos chegam, e poderemos fazer de linho, cassa, *voile*<sup>61</sup> ou *étamine*,<sup>62</sup> o que em Paris se faz de pesados estofos. A moda será mantida, sem a impropriedade com que de ordinário é aceita.

Continua a ser o cunho principal dos novos modelos de vestidos a mistura de dois ou mais tecidos. Somente o que era posto na parte superior passou a ser usado na inferior. Até aqui era regra geral empregar o tecido liso para a saia, e o de ramagens e outros desenhos para a túnica ou polonesa. Faz-se agora exatamente o contrário, sem contudo eliminarem-se completamente as outras combinações.

<sup>60</sup> Francês. ‘Produto de Paris’.

<sup>61</sup> Palavra francesa. Tecido leve e fino, geralmente transparente: ‘voal’.

<sup>62</sup> Palavra francesa. Tecido leve de algodão ou de lã.

Por exemplo: faz-se a saia do tecido de ramagens; a túnica e o corpete serão de fazenda lisa, devendo o corpete, porém, ser aberto sobre um colete do mesmo tecido de ramagens empregado na saia.



Sempre que temos notícia de algum trabalho novo e original, que, aliando à beleza a utilidade, possa ser feito pela leitora, apressamo-nos em mencioná-lo, a fim de proporcionar-lhe mais um ensejo de se distrair, aproveitando a habilidade de suas delicadas mãos.

Trata-se de umas capas para piano, trabalho de belíssimo efeito, artístico e original.

Essas capas fazem-se de pelúcia, de cetim ou de veludo, sendo preferível a fazenda de cor escura, e sobre elas bordam-se ou aplicam-se escolhidos desenhos, que devem ser de estilo oriental.

Para as senhoras que possuem retalhos ou restos dos antigos xales de caxemira, o trabalho não é difícil: consiste em recortar as palmas que geralmente são o desenho principal desse tecido, e, grupando-as artisticamente, aplicá-las aqui e acolá sobre a fazenda da capa, à qual são presas por um ligeiro caseado de cor que harmonize com a da fazenda. A cercadura do xale servirá para cercadura da capa, sendo o trabalho de sua aplicação idêntico ao das palmas.

As senhoras que, não possuindo os retalhos do xale, ou não quiserem empregá-los, tendo-os, para esse efeito, serão obrigadas a maior trabalho[:] o de bordarem a matiz com seda frouxa ou com froco os desenhos escolhidos para a capa. Estes bordados, repetimos, devem ser sempre de estilo oriental, em que a diversidade dos matizes e a originalidade dos desenhos imprimem um tom alegre aos trabalhos em que são empregados.

As franjas e as borlas destas capas devem ser multicores.

Para se fazer a aplicação dos bordados é conveniente ter a capa estendida no piano, a fim de se poder melhor julgar do efeito.

Forram-se estas capas de flanela fina branca ou encarnada.

A pelúcia é o estofo preferível para elas, que, uma vez concluídas, constituem um trabalho de extremo valor, já pela matéria-prima nelas empregada, já pela originalidade dos bordados.



Figura II: Traje de banho, toucas de banho e calçados para banho.





## 31 DE OUTUBRO DE 1884

Próximo está o dia de finados, a “festa” dos mortos!

É esse dia consagrado à memória daqueles que em vida nos foram caros, à recordação dos entes amados, à saudade de um pai, de um irmão, de um filho, adorados todos! É essa a ocasião das piedosas romarias aos túmulos daqueles que já gozam do repouso eterno, e, portanto, a ocasião também de levar flores e círios, lágrimas e saudades à derradeira morada de criaturas estremecidas por nós!...

Como era singela e recatada esta visita às sepulturas dos mortos quando feita por nossos pais ou avós! quanta modéstia, quanto acatamento nessas manifestações de dor, nesse cumprimento de um pio dever, nessa demonstração de um amor perene e puro!

As flores preferidas para o adorno das campas eram as modestas flores dos nossos jardins, as mais das vezes as flores que haviam sido cultivadas e amadas pelo morto a cuja sepultura eram levadas. Os vestuários eram os mais simples, inteiramente de luto, sem enfeites nem guarnições, singelos e tristes como todo o pranto sincero.

Os cemitérios, nesse dia, cheios de uma multidão trajada de negro, contristada, falando em voz baixa, tinham um aspecto solene de paz e tranquilidade, que despertava na mente daqueles que lá iam ideias sãs e religiosas acerca da morte, do eterno repouso, da vida eterna; ideias despidas do pavor

que a morte sempre inspira, ideias suaves e doces emanadas do contacto de todas aquelas demonstrações de recordação e saudade.

Hoje, porém, quando a moda, que em muitos casos mereceria o epítetode *terribilis dea*,<sup>63</sup> em tudo exerce influência, aquela antiga singeleza desapareceu, e em toda a parte se manifesta a soberania da ostentação, da vaidade e do luxo.

Presentemente, os cemitérios, no dia de finados, apresentam um verdadeiro aspecto de festa, de alegria, de divertimento, que destoa singularmente com a tristeza do lugar.

Por toda a parte se ouvem risos e galhofas, entremeados aqui e acolá pelo estoirar de rolhas e tinir de pratos. Dir-se-ia que, por um capricho de maléficos gênios, os convivas de um piquenique de jardim botânico são transportados para ali, a fim de tomarem parte, à luz do dia, em algum festim fantástico.

O luxo dos vestuários, a garridice das senhoras, a riqueza e variedade ostentadas nos adornos que guarnecem as sepulturas tornam a visita aos cemitérios antes uma excursão de recreio do que uma piedosa romaria.

E eis aí o motivo por que a maior parte daqueles que vão sinceramente prantear os seus mortos e levar-lhes às campas um tributo de saudade, preferir ir na véspera ou antevéspera do dia consagrado para tal fim.



De todas as tradições que nos transmitiu a história da humanidade nenhuma há mais antiga do que a do culto, que desde as mais remotas eras os homens prestaram sempre aos seus mortos, já acompanhando os seus despojos, já rendendo à sua memória derradeiras homenagens.

Não será, portanto, fora de propósito, nem inteiramente fora do assunto destas resenhas, lembrar quais foram os usos e costumes de alguns povos nas suas comemorações fúnebres.

Diversas têm sido, segundo os hábitos, as religiões e a civilização dos povos, estas cerimônias em homenagem aos mortos.

No Egito, depois de embalsamarem o corpo do finado, envolviam-no em faixas de linho, encerravam-no em um cofre, e assim o transportavam para as necrópoles de seus antepassados. O cemitério mais célebre era o de Mênfis, separado da cidade pelo lago de Acherusia. Apenas um homem

---

<sup>63</sup> Latim. 'Deusa terrível'.

morria, juízes escolhidos entre os anciãos examinavam cuidadosamente a sua vida; se o comportamento do finado tinha sido sempre puro, mandavam-no transportar por um barqueiro (*charon*, em egípcio) para a outra margem do lago; se, ao contrário, a sua vida havia sido má, o seu corpo era lançado à vala comum. Os malvados, os traidores e os tiranos eram atirados às feras e às aves de rapina. Os funerais dos que morriam endividados eram adiados até que as dívidas fossem pagas pelos parentes do morto.

Entre os gregos, apenas expirava um enfermo, chamavam-no pelo nome em alta voz; em seguida lavavam-no, perfumavam-no e expunham-no no vestíbulo da casa, vestido de branco e com os pés voltados para a porta. O enterro era feito pela manhã, antes do nascer do sol; na frente do prédio iam os tocadores de flauta seguidos dos parentes do morto. Chegados ao lugar das últimas cerimônias, junto ao túmulo ou à fogueira (pois que a cremação era então comum), introduziam uma moeda de prata na boca do finado, e punham-lhe um pão ao lado. A moeda era destinada a Caronte, barqueiro dos mortos, e o pão a Cérbero,<sup>64</sup> guarda dos infernos. Em seguida, inumava-se o corpo. Se o queimavam, sacrificavam nas chamas da fogueira bois ou carneiros vivos, e apagavam depois o fogo com vinho, guardando em urnas as cinzas. O funerais terminavam com um lauto banquete, para o qual os convidados se coroavam de sempre-vivas.

Na Lacedemônia,<sup>65</sup> porém, os funerais eram feitos sem a menor pompa e com a máxima simplicidade.

Entre os judeus, estas cerimônias duravam sete dias para os simples particulares, mas prolongavam-se por trinta dias para os príncipes e reis. Durante esse prazo ritual, os judeus jejuavam, rapavam os cabelos e penitenciavam-se de muitos modos. Cantavam hinos fúnebres, e o corpo, embalsamado de perfumes e envolto em uma mortalha, era finalmente conduzido ao túmulo que lhe tinha sido destinado. Não raramente se queimavam os corpos.

Em Roma logo que um cidadão morria, fechavam-lhe os olhos e a boca, e chamavam-no três vezes pelo nome, depois expunham-no, envolto em uma alva, sobre um leito colocado no vestíbulo da habitação. Assim permanecia por sete dias. No oitavo dia, um pregoeiro público anunciaria nas ruas de Roma a hora dos funerais. O corpo, com o rosto descoberto, era levado pelos filhos ou parentes mais próximos. Um mestre de cerimônias,

<sup>64</sup> Cão enorme, de três cabeças, guardião da porta do mundo dos mortos, segundo a mitologia grega.

<sup>65</sup> Ou Esparta, uma das mais importantes cidades-estado da Grécia Antiga.

seguido dos lictores<sup>66</sup> vestidos de preto, guiava o préstito. À frente iam os tocadores de flauta ou de trombeta, e em seguida o *archi-mimo*,<sup>67</sup> incumbido de representar por meio de gestos as ações salientes que o finado praticara. Após este último, caminhavam os escravos, e eram levadas as imagens dos antepassados do morto, bem como as suas próprias insígnias. Um bando de carpideiras acompanhava o corpo. Se o finado era de estirpe nobre ou ilustre, o cortejo parava no *Forum*, onde se lhe pronunciava a oração fúnebre. Conduziam-no depois à fogueira, que era sempre preparada fora da cidade. As cinzas eram recolhidas em uma urna, que se depositava no mausoléu da família. Quanto aos pobres, eram os seus corpos conduzidos em um esquife comum e enterrados sem que precedesse cerimônia alguma.

À semelhança dos judeus, os primeiros cristãos deitavam o cadáver de costas, com o rosto voltado para o oriente. Em princípio da era cristã, os corpos inumavam-se em catacumbas. Só os reis tiveram por muito tempo o privilégio de serem enterrados nas igrejas. Esse uso, tornado extensivo a todas as pessoas de distinção, foi abolido em França, no ano de 1777, e hoje o está em todos os países civilizados.

Em toda a parte da Europa, como em todos os países onde é seguida a religião de Cristo, as cerimônias fúnebres baseiam-se principalmente nas solenidades do culto cristão.

Na Índia, desde os mais remotos tempos, as viúvas são queimadas nas fogueiras que consomem os corpos de seus maridos; semelhante uso, porém, tende a desaparecer, graças às medidas enérgicas tomadas pelos ingleses, que vão introduzindo alguma civilização naquele país.

Na Turquia, os funerais têm gravidade lúgubre, e, como nós, os otomanos enterram os mortos em cemitérios fora das cidades.

Algumas tribos selvagens, especialmente na América do Norte e na Oceania, suspendem nos ramos das árvores o corpo do morto, enrolado em uma esteira.

Numerosos monumentos, cuja data de edificação não se pode determinar, atestam ainda hoje o respeito que nas passadas eras se consagrava aos mortos, e acabamos de mencionar os principais usos adotados, tanto pelos povos extintos como pelos que ainda existem.

<sup>66</sup> Segundo o dicionário Houaiss, o lictor era o “guarda que, na antiga Roma, precedia as figuras da suprema magistratura, trazendo uma machadinho junto a um feixe de varas, com o qual ia abrindo caminho em meio ao povo”.

<sup>67</sup> Assim no original. A forma latina é *archimimus*. Segundo o dicionário Aulete, arquimimo era, “na antiguidade romana, ator principal de um grupo de comediantes ou cômicos”.

Nasce delas a cerimônia da comemoração dos mortos.

Em atenção, pois, a ela, que tão próxima está, não falaremos hoje de fitas e de modas.

Diremos apenas que tal cerimônia exige apenas a maior simplicidade no trajo: quanto mais singelo for o vestuário que a leitora escolher para a sua visita ao cemitério, tanto maior prova dará do respeito a si própria e aos mortos que pranteia.





## 7 DE NOVEMBRO DE 1884

Não há muito tempo ainda dissemos nós que os vestidos de merinó preto estavam caindo em desuso na Europa e nos Estados Unidos, pelo fato de não haver criada de servir que não possuísse ou não ambicionasse possuir o seu vestido de lã preta. Este fato dá-se aqui também, onde o uso dos vestuários pretos se tem generalizado extraordinariamente para os passeios na cidade.

Não poucas vezes temos ouvido senhoras exprimirem o desejo de um vestido preto, elegante, original, que não fosse “nem merinó nem gorgorão”, para os seus passeios e compras, e, como ainda recentemente nos foi pedido conselho acerca de um vestuário desse gênero, procuramos examinar quais os tecidos pretos mais modernos, já de lã, já de seda, e para que não seja aproveitada a nossa notícia somente pela pessoa que nos consulta, dá-la-emos a nossas leitoras, a muitas das quais poderá aproveitar também.

Como para os vestuários de cor, o característico dos vestidos pretos será ainda a combinação de dois tecidos, – liso e lavrado. A variedade entre esses tecidos, quer lavrados, quer lisos, é imensa, e enumerá-los todos fora difícil.

O veludo e a renda serão no entanto o cunho principal dos vestuários mais elegantes. Sobretudo a renda, imitação de *guipure* ou *chantilly*, será muitíssimo usada e nada mais apropriado para o nosso clima, principalmente na estação que começa, do que os vestidos de renda, leves e elegantes.

Após as rendas, mencionemos as mil variedades de *grenadine*, desde a simples *grenadine* talagarça<sup>68</sup> até as riquíssimas *grenadines* lavradas de veludo.

Estas últimas são de lindíssimo aspecto, já pela beleza do tecido em si, já pela “arte” dos seus desenhos. Representam estes, na maior parte em ponto grande, flores, frutas, etc., semelhantemente aos ramos usados nos vestidos de cor o ano passado. No entanto o característico mais acentuado dos últimos modelos fabricados é o da arte decorativa, desenhos de ornato: folhas de acanto, da parra, de trevo, de hera, azevinho, etc.

Estas *grenadines*, leves, frescas, combinadas com cetim otomano ou *reps*,<sup>69</sup> servem para vestuários ricos, de cerimônia, para visitas ou passeios a carro.

Além dessas *grenadines*, há ainda a gaze, também lavrada de veludo, que é de belíssimo efeito. Não mencionamos os cetins do mesmo gênero, pois que já são mui conhecidos, cumpre, no entanto, assinalar uma novidade entre estes últimos: as flores, ou outros desenhos salpicados no tecido, já não são somente de veludo liso; os últimos cetins têm as flores alternadas, ora de veludo liso, ora de veludo *frisé*,<sup>70</sup> o que as faz assemelhar muito a um bordado de froco.

Não carece dizer que os vestidos feitos destes ricos estofos são de feitio simples, sem guarnições de babados, nem de pregas ou fofos.<sup>71</sup> A riqueza da fazenda já por si constitui enfeite suficiente; demais, é regra esta geralmente conhecida: o *froufrou*,<sup>72</sup> os fofos são unicamente admissíveis nos vestuários de fazendas simples e flexíveis.

Dir-nos-ão que os vestidos feitos desses estofos são demasiadamente dispendiosos. Parece isto à primeira vista. Se considerarmos, porém, que a quantidade de fazenda necessária para uma saia “lisa”, como as que atualmente se usam, feita destes tecidos, é muito menor do que a empregada em um vestido de babados, de fofos e outros enfeites que exige uma *toilette* de fazenda barata, veremos que a soma despendida com o menor número de metros de fazenda rica pouco excederá da que nos custa aquela.

Temos mencionado os tecidos mais ricos; passemos agora às fazendas menos vistosas, e, portanto, mais próprias para os vestuários de rua, vestuários estes sempre necessários.

68 Tecido encorpado, com fios espaçados, usado como base para bordados.

69 Palavra inglesa. Tecido grosso e encorpado de lã, seda ou algodão.

70 Palavra francesa: ‘frisado’.

71 Saliência decorativa formada pelo tecido; o mesmo que ‘tufo’.

72 Palavra francesa. Conjunto de ornatos: babadinhos, etc., com que se enfeitam roupas: ‘fru-fru’.

Entre os tecidos novos, o mais apropriado ao nosso clima é o *voile quadrillé*,<sup>73</sup> leve, macio e bonito. À primeira vista, esta fazenda parece mui semelhante ao *voile* comum; posta, porém, em contraposição à luz, vê-se que é tecida de tal maneira que forma um xadrez quase apagado, de lin-díssimo efeito.

A *vigogne*<sup>74</sup> lavrada também é já muito nossa conhecida; apresenta, no entanto uma novidade: em vez de ter os salpicos todos de veludo liso, como até agora, tem-nos alternados, de veludo liso e *frisé*. Conquanto de aparência um tanto pesada, não é esta fazenda mais encorpada do que o merinó, e pode, portanto, como este último, ser perfeitamente adotado na presente estação.

Para vestuários um pouco mais ricos, mas mui próprios para a rua, indicaremos a *sicilienne*, fazenda lavrada de pequeninos salpicos ou florzinhas de veludo liso e *frisé*, o *crêpon*,<sup>75</sup> de seda, que outra cousa não é senão o nosso velho e estimado toukim, com os mesmos desenhos que a *sicilienne*. Estes tecidos, extremamente flexíveis, prestam-se muito aos vestuários, cuja elegância consiste nas dobras e pregas graciosas das túnicas.

Como já dissemos, os vestuários feitos destas fazendas compõem-se de dois padrões, um liso e outro lavrado, sendo este, ultimamente, muito empregado às saias “lisas”, que vão assumindo o foro do “rigor”.

Entre os tecidos de algodão destacaremos a *toile de jouy*,<sup>76</sup> de uma trama finíssima, e cuja aparência elegante e distinta é um desmentido ao menos-prezo em que geralmente são tidas as fazendas de algodão.

Estas novidades, e outras muitas, que possuem as principais lojas frequentadas por nossas leitoras, podem ser todas encontradas reunidas no estabelecimento que, fazendo desse gênero uma especialidade, se intitula “casa de fazendas pretas”.



Vai-se avizinhando a época das “festas”, dos presentes de Natal, de Ano-Bom, de Reis, e estamos certos de que entre as nossas leitoras poucas,

<sup>73</sup> Palavra francesa: ‘quadriculado’.

<sup>74</sup> Palavra francesa. Tecido fabricado com a lã da vicunha: ‘vicunha’.

<sup>75</sup> Palavra francesa. Tecido de lã, algodão ou seda, ligeiramente frisado, semelhante ao crepe, porém mais fino: ‘crepom’.

<sup>76</sup> Estampa criada no século XVIII, feita em tecido de fundo branco ou *off-white*, com desenhos em vermelho, azul ou preto, alusivos à vida campestre.

ou nenhuma, haverá que não tenha alguém afeiçoadão e querido, a quem se pensa já em oferecer uma lembrança da época do ano em que devem reinar supremas as provas de amizade e consideração. Ora, de entre os presentes que se fazem nessas ocasiões, os mais apreciados são sempre aqueles que trazem o cunho do trabalho de quem os oferece, os que revelam que a lembrança desses presentes não data de um dia, de um momento que se consumiu em fazer a sua aquisição, mas sim de muitos dias e de muitas horas passadas em prepará-los, horas em que a recordação daqueles a quem são destinados esteve sempre presente e afagada.

No intuito, pois, de auxiliar um pouco a leitora na escolha de seus trabalhos de agulha, destinados a lembranças de festas, descreveremos em cada resenha um ou mais trabalhos de fácil execução e de bonito efeito.

Entre muitos modelos desses trabalhos destacaremos, por hoje, e para começar, apenas um, pouco dispendioso, original e de rápida execução.

Trata-se de uma cesta para papéis, digna de figurar no gabinete de trabalho do mais exigente e elegante dos cavalheiros.

Estas cestas, guarnecidass já, custam bastante caro; para quem as compra, porém, sem enfeites, são de preço relativamente diminuto.

Para enfeitá-las bastam apenas alguns retalhos de veludo, de flanela, de pelúcia ou de casimira, e poucas senhoras há que não possuam no fundo de alguma gaveta vários restos destas fazendas, restos às vezes, como no caso presente, muito aproveitáveis.

Cortam-se esses retalhos em forma de pequenos quadrados ou losangos, bicos ou mesmo rodas, de seis a sete centímetros de comprimento no máximo e forram-se de cetim ou *foulard*<sup>77</sup> de cor que harmonize com a da fazenda empregada, bordando-se-lhes em torno, depois, uma ligeira cercadura a ponto de espinha de lã ou torçal<sup>77</sup> encarnado, amarelo, azul, etc. No centro de cada losango ou quadrado, de cada bico ou roda, borda-se uma estrela, uma flor, a ponto largo ou a matiz.

Feito isto, prendem-se suspensos estes ornatos na borda superior da cesta, disfarçando-se o remate sob uma grega semelhante à cercadura na cor. Em seguida suspendem-se nos cantos dos cubos, dos losangos ou dos bicos, e na parte inferior das rodas, pequenas borlas de lã ou de torçal. Em vez de borlas pode-se aplicar uma franja em roda dos ornatos, o que é também de bonito efeito.

---

<sup>77</sup> Segundo o dicionário Houaiss, “cordão feito de fios de retrós ou feito de seda com fios de ouro”.

Forra-se a cesta, afinal, de cetineta ou caxemira, encarnada, ou de qualquer outra cor que não desbote.

Este trabalho, facilíssimo de fazer, pode ser executado por uma menina mesmo principiante no manejo da agulha; e aconselhamos às mamães que o façam executar pelas filhinhos para agradável surpresa do papai.



Estes presentes de festa costumam ser acompanhados de um cartão de visita da pessoa que os envia.

Nada mais *chic*, e mesmo original, do que empregar nessa ocasião, como nas visitas que se fizerem, os novos cartões de cavaco ou maravalha, que estão sendo hoje o tom, e que deveras são elegantes.





## 14 DE NOVEMBRO DE 1884

Na Inglaterra, não há muito tempo ainda, quando estreou em Londres o ator Irving,<sup>78</sup> os “elegantes” frequentadores do Strand<sup>79</sup> deram todos em andar de ombros encolhidos e corpo inclinado para a frente, afetando um passo extremamente desgracioso, com o intuito de imitarem o modo defeituoso de pisar do célebre trágico americano. Como era natural, semelhante mania serviu somente para cobrir de ridículo os *gentlemen* por ela atacados, fazendo ao mesmo tempo sobressair a arte com que o ator sabia esconder em cena os defeitos físicos que a natureza lhe dera em sorte.

Poucos anos antes, as *ladies* da corte inglesa durante algum tempo pisaram coxeando, porque a princesa de Gales,<sup>80</sup> tendo-se ferido em um pé, era obrigada a coxear, e, para tornar menos saliente o modo vacilante de

<sup>78</sup> Henry Irving, um dos mais célebres atores da Inglaterra (Keinton-Mandeville, 6/2/1838 – Bradford, 13/10/1905), estreou no teatro em 1856, na peça *Richelieu*, de Bulwer-Lytton. Reviveu *Hamlet* e produziu *O mercador de Veneza*, *Otelo*, *Romeu e Julieta*, *Muito barulho por nada*, *Noite de reis*, *Macbeth* e *Rei Lear*.

<sup>79</sup> Rua de Londres, onde, no século XIX, se localizavam teatros e casas de espetáculos.

<sup>80</sup> Trata-se de Alexandra da Dinamarca (Copenhague, 1844 – Sandrigham, Norfolk, 1925), então esposa do príncipe de Gales Eduardo VII, filho da rainha Vitória, e futura rainha consorte do Reino Unido e imperatriz consorte da Índia, entre os anos de 1901 e 1910. Foi uma referência para a moda da época.

seu pisar, as damas da corte entenderam que deviam coxejar também. Essa moda, que a princípio era posta em prática somente nas recepções reais a que a princesa era obrigada a comparecer, foi em breve adotada por todas as senhoras inglesas que supunham estar no rigor, imitando as pessoas da corte.

Estes dois fatos, que a leitora há de com justiça taxar de excessivamente ridículos e insensatos, têm tido em mais de um país imitações, feitas, está subentendido, as devidas modificações, segundo a pessoa ou o defeito postos em moda.

Atualmente, aqui na corte, temos nós uma nova forma dessa *imitomania*, conquanto não se trate de um defeito: é o olhar da atriz Lucinda.<sup>81</sup>

Conhecem todos quantos têm justamente aplaudido suas artísticas criações o olhar a que nos referimos, esse olhar longo, demorado, um tanto impertinentemente interrogativo, que a elegante atriz emprega inclinando um pouco a cabeça sobre o peito e levantando os olhos de modo a parecer quase que dirige o raio visual para as pontas da franja de seus cabelos.

Ora, a Sr.<sup>a</sup> Lucinda, artista inteligente e consumada, só faz uso desse olhar em certas e determinadas situações, para sublinhar, por assim dizer, alguma frase que diz ou ouve. Sabe, portanto, quando e como empregá-lo, e só o emprega quando deve fazê-lo. Além disso, tem a exímia atriz a seu favor a formosura com que a dotou a natureza, formosura de semblante, cujo principal encanto é, sem contestação, a beleza de seus grandes e expressivos olhos.

Algumas senhoras, reconhecendo a beleza desse olhar, julgaram tornar-se mais atrativas ou fascinadoras imitando-o e empregando-o indistintamente, a torto e a direito, mais a “torto” mesmo do que a direito.

Este fato, que a princípio podia ser tomado como uma nova faceirice de algumas senhoras que fizeram da Sr.<sup>a</sup> Lucinda o seu ideal de elegância e distinção, vai assumindo as proporções sumamente ridículas dos dois fatos que citamos ao encetar este folhetim. Mais de uma senhora temos nós visto de cabeça inclinada sobre o peito, olhos desmedidamente abertos e parados, a olharem para os mais insignificantes objetos com ares de estarem a representar ou ensaiar uma nova forma de ver através das sobrancelhas.

81 Lucinda Simões (Lisboa, 17/12/1850 – 21/5/1928). Atriz portuguesa, filha do ator José Nunes Simões. Estreou como atriz em 1867, na peça de Manuel Domingues Santos, *Benvinda ou A noite de Natal*. Veio ao Brasil em abril de 1872, acompanhada do pai, e aqui se casou com Furtado Coelho, seu empresário. Em 1874, excursionaram pela Europa e, pouco depois, separaram-se, voltando a atriz para Portugal.

Estamos convencidos de que a leitora é incapaz de praticar semelhante insensatez, e, se em alguma ocasião a sua faceirice a leva a empregar a vivacidade de seu olhar para auxiliá-la no que diz ou quer exprimir, com certeza esse olhar é todo seu, é natural, e adequado à situação, não é estudado durante horas inteiras em frente de um espelho, para ser empregado a esmo, para servir de arma em batalhas de “coquetismo”, e de espantalho, pela impropriedade de ocasião, às almas ingênuas que ignoram esse novo invento introduzido por algumas “elegantes” no arsenal da faceirice feminina.

Com certeza, a primeira a rir-se desse novo método de olhar há de ser aquela a quem se procura tão desazadamente imitar.



Prometemos, em nossa última resenha, ocupar-nos de trabalho de agulha; digamos, pois, alguma cousa sobre tais trabalhos.

Como todas as cousas em geral, a “arte” dos trabalhos de agulha progide de dia para dia.

Não é sem intenção que chamamos “arte” ao produto da paciente aplicação feminina. Assim como se educa o gosto no cultivo da música e da pintura, o gosto nos trabalhos de agulha tem também sua educação, e de um para outro ano sofre mudanças que a princípio parecem insignificantes, mas que no fim de algum tempo são completas.

A época dos cachorrinhos bordados a estofo, dos gatinhos e dos papagaios de tapeçaria, das rosas e frutas de miçangas já passou. As flores de froco e canutilho, os quadros de santos e de meninos bordados à seda frouxa são hoje obsoletos. E é na variedade das cores e na originalidade dos desenhos orientais, e na fantasia dos bordados búlgaros, persas, russos e turcos que vamos buscar inspirações.

Digamos em primeiro lugar que a diversidade e a multiplicidade de trabalhos femininos escapam à enumeração. Executa-se toda a sorte de bordados sobre todos os tecidos imagináveis, com todos os pontos conhecidos, — matiz, russo, de espinha, de marca, etc. Têm a fantasia e a imaginação da mulher vasto e livre campo para as suas criações, e, quando estas não são fáceis, acodem-lhe em auxílio a imitação e a adaptação.

Ao pitoresco é que se deve visar, e para consegui-lo devemos buscá-lo nos modelos antigos de outros países, e nos nossos de séculos passados, já que o viver e o século atual pouco têm de pitoresco.

Em compensação, a faculdade de adaptação é amplíssima; nos atuais trabalhos de agulha a imitação e a cópia de estofos antigos, de velhos bordados, de desenhos de “estilo”, e a rejeição de tudo quanto não procede de um período histórico ou de um país estranho e original, são a base principal de sua execução e acabamento.

Assim, aproveita-se para um galão[,] um tapete, uma almofada, um pano de mesa, etc., a “ideia” apanhada de relance em algum bordado antigo ou de procedência estranha.

Estas ideias não podem ser estabelecidas, pois que variam segundo as individualidades que as põem em prática, e seguem o estilo do trabalho a que foram aplicadas. Em tais condições, é impossível encontrar trabalho preparado ou encetado já; improvisa-se ou copia-se de um fragmento qualquer, e quanto mais acentuado for o cunho da individualidade de quem o executar, tanto mais precioso ele será, pois terá adquirido o mérito da originalidade, qualidade tão procurada hoje.

Um dos bordados mais usados presentemente é o da aplicação sobre fazendas lisas de desenhos recortados de sedas antigas, de flores fantasiadas e orientais, de figuras gênero Watteau<sup>82</sup> tiradas de chitas da Pérsia e cretones<sup>83</sup> de cortinas. Estas aplicações são fáceis de fazer, e lindíssimas, contanto que a pessoa que as haja de executar tenha gosto no agrupamento de seus recortes.

Embora estejam muito em moda esses e outros trabalhos inteiramente modernos, a antiga tapeçaria continuará a predominar entre todos, pois tem o privilégio de ser, além de sólido e durável, sempre bonito. Ainda assim, neste gênero de trabalhos o gosto moderno tem suas exigências, e, afora os diversos estilos históricos que datam da época de Henrique II de França<sup>84</sup> à de Luís XIV,<sup>85</sup> e a assemelhação dos bordados orientais, a arte da tapeçaria moderna não admite outro gênero de ornato.

82 Modelo de vestido do final do século XIX que se parecia com as roupas retratadas nas pinturas de Jean-Antoine Watteau. Um vestido modelo Watteau apresentava as costas em *sacque* (espécie de capa larga, com pregas) e um corpete bem justo na frente.

83 Tecido de algodão ou de linho, com urdidura de cânhamo, geralmente usado para confeccionar colchas, cortinas, tapetes, etc.

84 Rei da França (Saint-Germaine-en-Laye, 1529 – Paris, 1559) de 1547 a 1559.

85 Rei da França (Saint-Germaine-en-Laye, 1638 – Versailles, 1715) de 1643 a 1715, conhecido como o Rei Sol. Teve um reinado marcado pela etiqueta e grandes festas na corte. Seu maior legado foi o palácio de Versailles.



Satisfazendo o compromisso que tomamos, vamos dar a descrição de uma almofada para sofá, feita a “aplicação”.

A fazenda empregada para o fundo deve ser pelúcia ou cetim preto. Recortam-se cuidadosamente as flores e folhagens de alguma bonita chita de cortinas, além das flores, recorta-se também um grupo de figuras Watteau, fácil de encontrar-se na grande variedade de padrões das mesmas chitas. Alinhava-se o grupo no centro, ou transversalmente em um dos ângulos da fazenda cortada em quadrado; em seguida compõe-se com as flores e folhas recortadas uma cercadura para o grupo, fazendo como que uma grinalda que se vai estreitando para as duas extremidades, as quais não devem tocar uma na outra. Alinhavados cuidadosamente as flores e o grupo, são tanto este como aquelas presos à fazenda por um ligeiro caseado de lã desfiada que deve ser da cor ou do mesmo tom do contorno que se está prendendo, a fim de não se destacar o caseado da flor ou da folha aplicada. Forra-se a parte inferior da almofada com cetim *grenat* e debruam-se as costuras com cordão de seda, prendendo-se borlas aos cantos.

Algumas dessas almofadas vimos nós com as aplicações presas à fazenda a ligeiro ponto de cadeia feito com fio de ouro. Nesse caso, os contornos de cada flor, de cada folha, e as roupagens das figuras do grupo são delineadas com o mesmo ponto e o mesmo fio.



Figura 11: Alexandra da Dinamarca.



## 21 DE NOVEMBRO DE 1884

É digno de nota que um dos traços mais característicos da moda em nossos dias é a facilidade e a faculdade que tem cada um de seguir o seu gosto individual.

Obriga-nos isso a ter, ou procurar ter, mais gosto do que outrora; em compensação, porém, não somos constrangidos, como nos tempos de nossas mães e de nossas avós, a adotar um feitio de vestuário ou uma forma de chapéu inteiramente em desarmonia com o nosso físico ou a nossa individualidade.

Esta tolerância estende-se aos vestuários de noiva, que até há bem pouco tempo ainda eram sujeitos a rigorosa uniformidade.

Assim, ao passo que uma noiva exige que lhe coloquem o véu no alto da cabeça, deixando o rosto completamente descoberto, outra coloca-o à judia, isto é, cobrindo-lhe o rosto e descendo-lhe até quase aos pés. Do mesmo modo que todas as maneiras de usar o véu são admissíveis, assim também são aceitáveis todas as qualidades de véu.

Na Europa, entretanto, a última moda é a dos véus de renda de Alençon,<sup>86</sup> de Inglaterra, ou de outro qualquer ponto antigo; e, como esses véus, justamente pela sua antiguidade, são preciosos e difíceis de obter do comprimento de que ordinariamente se usa, são eles empregados mesmo curtos. Em tal caso, são colocados como as mantilhas espanholas, presos

---

86 Renda feita com agulha, originária da cidade de Alençon, na França.

ao cabelo com dois ramos de flores de laranjeira, postos ambos do lado esquerdo, um quase no alto da cabeça, outro atrás da orelha, à andaluza.

Dissemos que estes véus são antigos, e portanto caríssimos; por isso, os véus de renda moderna ou de simples filó de seda são muitíssimo empregados pelas pessoas que, não podendo obter os que a moda exige, procuram com a elegância substituir a riqueza.

Aqui no Brasil, porém, muitas senhoras possuem verdadeiras preciosidades em rendas, as quais, já pela ignorância do seu verdadeiro valor, já pelo pouco ou nenhum caso que se faz daquilo que não traz o cunho da última novidade parisiense, jazem no olvido entregues às traças e às mãos pouco escrupulosas de criadas descuidadas. Pois é esta a ocasião de desenterrar do fundo das arcas todas essas preciosidades, e muita avó terá o prazer de enfeitar o vestuário de noivado de alguma neta querida com as mesmas rendas que deram realce ao seu quando se casou.

Somos infelizmente tão escravos da rotina, que muito provável é que as leitoras prefiram usar o véu de filó bordado à seda frouxa, o qual tão comum se tem tornado, em vez de uma preciosa mantilha de teia antiga. Então, a ser assim, pode esta ser utilizada para guarnecer o vestido, já sob a forma de *panier*,<sup>87</sup> já empregada em feitio de avental, na frente do vestido.

Para os vestuários de noiva, além das rendas verdadeiras e antigas, são muito usados também os filós bordados e as rendas de imitação, que são fabricados ultimamente com tanta profusão e proficiência.

Claro está que nos vestuários em que se emprega a imitação, as rendas verdadeiras não devem figurar sob forma alguma, e vice-versa.

Um dos feitiços mais bonitos de vestidos de noivado é o longo vestido de renda imitação ou de filó bordado, sobre cetim.

A saia é de cetim, tendo na barra cinco babadinhos estreitos de pregas, cobertos por outros de renda. Acima destes coloca-se um babado de quarenta a cinquenta centímetros de altura, da renda ou filó de que se faz o vestido, tendo na bainha uma renda igual à que cobre os babadinhos da barra. A túnica de igual filó ou renda é longa e ampla, sendo simplesmente arregaçada dos lados, colocando-se no esquerdo um grande ramo de flores de laranjeira.

O corpete, também de renda, é forrado por outro de cetim, muito justo, sendo o de renda franzido no colo, e preso à cintura por uma fita de cetim, devendo ambos os corpos ser afogados.

A saia faz-se com cauda postiça.

---

<sup>87</sup> Palavra francesa. Armação que as mulheres usavam para tufar as saias: 'anquinha'.

Esta combinação tem a vantagem de poder o mesmo trajo ser utilizado depois como vestuário de baile ou saraú, não tendo a trivialidade dos comuns vestuários de noiva, que são sempre fáceis de reconhecer, principalmente quando são de cetim ou *damassé*.<sup>88</sup>

A escumilha branca sobre gorgorão está sendo também muito usada para vestuários de noiva. Essa fazenda exige extrema simplicidade de feitio.

Além dos tecidos que mencionamos, muitos outros são usados, tais como o touquim,<sup>89</sup> o crepe de Lyon, e o veludo de Gênova; o cetim e o gorgorão são pouco empregados, a não ser para forro ou sombra de outro tecido transparente. Todos os feitios podem também ser adotados, sendo, portanto, fácil a escolha apropriada ao tipo, à estatura e à idade da noiva.

Desde algum tempo, as modistas parisienses têm empregado botões de rosas brancas com folhagem, de mistura com as clássicas flores de laranjeira nas guarnições dos vestuários e nas grinaldas das noivas; a murta também tem sido adotada para esse fim. Esta inovação vem trazer uma variante a tais guarnições, que pecam pela monotonia.

A antiga grinalda em forma de diadema ou coroa está quase abandonada, sendo substituída por um ramalhete que prende o véu de um lado.

Sob os grandes véus à judia, de filó liso, sem bainhas nem bordados, se usam apenas pequenos galhos de flores de laranjeira, que serpenteiam por entre as ondas do cabelo.

As botas de seda ou de finíssima pelica são muito mais distintas e elegantes do que os sapatos de cetim para os casamentos cuja cerimônia se faz de dia na igreja, e que obrigam, portanto, a noiva a descer do carro e atravessar a calçada, a subir a escada e transpor o adro. Para os casamentos feitos em casa, à noite, e cuja celebração é seguida de baile ou saraú, o sapatinho de cetim é então preferível.

As luvas são compridas, de pele da Suécia, unindo-se à manga do vestido.

A noiva não põe joias; quando muito, são permitidos apenas brincos de pérola; o mais distinto, porém, é não trazê-los. As pulseiras, os broches de ouro e brilhantes são de extremo mau gosto.



88 Palavra francesa: ‘adamascado’.

89 Assim no original.

O luxo, e principalmente a elegância vão consideravelmente invadindo as nossas casas.

Quem se der ao trabalho de comparar o modo de mobiliar as nossas habitações usado há uns quinze anos com a maneira por que se arranjam hoje as nossas residências, reconhecerá que temos caminhado muitíssimo na senda da elegância e do conforto *chez soi*.<sup>90</sup> Já lá vai o tempo em que o ideal de uma sala bem mobiliada era o clássico sofá medalhão, de jacarandá ou vinhático flanqueado das quatro não menos clássicas poltronas, e das fileiras de cadeiras estendidas ao longo da parede, sendo a sua monotonia quebrada apenas pelos consolos encimados das jarras e da pêndula, objetos de respeito e receio das mães dos meninos travessos.

Hoje, as nossas salas, na maior parte, apresentam um aspecto de elegante desalinho, de conchego e de conforto, que convidam à palestra e tornam mais francamente afáveis as reuniões. Jardineiras, vasos com plantas raras, profusos trabalhos de feminil paciência, e com mais ou menos arte dispostos, denotam o cuidado e o desvelo dos donos da casa em guarnecer e tornar atraentes as suas habitações.

Entre os compartimentos que mais atenção devem merecer à dona da casa contamos a antessala, que é o primeiro lugar que se oferece aos olhos dos visitantes, e que pela sua disposição e boa ordem dá ideia do arranjo do resto da casa e do bom gosto de quem nela reside.

Os reposteiros têm papel saliente na antecâmara e nos vestíbulos, e até no preparo desses objetos encontrará a leitora ensejo de fugir à trivialidade de gosto que se nota nos reposteiros comprados feitos.

Um reposteiro de pano com aplicação de quadros bordados representando flores de longas hastes, como as flores dos biombos japoneses, ou um pavão com o leque da cauda aberta, uma cegonha com um peixinho no bico, será um trabalho que, além do mérito de ser feito pela dona da casa, terá o de evitar o cunho de “obra feita” que caracteriza quase todos os objetos fornecidos em grande escala pelas fábricas estrangeiras.

Descrevamos mais minuciosamente esses reposteiros, ou antes esses quadros. São eles uns quadrados de linho cru ou talagarça java, sobre os quais bordam-se, à seda de cores vivas, flores, pássaros ou quimeras. Se a residência a que são destinados esses reposteiros pertence à titular, o brasão do dono da casa pode substituir outro qualquer bordado. Estes quadros,

---

<sup>90</sup> Expressão francesa. ‘Da casa de cada um’.

que podem também ser de cetim da cor de linho cru, são aplicados bem no centro do reposteiro, o qual deve cair direito, sem apanhados nem dobras.

Faz-se uma cercadura de fantasia ou bordada sobre barras da mesma fazenda dos quadros, que é em seguida aplicada ao reposteiro. Para essa cercadura se escolhe [sic] uns desenhos simples, representando folhas largas e compridas, flores japonesas, libélulas ou borboletas.



Figura 13: Almofadas bordadas.

21 de novembro de 1884



Figura 14: Reposteiro bordado.





## 28 DE NOVEMBRO DE 1884

Pior do que a febre amarela, mais terrível do que o cólera, está grassando entre nós um mal, que de dia para dia vai tomando maior incremento, que sorrateiramente vai invadindo o seio de nossas famílias, dominando tudo, devastando a saúde, a bolsa, e não poucas vezes destruindo até a vida dos infelizes por ele atacados.

Esse mal é o jogo.

O jogo! eterno espantalho dos pais previdentes e bons, que temem pela paz e tranquilidade dos filhos; causa de muita lágrima, de muito gemido de esposas jovens e belas ainda, abandonadas pela banca e pelo baralho; provocador de desavenças, de misérias, de recriminações conjugais; fautor da pobreza e da ruína de famílias inteiras, quando em muitas ocasiões não o é de crimes horríveis!

Quantas e quantas vezes não temos nós ouvido lastimar este ou aquele moço, possuidor aliás de inúmeras boas qualidades, dotado de invejável talento manifestado em mais de um dos ramos da atividade humana, mas que é apontado a dedo com o hediondo labéu de jogador!

Infelizmente esse epíteto, que, em tempos não mui remotos, fazia recuar as mães escondendo as filhas e estremecer os pais, hoje não provoca já tamanho horror, e o mal vai crescendo e avolumando-se de hora em hora.

Atualmente, a mesa de voltarete é móvel obrigado em quase todas as casas de tratamento, o baralho e as fichas são vistos em toda a parte, e, sob

a capa de inocente passatempo em noites de reunião, se perdem avultadas somas, que não poucas vezes furtam às famílias a satisfação de mil e uma necessidades imprescindíveis, de conforto e bem-estar.

Não há saraú em que não figure o jogo, e na intimidade de mais de uma família se esconde sob aparência respeitável e séria a hediondez de uma espelunca!

Não está na alçada, dir-se-á destas resenhas, exclusivamente dedicadas às senhoras, criticar e zurzir os maus hábitos e os vícios dos homens, como a princípio o jogo deve parecer; nem o faríamos, por certo, se ele se conservasse “propriedade” unicamente dos homens. Mas, com pejo e mágoa o confessamos, o terrível mal vai se tornando também predileção das mulheres.

Desgraçadamente é verdade que mais de uma senhora não se vexa hoje de sentar-se à mesa de jogo e manejar as cartas com o maior desembaraço.

Claro está que não nos referimos aos muitos jogos de cartas em que não figura o dinheiro e que, como outros de prendas, são apenas armados para distração e passatempo de algumas horas de ócio.

Falando das senhoras que jogam, trato unicamente daquelas que, com esquecimento de sua feminilidade, não se pejam de baralhar as cartas e jogar a dinheiro!

À mesa de jogo, cessam para a mulher a sua qualidade e a sua jerarquia social, e passa ela a ser, na gíria dos jogadores, um simples “parceiro”; e para o parceiro no jogo não há delicadezas nem contemplações: se erra, ouve as censuras, as mais das vezes ásperas, do parceiro interessado na sua cartada; se ganha, está sujeito ao mau humor dos adversários, pois que poucos são os jogadores com bastante sangue-frio para se lembrar das regras e ditames da sociedade à vista de uma péssima cartada ou da felicidade do adversário com quem está jogando.

Estas cenas vão-se tornando frequentes em várias casas, são presenciadas por muitos, as pessoas que nelas figuram estão sujeitas aos reparos e maledicências daqueles que a elas assistem.

Ora, o que é mais para lastimar, não poucas vezes, esses voltaretes se transformam em verdadeiros jogos de parada, no *lansquenet*,<sup>91</sup> *baccarat*<sup>92</sup> e outros, e então reina o vício com toda a sua repulsiva hediondez!...

Dessas senhoras, que tão levianamente se entregam à paixão das cartas, muitas são mães de filhas moças já e impressionáveis, cujo espírito e cuja

<sup>91</sup> Palavra francesa. Espécie de jogo de cartas: ‘lansquené’.

<sup>92</sup> Palavra francesa ou inglesa. Jogo de cartas: ‘bacará’.

alma têm elas a missão de formar, e que ante os funestos exemplos e a incúria materna desconhecem ou olvidam todos os sãos preceitos que tornam a mulher soberana e grande.

O quadro que acabamos de traçar, embora muitas vezes presenciado, não se tornou, por enquanto, geral; o mal, porém, vai-se propagando, e não será para admirar que assuma as proporções de moda.

Fuja dele a leitora. O jogo é um vício, mas que as convenções da sociedade toleram no homem; na mulher é mais que um vício: é uma degradação.



Em um jornal inglês encontramos um artigo acerca dos vestuários iguais usados por duas ou mais senhoras, [o] que nos parece bem aplicável ao Brasil, onde esse uso é geral, principalmente quando se trata de irmãs. Do artigo a que nos referimos extratamos os períodos que se seguem e que acreditamos de interesse para a leitora.

“O uso de se vestirem duas moças irmãmente é um dos que menos agradáveis são à vista. Raras vezes o vestuário que assenta em uma diz bem na outra, e o aspecto geral da *toilette* nem sempre é tão perfeito que aconselhe a sua repetição. Mesmo quando o vestuário é bonito, torna-se menos elegante, se se acha repetido em irmãs de diferente tipo e estatura. Se elas são parecidas, deve-se ter o cuidado de torná-las menos semelhantes e dar-lhes aparências distintas uma da outra. Se uma é menos favorecida do que a outra em dotes fisionômicos e gentileza de porte, esse fato se torna mais saliente pela igualdade de vestuários, pois o que dá realce à beleza desta põe em maior evidência a fealdade daquela. Na rua, principalmente, o contraste físico avulta mais.

“A afetação que se oculta sob o epíteto de amizade faz com que duas moças ou mais desejem trajar ‘vestidos iguais’. O casamento, de ordinário, põe termo a semelhante sestro; mas nem sempre assim acontece, e as infelizes criaturas que se deixaram levar pelo uso já contraído continuam a vestir irmãmente, mesmo com o avançar da idade, e tornam-se, depois de certo tempo, assunto de motejo para as mais moças.

“Não poucas têm tido o ensejo de ver, em alguma reunião, duas senhoras idosas, penteadas à inglesa, de sapatinhos baixos, vestidos à moda de trinta anos passados, encruadas no velho hábito de se vestirem com trajes iguais, e de quem se diz: ‘São as irmãs X, muito boas senhoras, e muito amigas, – vestem sempre iguais’.

“No tempo dos cabelos soltos, dos vestidos brancos e faixas de seda, tal costume não era de todo feio; hoje, porém, com as mil novidades de vestuários da moda, onde se podem escolher trajes adequados a todos os tipos, o uso dos ‘vestidos iguais’ é de muito mau gosto.”



Já pensou a leitora no presente de festas que tem de enviar à amiga? Veja se lhe serve a seguinte ideia:

Em uma antecâmara ou saleta de conversa pode servir o pano que passamos a descrever, para cobrir as costas de uma poltrona ou de uma cadeira de balanço.

É feito esse pano de entremeios de *crochet* e tiras de pelúcia bordada.

Os entremeios fazem-se de linha cor de linho cru, em ponto de *crochet* de grampo, da largura de sete ou nove centímetros, e um pouco mais compridos do que o recosto da cadeira a que é destinado o pano, e arrematam-se esses entremeios com uma franja da mesma linha.

As tiras são de pelúcia verde-azeitona com aplicações de flores de seda antiga, as quais são presas à fazenda pelo mesmo sistema de aplicação que descrevemos em um de nossos últimos folhetins.

No caso de não se poderem obter os desenhos de seda ou brocados antigos, hoje tão raros, bordam-se a matiz, sobre a pelúcia, com seda frouxa, flores e folhas soltas. As tiras devem ser mais compridas do que os entremeios, com as pontas dobradas em bico, e nas extremidades destes colocam-se borlas. Forra-se tudo com cetim vermelho escuro.

E eis aí um presente de festas que não deixará de ser apreciado por quem o merecer.



## 5 DE DEZEMBRO DE 1884

Em um dos mais aristocráticos palacetes da rua do Riachuelo<sup>93</sup> realizou-se, na semana passada, uma pequena representação dramática, em que só tomaram parte crianças.

Eram dignos de nota o orgulho e a satisfação que aquele grupo de meninos sentia em se verem os heróis da noite, e em terem a consciência de poder, na medida de suas forças, proporcionar algumas horas de distração e alegria à “gente grande”.

[E não era um dos menores encantos da festa ter sido ela toda organizada e levada a efeito pelos cuidados e desvelos de uma mãe zelosa em pre-[ilegível] o cenário e a composição da peça representada até seu ensaio e desempenho, tudo foi produto do engenhoso talento da digna senhora a quem nos referimos.]<sup>94</sup>

Ao vermos tão bem levada a efeito a empresa intentada por essa carinhosa mãe, não podemos deixar de lamentar que entre nós não sejam mais frequentes essas festas em que a mais saliente parte é reservada às crianças.

Infelizmente, aqui se cuida tanto das alegrias e da satisfação dos grandes, que pouco ou nenhum tempo resta para se dedicar ao contentamento e júbilo desses pequenos seres que nos cercam, e cujo riso, cujos brincos deveriam constituir alegria bastante para seus pais.

---

<sup>93</sup> Logradouro da cidade do Rio de Janeiro que remonta ao século XVI. Foi nomeado rua do Riachuelo em 1865, após a vitória brasileira na batalha do Riachuelo.

<sup>94</sup> O trecho entre colchetes foi de difícil leitura, dado o mau estado de conservação do jornal.

As festas infantis são raríssimas entre nós, e as crianças, entregues a amas e criadas, as mais das vezes, levianas, ou pouco escrupulosas, cedo se habituam a procurar com mais afã as distrações e camaradagens que estas lhes proporcionam com o fito de tê-las quietas, do que a companhia de seus pais, a quem se acostumam a julgar severos e pouco tratáveis, ou a desrespeitar, sem a devida veneração.

Se as mães, a exemplo da senhora que acima citamos, se ocupassem mais dos divertimentos de seus filhos, se procurassem prendê-los junto a si, ora reunindo os filhinhos de suas amigas em casa, ora levando-os a reuniões semelhantes – que o seu exemplo não tardaria a tornar frequentes –vê-los-iam em pouco tempo mais amigos de seus pais, do seu lar, menos propensos a fugirem para a porta da rua ou para o portão da chácara em companhia das criadas e das amigas por elas reunidas ali.

Depois não é somente a vantagem de tê-los junto a si que deve aconselhar às mães essas reuniões. As festas infantis iniciam as crianças nas boas práticas da sociedade, tendem a desembaraçá-las, a dar-lhes mais confiança em si, a estimulá-las ao estudo e ao trabalho, pois com certeza os que menos sabem procurarão, já por simples espírito de imitação, já por louvável brio, igualar-se aos que mais saber ou mais aplicação revelam.

Em França, na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, as reuniões e os bailes infantis são considerados quase como necessários, e em todas as casas onde há crianças a “festa dos meninos” se realiza, ao menos uma vez por ano.

Na Inglaterra e nos Estados Unidos, nestes últimos tempos, introduziu-se uma inovação nessas festas, inovação que, pela sua ideia filantrópica e singela, se torna extremamente comovente, e ao mesmo tempo ensina às crianças a prática da primeira das virtudes cristãs: a caridade.

Na maior parte das festas infantis americanas e inglesas, o vestuário das crianças é todo feito de chita ou de estofos modestos; são daí banidas as sedas e as fitas, os bordados e as rendas de valor. E esses vestuários singelos, mas cuidadosamente feitos, que serviram para adorno e satisfação de muitos meninos, a quem não faltam riqueza e bem-estar, são, terminada a festa, distribuídos pelos meninos pobres do bairro onde se realizou a reunião.

Assim, a alegria, que reinou durante algumas horas entre os favorecidos da sorte, vai-se refletir entre os deserdados da fortuna, os quais por sua vez nos mesmos vestuários vão encontrar alegria e conforto durante muitos dias, durante muitas semanas. Os pequeninos seres que brincam, trajando esses vestuários modestos, sabem que devem tratá-los com cuidado, pois que em seguida vão estes servir para seus irmãozinhos pobres, e aprendem,

entre risos e flores, a santa lição da caridade, sentindo, ainda infantes, a inefável alegria que a esmola dada proporciona a quem a dá.

Ao mesmo tempo, as pobres criaturinhas a quem couberam esses vestuários, e com eles seus pais, longe de invejarem e maldizerem as festas dos ricos, abençoá-los-ão.

Estamos certos de que, ao lerem esta notícia, muitas mamãs terão, lá no fundo da alma, o desejo de verem seus adorados filhinhos figurando em alguma dessas festas de amor e caridade.

Pois que não fique em desejo vago essa aspiração! É tão fácil contentar as crianças! É tão doce dar uma esmola em nome de um filho estremecido ao filhinho pobre de outra mulher que padece e sofre as torturas da miséria!

Uma festa de crianças pouco custa a realizar, e senhora nenhuma se recusaria a praticar uma boa ação divertindo ao mesmo tempo seus queridos filhinhos.

O Natal aí se aproxima, o Natal que é a festa essencialmente das crianças, a festa do Deus Menino, o qual veio ensinar aos homens a religião que é a da caridade e da paz. Que melhor ocasião, pois, do que o Natal para dar-se uma reunião infantil semelhante às que costumam dar as mamãs inglesas e americanas?

A ideia aí fica. Entre os nossos usos e costumes afigura-se-nos que é esse bem digno de ser adotado, e aconselhamos à leitora que o acolha. O seu exemplo será seguido por outras, e a bênção das mães, e a satisfação dos pobrezzinhos que foram lembrados nessas ocasiões serão ampla recompensa ao trabalho que porventura houverem tido as organizadoras das festas.



Não é somente entre crianças que se dão festas como as de que acabamos de falar: nos Estados Unidos são muito frequentes os *calico balls* (bailes de chita), assim chamados porque as senhoras que neles tomam parte, e que pertencem às mais influentes famílias da sociedade norte-americana, apresentam-se todas com singelos vestuários de chita, os quais são depois distribuídos também pela pobreza.

Esse uso, que não é moderno na grande república, já foi imitado na Inglaterra.

Há bem pouco tempo, os fabricantes de tecidos em Manchester<sup>95</sup> uniram-se e deram um grande baile, para o qual convidaram as mais aristocráticas senhoras da cidade, rogando-lhes que para os seus vestuários só

---

95 Cidade da Inglaterra. No final do século XVIII, destacou-se pela fabricação de tecidos de algodão.

fizessem uso de estofos de algodão ali fabricados, a fim de serem os mesmos vestuários distribuídos pelas pobres.

As senhoras acederam ao convite, e o baile foi dos mais brilhantes de que há notícia naquela grande cidade, já pela sua originalidade, já pelo fim com que era dado.

Foi talvez essa festa que despertou em Miss Ellen Terry a ideia de propaganda em favor da indústria inglesa, da qual já tivemos ocasião de falar à leitora.

Imagine-se de que efeito não seria aqui, onde são tão frequentes as festas de caridade, um baile desse gênero dado nos vastos salões do nosso Cassino!



Para não perder o hábito, nem faltar à promessa feita, vamos finalizar descrevendo dois pequenos trabalhos, de fácil e ligeira execução, e que ainda podem ser feitos para presentes de festas.

O primeiro é um porta-lenços, o qual se faz do seguinte modo:

Corta-se um retalho de pelúcia *grenat*, de 30 centímetros de comprimento sobre 37 de largura; em um dos ângulos borda-se, à seda frouxa, um raminho de margaridas e *myosotis*. Forra-se a pelúcia com cetim azul *myosotis*, e com cetim acolchoado da mesma cor se formam dois bolsos no lado do forro. Dobra-se ao meio a pelúcia assim forrada, fazendo-se uma espécie de carteira, que se debrua com cordão de seda azul-clara. Na dobra da pasta, ou carteira, passa-se uma fita também azul, que vem atar-se pelo lado exterior em um elegante laço, o qual deve ficar no ângulo oposto àquele em que está o bordado. Aos cantos prendem-se borlas de seda das duas cores, azul e *grenat*.

O segundo trabalho é um pano para mesa de sala de visitas, dessas pequenas mesas que servem para a colocação de álbuns, vasos com flores, porta-cartões, etc.

Faz-se o pano de pelúcia cor de azeitona ou *grenat*. Sobre tiras de palha de seda, de 12 centímetros de largura, se bordam a matiz folhagens de outono, ou folhas secas, avermelhadas e verdes, e se aplicam depois essas tiras ao pano, formando-lhe barra. Faz-se uma franja de borlas de seda das três cores, palha, azeitona e *grenat*, que se prende à mesma barra, e desse modo se tem um riquíssimo pano de mesa, digno de ser oferecido à mais exigente das amigas.



## 12 DE DEZEMBRO DE 1884

Surgem de todos os lados os *clubs* musicais, cada bairro possui o seu, e em alguns existem mesmo dois e mais pontos de reunião para o cultivo da arte musical sob todas as formas.

Estão, pois, os *clubs* em moda, e a música, que entre nós imperou sempre soberana, parece tomar de dia para dia maior desenvolvimento.

Esses *clubs*, que, não há negar, foram criados todos após o Club Beethoven,<sup>96</sup> cuja benéfica influência se tem feito sentir no mais acurado estudo dos grandes mestres clássicos, no mais aprofundado conhecimento que todos os cultores da música procuram ter da arte a que dedicam e consagram não pouca parte do seu tempo, tendem a dar maior impulso aos estudos dos amadores que figuram em seus concertos.

O gosto, a moda dos atuais *dilettanti*,<sup>97</sup> parece levá-los de preferência a estudarem no piano, que é o instrumento mais aceito pelos amadores, — os

<sup>96</sup> Graças à iniciativa de Robert Jope Kinsman Benjamin, o Clube foi inaugurado em 4 de fevereiro de 1882, com sede na rua do Catete 102, no Rio de Janeiro. Era um local de reuniões e palestras, com salas de leitura, de armas, de xadrez e de bilhar. Promovia concertos quinzenais e, entre os frequentadores, figuraram Machado de Assis, que foi bibliotecário do Clube, o visconde de Taunay, Artur Azevedo, Rui Barbosa e André Rebouças. Teve sua segunda sede na rua da Glória 62, e findou suas atividades em 1890.

<sup>97</sup> Plural do vocábulo italiano ‘dilettante’: ‘diletante’.

mestres clássicos, ou os modernos que se filiam à escola dos primeiros. No canto, as árias das óperas, que antigamente faziam as delícias dos amadores, os quais não trepidavam em se exibirem em público cantando os trechos mais difíceis e que eram muitas vezes escolhos assustadores de artistas de reputação formada, estão hoje quase completamente em desuso. Nos salões dos *clubs* raras vezes se ouvem os gorjeios, os trinados, as escalas, as *fioriture*<sup>98</sup> que acompanham sempre as árias de *bravura*,<sup>99</sup> como as chamam os italianos. Se alguma senhora ou algum cavalheiro canta um trecho de ópera escolhe sempre um em que o “frasear” e o “dizer” sejam a principal dificuldade. Já não cantam; “dizem” a sua ária ou o seu romance.

As peças, porém, em que os amadores de canto mais procuram exibir-se são as melodias e os romances. As composições de Tosti,<sup>100</sup> Rotoli,<sup>101</sup> Denza,<sup>102</sup> Rupes,<sup>103</sup> etc., cujas maiores dificuldades consistem justamente no dizer, são as prediletas.

Francamente, preferimo-los, os amadores, no tempo em que “cantavam”; pois que, com poucas exceções, esses romances raras vezes são interpretados da maneira por que o esperavam sem dúvida seus autores. Mas Denza, Rotoli e Tosti estão presentemente em moda, e por isso quase todos os que cantam dão preferência a estes compositores.

Vê-se, pois, que até na música tem influência a moda, e, embora a natureza de nossos escritos nos vede criticar a música, não nos inibe de nos referirmos a ela.

Como, pois, é questão de moda, quiséramos que alguma de nossas gentis amadoras mais patriótica, alguma de entre as muitas que sabem cantar, pusesse de parte uma ou outra vez os seus favoritos autores estrangeiros e se lembrasse dos nossos compositores brasileiros, ou daqueles que têm escrito *romanzas*,<sup>104</sup> *melodias*<sup>105</sup> ou *ballatas*<sup>106</sup> com letra em português.

98 Palavra francesa: ‘variações’.

99 Palavra italiana. As árias de bravura são compostas com trinados, floreios, de maior dificuldade, escritas para o virtuoso.

100 Francesco Paolo Tosti (Ortona, 7/4/1846 – Roma, 2/12/1916). Compositor italiano, professor e maestro da corte real. Em 1875 foi para Londres.

101 Augusto Rotoli. Professor e compositor italiano (Roma, 1847 – Boston, 1904).

102 Luigi Denza (Nápoles, 1846 – 1922). Professor de canto e compositor italiano.

103 Georges Rupes, compositor.

104 Palavra italiana. Composição musical de caráter sentimental.

105 Palavra italiana. Composição musical.

106 Palavra italiana. Composição musical, especialmente para piano.

Se alguma senhora tivesse a lembrança de cantar, nos salões do Club onde fulgura o seu talento, uma composição com letra em português, estamos certa de que colheria larga messe de aplausos, já pelo seu patriotismo e “denodo” em romper com o exclusivo hábito de cantar em italiano, em francês e até em alemão, já pela prova que assim daria de que a língua portuguesa, e que nós brasileiros falamos, é tão doce e tão suave como a italiana.

O seu exemplo, por sem dúvida, a princípio não seria seguido; mas, estamos convencida, com um pouco de perseverança, “a moda pegaria”.

Estas ideias, que nos acudiram à mente, quando Arthur Napoleão<sup>107</sup> publicou a sua lindíssima coleção de romances em português, sob o título de *Ecos do passado*, no-las veio avivar agora o recebimento do *Cancioneiro musical português*,<sup>108</sup> que se publica em Portugal, e cujo autor quer demonstrar às amadoras lusitanas o mesmo que acima dissemos: a língua portuguesa presta-se tanto como a italiana a ser aplicada ao canto.

Jazem no olvido e no abandono muitas composições que Carlos Gomes,<sup>109</sup> antes de partir para a Itália, escreveu para canto com letra em português, e conjuntamente com as produções do autor do *Guarani*, muitas e muitas outras de diversos nossos patrícios.

Se as amadoras brasileiras quisessem aceitar o nosso conselho, parece-nos que em pouco tempo Carlos Gomes, Henrique Alves de Mesquita,<sup>110</sup> Arthur Napoleão, Miguez<sup>111</sup> e outros distintos mestres, aliados aos nossos mais mimosos poetas, se encarregariam de lhes oferecer riquíssimo e profuso escrínio de joias musicais de subido valor, nas quais brilhariam com toda a sua pujança o estro brasileiro e o talento da amadora encarregada de o interpretar.

Eia, pois! Um pouco de boa vontade! e nos salões dos *clubs*, hoje tanto em moda, façam-se ouvir, ao lado das composições dos mestres estrangeiros,

<sup>107</sup> Artur Napoleão dos Santos (Porto, 6/3/1843 – Rio de Janeiro, 12/5/1925). Pianista e compositor português, fixou-se no Rio de Janeiro em 1866. Sua obra *Ecos do passado* foi editada em 1881.

<sup>108</sup> Obra coletiva. Lisboa: David Corazzi Leipzig: Imp. Breitkopf e Hartel, 1884.

<sup>109</sup> O mais importante compositor de óperas brasileiro (Campinas, 11/7/1836 – Belém, 16/9/1896), teve D. Pedro II como grande admirador e mecenas. O rei enviou-o para Milão para aprimorar seus estudos. Sua ópera *O guarani* estreou no Teatro Scala, de Milão, em 19 de março de 1870 e, no Rio de Janeiro, a primeira audição da obra ocorreu em 2 de dezembro do mesmo ano, no Teatro D. Pedro II, depois denominado Teatro Lírico.

<sup>110</sup> Compositor, organista e regente brasileiro (Rio de Janeiro, 1830 – 1906).

<sup>111</sup> Leopoldo Augusto Miguez (Niterói, 9/9/1850 – Rio de Janeiro, 5/6/1902). Compositor, violinista e maestro brasileiro, mais conhecido no Brasil pela autoria da música do *Hino à Proclamação da República*.

ao lado de Tosti e de Rotoli, as inspirações dos mestres brasileiros e portugueses, em nada inferiores àqueles.



Ultimamente fomos acusada de fazer concorrência às modistas de fama descrevendo nestas modestas resenhas o modo de fazer os vestuários por cuja execução elas tão exorbitantes preços geralmente exigem.

Antes essa do que qualquer outra acusação, embora tão infundada e injusta como foi ela.

É escrito o nosso folhetim, quando trata de modas exclusivamente, para auxiliar, — é esse pelo menos o nosso intuito, — aquelas de nossas leitoras que, não possuindo grandes recursos pecuniários, fazem elas próprias os seus vestidos ou os mandam fazer pelas criadas costureiras que têm em casa. E sabemos que mais de uma senhora tem aproveitado as nossas descrições para encomendarem vestidos às grandes artistas da tesoura, às costureiras mais conceituadas.

Longe de nós a intenção de maldizer destas últimas, as quais são, no fim de contas, as sacerdotisas da moda, em cujo nome decretam as leis da elegância; e mais de uma vez temos recorrido ao seu engenho para a descrição dos vestuários de que damos notícia neste nosso rodapé.



Falemos agora um pouco de modas. Isto pôr-nos-á de bem com a leitora que faz os seus vestidos em casa, e fará que não nos queira mal a costureira a quem outra leitora encomendar os seus.

O profuso emprego de bordados ricos e largos nos vestuários, a grande aceitação que neste inverno têm tido em Paris os galões de todos os gêneros para guarnições de vestidos, são sintomáticos: com esses enfeites<sup>112</sup> volveremos às aparências de simplicidade, às linhas retas, aos vestuários lisos, afugentando cada vez mais as saias cobertas de massas de fazenda, disfarçadas sob os nomes de *puffs*, arregaços, fofos e babados, que, pela quantidade de estofos e de “feitios”, são apenas de proveito para os lojistas, com detimento, muitas vezes, do bom gosto e da elegância.

---

<sup>112</sup> Assim no original.

Os estofos que hoje se fabricam, ainda mesmo os mais simples, têm tal aparente riqueza, que dispensam o vestuário de grande quantidade de enfeites. As túnicas tendem todas para as pregas ao comprido e para os arregaços, que, por assim dizer, caem a direito. As *étamines*, os linhos, os *zéphyr*<sup>113</sup> e os *voiles* são tecidos que nos chegam na maior parte, bordados, já em salpicos pela fazenda toda, já em largas barras, de modo que, mesmo para os vestuários de verão, esses tecidos se prestam para o feitio de vestidos do gênero de que falamos.

Em Paris, tem-se notado que os vestidos de visitas, de jantar ou baile, se fazem, de certo modo, parecidos com os vestidos de 1840, isto é, de cintura bastante comprida e de corpinhos de bico; e as túnicas mais modernas são franzidas e presas ao corpinho acompanhando-lhe o bico. Profetiza-se que regressaremos aos corpinhos abotoados nas costas.

Uma das últimas novidades, nos corpinhos de vestuários de baile, de jantar e visitas, é terem eles, entre o forro e a fazenda da frente, delgados *sachets* perfumados.

Para os mesmos vestuários de cerimônia, os veludos e os brocados são os estofos mais favorecidos.

Em uma recente festa em Paris, uma das senhoras que mais sensação causaram trajava riquíssimo vestido, cuja saia lisa, de longa cauda, era de veludo cor de lontra, semeado de botões de rosa-musgo de tamanho natural. As cores mais delicadas das flores e das folhas eram tecidas de maneira a parecer bordadas à mão, ao passo que os tons mais escuros dos botões e do musgo eram do froco.

A imitação era perfeita, e o conjunto do vestuário de extraordinária riqueza.

Os bordados imitando froco têm sido reproduzidos em toda a espécie de fazendas de verão, e há bem pouco tempo tivemos ensejo de ver, no estabelecimento – Ao High Life<sup>114</sup> –, *étamines* com lindíssimos bordados deste gênero.

Entre os novos tecidos de seda e de lã, apareceu recentemente um denominado “mina de ouro”, que o grande Worth,<sup>115</sup> o célebre costureiro

<sup>113</sup> Palavra francesa. Tecido muito fino de algodão: ‘zefir’.

<sup>114</sup> *A Folha Nova* de 16 de setembro de 1884 estampa a seguinte nota: “Ao High-life. – Abrir-se-ha brevemente este grande armazém de tecidos, modas e novidades para senhoras”.

<sup>115</sup> Charles Frederick Worth (Bourne, Lincolnshire 13/11/1826 – 2/3/1895). Estilista inglês, aos 20 anos foi para Paris. Depois de um ano de adaptação à nova língua e cultura, foi contratado para trabalhar na Gagelin’s, loja especializada em roupas de seda, bordados e outros artigos de luxo. Em 1864, eliminou a crinolina, deixando os vestidos apenas com uma cauda e, poucos anos depois, adicionou a anquinha na parte de trás de seus modelos, criando a silhueta dominante na *Belle Époque*.

de Paris, tem empregado largamente para vestuários de passeio de carro e jantares de cerimônia. Este tecido, ou por outra, esta novidade, que aliás se pode obter de seda, lã ou cetim otomano, consiste apenas em ser a sua cor havana ou lontra com um fio de ouro entremeado na trama da fazenda. Este fio deve ser de ouro, e não de seda amarela, o que o torna uma tosca imitação da verdadeira “mina de ouro”.



Terminaremos com uma curiosa notícia.

Um inventor norte-americano acaba de apresentar ao mercado feminino um “leque-binóculo”. Nas duas varetas do centro estão colocadas poderosas lentes de finíssimo cristal, habilmente disfarçadas. Quando a dona do leque quiser ver sem que o percebam, basta-lhe esconder o rosto atrás dele e espreitar pelas duas lentes.



## 19 DE DEZEMBRO DE 1884

Mais alguns dias ainda, e estaremos em pleno Natal, a época das reuniões de família, do conchego do lar; época em que, fechados os colégios e encerradas as academias, buscam os filhos, contentes e prazenteiros, o teto paterno.

É, pois, chegada a ocasião das “festas” e dos presentes. E de ano para ano se vão tornando mais ricos e suntuosos os preparativos para o Natal e Ano-Bom.

As lojas de modas enchem-se de custosas rendas, de lindas sedas, de finos veludos; as casas de quinquiarias apresentam riquíssimos brinquedos e teteias mil, cada qual mais artística, mais original e de mais valor; os livreiros nos mostram soberbas edições, luxuosamente encadernadas, dos melhores e mais apreciados autores; as confeitarias ostentam as suas lindas caixinhas e os seus enfeitados cartuchos, e tudo, tudo parece indicar que o velho costume de presentear os amigos por ocasião da festa comemorativa do nascimento do Senhor, e pela entrada do novo ano, ainda não caiu em desuso.

À medida, porém, que essas manifestações vão tomando caráter de mais luxo e magnificência, vamos nos esquecendo um pouco do verdadeiro Natal, o Natal cristão, que significa paz e boa vontade, perdão de ofensas, amor e fraternidade entre os homens.

As mais das vezes, quando recordamos com uma dâdiva a bem-aventurada festa, fazemo-lo com a preocupação dos comentários mundanos, e quiçá com o espírito do egoísmo, da vaidade, que nos obriga a ostentar perante indiferentes uma afeição que não sentimos, que não nutrimos no coração. Obsequia-se muitas vezes um estranho quase, unicamente porque as convenções sociais nos forçam a fazê-lo.

Haja, pois, pelo Natal menos oferecimentos dispendiosos, menos presentes de valor, e um pouco mais de afeição e amor do próximo.

O Natal deve ser essencialmente a festa da caridade. Mais proveitoso é encher a despensa de uma família necessitada, vestir algumas crianças pobres, do que presentear com um objeto de valor quem já muitos outros possui, oferecer uma joia a quem delas não carece.

A festa d'Aquele que veio à terra ensinar aos homens a caridade e o amor do próximo deve justamente constituir-se toda de caridade e amor.



Tudo se transforma, tudo desaparece. E, entre as cousas que têm seguido essa lei fatal, vai aos poucos desaparecendo o presepe, com o qual as crianças festejavam o Natal. E note-se que o presepe já era também a transformação de festa mais antiga e mais imponente.

Na Idade Média, a festividade do Natal consistia em um auto representado por homens e mulheres, com grande luxo e imenso concurso de povo, em alguma igreja ou na praça a ela adjacente; e a esse auto se chamava *Mistério do Natal*.

Era considerado uma grande honra o fato de tomar parte na representação do mistério; e essa honra era quase um privilégio das pessoas mais gradas e inteligentes, privilégio que muitas vezes se pagava à custa de abundantes esmolas dadas aos pobres.

Era assim que há quinhentos ou mais anos se celebravam as festas do Natal.

A estas representações, em que tomavam parte homens e mulheres, sucedeu o presepe, em que figuraram então homens de cera, de madeira e de papel; e esse velho uso já se vai perdendo entre nós, para ser substituído pela “árvore de Natal”, de origem germânica.

Com a supressão do presepe, a festa do Natal vai perdendo todo o caráter religioso, que tão tocante era, e transforma-se em ruidosa alegria das crianças, provocada pela presença de mais ou menos lindos e ricos

objetos presos aos ramos do pinheiro ou da araucária, todos constelados de estrelas e de luzes.

Essas estrelas, que lembram a estrela dos reis magos, são o último vestígio da religiosa lenda de Belém. Onde mais abundantes são os presentes e os *bombons*, mesmo aquele último traço desaparece.

Do maravilhoso, que tanto encantava outrora as crianças, hoje nada ou quase nada resta, e a árvore, cujos galhos se curvam ao peso dos presentes, só desperta nas crianças a ideia do gozo e do proveito material, ideia que o nosso século tende a fazer que predomine em tudo.



Falemos, porém, de modas, para que não seja todo de “rabugices” este folhetim.

Uma das últimas novidades para guarnições de vestidos é a renda de lã lhama cor de linho cru, que diz perfeitamente com os vestidos de *voile* dessa cor; serve para guarnições elegantes de túnicas e casacos.

Essa moda apareceu quase repentinamente e tudo invadiu, pois que tudo se garnece com essa renda.

Além da de cor de linho, há muitas de cores iguais às das fazendas mais em moda. Nestas últimas rendas ainda se encontram mil variantes, sendo elas tecidas, já com fios de seda, de prata, de ouro ou aço, já entremeadas de estreitos galõezinhos dos mesmos metais. Até os chapéus se enfeitam com essas rendas.

Em Paris têm tido extraordinária aceitação os casaquinhos e as jaquetas de cor diversa das saias dos vestidos para *toilettes* de passeio, de jantar e de reuniões familiares.

Esses casaquinhos fazem-se longos ou curtos, devendo estes últimos ser usados somente por senhoras de talhe delgado e airoso; são quase sempre de pano ou de lã, escuros, azul-marinho, verde-garrafa, castanho ou cinzento.

São utilíssimos para o aproveitamento de saias de vestidos, cujos copinhos, ou por estarem usados ou por se acharem fora da moda, são postos de lado como inúteis.

Para os passeios ao campo e mesmo à rua, muitos deles são bordados de ouro e de prata, à hussara, à hungara.

Os casaquinhos para vestuários de jantar ou sarau são, as mais das vezes, feitos de veludo ou de seda, finamente bordados à seda da mesma cor que a fazenda. Além desses bordados, servem também para garnecer

estes casaquinhos os galões de toda a sorte, tecidos de ouro e prata, bordados com miçangas formados de tranças de cordão de froco, e em muitos se vê até, como enfeite, franja de vidrilho.

Em suma, segundo um elegante cronista da moda em Paris, está ali em pleno reinado a jaqueta.



Da *Moda Ilustrada* de Portugal, excelente publicação de que já falamos, extraímos a seguinte notícia:

“Para os vestidos de baile vimos uns bordados de grande beleza, e cuja execução é fácil.

São os bordados de veludo. Recorta-se o veludo lavrado de ramagens e aplicam-se sobre a seda ou tecido que se quer bordar. Circulam-se com seda ou fio de ouro todos os contornos, e é deste bordado que se formam os aventais, e as guarnições. O efeito é magnífico, e, como não pode ser feito senão por boas obreiras, adquire elevado preço.

Deem-se VV. Ex. as a este trabalho, e verão como com paciência ou bom gosto, em pouco tempo, terão uma *toilette* de suprema elegância.”<sup>116</sup>



Temos sobre a mesa uma lindíssima coleção de cartões para cumprimento de festas e bons anos, e que nos foram enviados pelo Srs. Guimarães & Ferdinando.<sup>117</sup> Achamo-los tão distintamente artísticos (os cartões, já se vê), que não podemos deixar de mencioná-los, recomendando-os à leitora.

<sup>116</sup> O texto original, assinado por Elvira Gurjão, publicado na coluna “Correio da Moda”, é: “Para os vestidos de baile, de que em breve falaremos vimos uns bordados de grande beleza e cuja execução é fácil. São os bordados de veludo. Recorta-se o veludo lavrado de ramos e aplicam-se sobre a seda ou tecido que se quer bordar. Circula-se com seda ou fio de ouro todos os contornos, e é deste bordado que se formam os aventais, e as guarnições. O efeito é magnífico e como não pode ser feito senão por boas obreiras adquire elevado preço. Deem-se VV. Ex. as a este trabalho, e verão como com paciência e bom gosto em pouco tempo terão uma *toilette* de suprema elegância.” (*A Moda Ilustrada*: jornal das famílias. Lisboa, ano VI, n. 141, 1 de novembro de 1884). Jornal pesquisado por Maria Carlos Lino na Biblioteca Nacional de Portugal.

<sup>117</sup> Livraria e papelaria com endereço na rua do Ouvidor, 35, de propriedade de Joaquim da Costa Leite Guimarães e Alberto Ferdinando Cogorno de Oliveira.

O uso dos cartões para festas, há tantos anos posto em prática na Europa, só há pouco tempo foi introduzido aqui.

A remessa de um desses cartões, com uma frase amável escrita nele, substitui perfeitamente um presente, pois o que se deseja demonstrar à pessoa a quem se obsequia é que ela não foi esquecida. Um cartão de festas, que é ao mesmo tempo um objeto artístico como aqueles de que acima falamos, não pode deixar de ser sempre bem recebido.

Durante momentos, pelo menos, a pessoa de quem nos lembramos se recorda de nós com um sorriso, e tão grata nos fica como se lhe houvessemos enviado um mimo de valor intrínseco.



É este o último folhetim que escreveremos antes do Natal; e, pois, rogando ainda uma vez à leitora que, por entre os risos e alegrias que a cercam, no doce conchego do lar, não se esqueça dos pobrezinhos de sua vizinhança para quem o Natal não traz conforto nem contentamentos, terminamos desejando-lhe desde já Boas-Festas.





## 26 DE DEZEMBRO DE 1884

Não há muitos dias, ouvimos nós uma senhora, ainda moça e formosa, estar-se queixando, em termos repassados de mágoa e azedume, do quase abandono em que a deixava seu marido.

Essa senhora, notamos nós, pouco cuidado revelava no seu modo de trajar: o vestuário que trazia, embora novo, achava-se amarrrotado, descolado em mais de um lugar e preso com demasiada negligencia. Querendo alguém endireitar um babado que se havia desprendido, disse ela:

“— Ora! não vale a pena! Estou casada e não tenho mais ninguém a quem seduzir...”

Esta frase, quantas e quantas não a têm pronunciado, mesmo em tom de gracejo! e no entanto resume ela em si o segredo de muitos infortúnios domésticos.

Infelizmente, poucas não são as senhoras que, uma vez casadas, se julgam eximidas de certos cuidados que para com a sua pessoa tinham quando solteiras. Mais de uma senhora, por estarem casadas, pouca ou nenhuma atenção dispensam ao seu trajar no interior de sua casa; não vacilam em se apresentarem despenteadas, com os vestidos rotos ou pouco asseados, à mesa onde seus maridos as esperam para a refeição da manhã.

A última impressão que de sua esposa leva a lembrança do marido saindo, é a de uma imagem desgrenhada, desmazelada, suja, que o acompanha

durante o dia no seu labor. E quantas vezes, ao recolher-se de tarde à casa, não encontra ele a esposa ainda com o mesmo vestuário com que a deixou pela manhã!

Não refletem essas senhoras que, em solteiras, quando seus maridos as conheciam, elas não se lhes apresentavam em semelhantes trajes. Pois não é fácil imaginar que o vestuário, a elegância, o seu aspecto cuidadoso, em suma, não concorrem um pouco para o amor que inspiraram?

Por mais formosa que seja uma mulher, se a elegância, o asseio e a educação não lhe prestarem auxílio, a sua formosura de pouco lhe valerá. E essa elegância, esse asseio, essa educação devem acompanhá-las sempre, mesmo no interior de sua casa, mesmo quando “já não tenham ninguém a quem seduzir”, e as pessoas que a cercam sejam “de casa”, e com elas se não façam cerimônias.

“A moça que se casa, disse um dos nossos mais queridos romancistas, deve continuar a ser a namorada do seu marido.”

E, com certeza, o judicioso escritor não excluía dessa “namorada” o modo de se apresentar ao esposo.

A senhora de que acima falamos não é única, infelizmente; muitas outras há em tais condições, e que como essa pensam também.

É em sua intenção e na daquelas que se queixam das seduções que sobre seus maridos exercem os prazeres que encontram fora do lar doméstico, que damos hoje, e em seguida, um artigo intitulado – “Façamo-nos belas” – e firmado por “Neera”,<sup>118</sup> uma das mais elegantes escritoras que atualmente colaboram no jornalismo em Itália.

Ei-lo:



“Poucas contradições há, creio eu, mais comuns do que esta: ao passo que no púlpito e na escola, os feios, por inveja, os formosos, por modéstia, e quase todos por hábito pregam e proclamam constantemente ser a beleza um dom que nada vale, adoramo-la e incensamo-la de fato, exatamente como nos felizes tempos da Grécia antiga, quando Vênus tinha templos e altares em todas as cidades.

O cristianismo, que despreza por palavras esse dom, que exalta os desgraçados, os feios e os pobres de espírito, no entanto imaginou Jesus belíssimo,

---

<sup>118</sup> Pseudônimo da escritora italiana Anna Radius Zuccari (Milão, 1846 – 1918).

formoso S. João, e formosíssimas Madalena, Eva, Ester e Judite. As suas igrejas, onde se prega contra o luxo, são o empório de tudo quanto a arte e o dinheiro podem reunir para tornar a vida mais sedutora, e mais amplo o sentimento de bem-estar que em nós produz a contemplação do belo.

Os seus ministros bradam contra as sedas e as joias das mulheres, trajando ouro e sedas.

Na Bíblia encontra-se a descrição da filha de Sião, trigueira, mas formosa ‘como as tendas de Chadar, como o pavilhão de Salomão’ e a não ser a ideia de comparar uma mulher a um pavilhão, cousa que não corresponde mais à estética dos tempos modernos, aquela formosa e apaixonada esposa do *Cântico dos cânticos* ainda hoje nos enamora apesar de tantos séculos idos e de tantas duchas geladas.

Quem imagina uma Virgem feia? O frade ascético, pensando em Maria, a vê alva como um lírio, fúlgida como uma estrela, coroada de uma suave auréola de beleza e de graça. O mais austero dos cenobitas, entre os silêncios do claustro, entre as duras disciplinas, no completo esquecimento do mundo, sente também a necessidade da beleza e a invoca do mesmo modo que o poeta: – ‘Tu, que com asas de anjo desces à nossa vida.’

Mulher e anjo se fundiram sempre na mente humana para ascender a um ideal completo de beleza, de perfeição e de amor.

A aspiração à beleza é um dos mais delicados instintos do homem, – no bruto falta ele inteiramente – nas pessoas rudes e ignorantes esse instinto é apenas sensível; e entre os grandes facínoras é mesmo raríssimo.

Os versos de Lacenaire:<sup>119</sup>

‘Beleza divinal, pura e sublime.  
Das noites minhas fostes vós o sonho.’

são uma monstruosa exceção. Quem ama verdadeira e profundamente o belo não pode ser mau, porque a beleza, quanto mais elevada e perfeita, tanto mais moralizadora se torna.

Restrinjamos, porém, o horizonte, e discorrermos somente da beleza pessoal, pois a ela se refere o primeiro período desta palestra.

<sup>119</sup> Pierre-François Lacenaire. Escritor francês (Francheville, 20/12/1800 – Paris, 9/1/1830). Desertou do exército e tornou-se um criminoso, tendo sido executado na guilhotina. Começou a escrever na prisão e transformou seu processo num evento teatral. Os versos citados por Corina são, provavelmente, os dois primeiros do poema “La sylphide”: (“Être divin, beauté touchante et pure, / Que je rêvais dès mes plus jeunes ans”).

Quase todos podem ser formosos; não lhes pareça esta uma proposição arriscada, pois que, mesmo com os maiores cuidados, sabem sé-lo.

A beleza das estátuas, admiramo-la nos museus; dificilmente digna-se a natureza copiar os modelos de Ticiano.<sup>120</sup> A Vênus de Médici, protegida das moscas e das intempéries [ilegível] abóbadas de mármore de uma pinacoteca, não pode modificar-se de uma só linha, nem dar vida aos seus olhos, nem aumentar de um só lampejo a onipotência de seu sorriso.

Nós sim.

Qualquer que seja o nariz que nos haja dado o destino podemos contrapor-lhe uma vontade. E isto é muito. Somente neste mundo quem 'quer'? Deseja-se, espera-se, roga-se, tenta-se; mas raras vezes se sabe querer.

É realmente risível quando, falando-se de alguma senhora com fama de bonita, discute-se-lhe o tamanho da boca, a cor dos olhos, as proporções do corpo. Dous e dous fazem quatro, mas um nariz e uma boca perfeitos não fazem um rosto formoso; assim embora seja impossível obter cinco, somando um e três, é, entretanto, possíssimo que um rosto irregular e um corpo imperfeito constituam um todo sedutor; pois que, felizmente, a beleza não é aritmética.

Existe a beleza natural, mas há uma beleza que é arte, educação, gosto, bondade. Se esta última consegue vencer aquela, não devemos conceder-lhe o título de pujante? É quase preferível possuir uma pequenina porção desta beleza a uma formosura absoluta despida de inteligência.

'Não é bonita, mas agrada', – diz-se frequentemente. Que significa isto? Significa que, independentemente da beleza plástica, mesmo acima desta, existe a beleza indefinível e indefinida, que reúne o maior número de simpatias, para a qual todos nós nos voltamos como para a manifestação de um belo ideal, de uma emanacão da alma.

Quando lerem um romance, observem o desenho da heroína; – o autor emprega trinta palavras para a descrição dos seus cabelos, quarenta para a do brilho dos olhos, e, se for Balzac,<sup>121</sup> é muito capaz de ocupar com isso cinco páginas. O comprimento do nariz, a sua forma, a sua origem grega, latina, saxônia, escandinava é matéria para um capítulo inteiro. No entanto, conseguiram alguma vez, uma única vez mesmo, apanhar perfeitamente fisionomia idealizada pelo autor?

<sup>120</sup> Tiziano Vecellio (Pieve di Cadore, c. 1490 – 1576). Pintor italiano, uma das principais figuras da escola veneziana de pintura no Renascimento.

<sup>121</sup> Honoré de Balzac (Tours, 20/5/1799 – Paris, 18/8/1850). Escritor francês, cuja obra tem como característica principal o realismo, a obsessão pelos detalhes.

Juraria que não: É muito mais fácil compreender a fisionomia moral do personagem, e por ela reconstruir na mente o próprio personagem. Quero dizer com isto que não são os traços e sim a expressão, que imprimem o característico de um rosto, – por consequência a simpatia, – *ergo*<sup>122</sup> a beleza no seu sentido mais prático.

Por isso, façamo-nos belas.

Mas, em suma, – dirá algum puritano, – que utilidade há em pregar a cruzada da beleza? Por acaso este século vâo e luxuoso não se ocupa já demasiado com ela?

Ocupa-se, sim, mas ocupa-se mal.

Entre os dois partidos que temos na sociedade, um acaricia Vênus Afrodite, o outro nega Vênus inteiramente. Ora Vênus existe, sempre existiu, é imortal.

Somente como já cobrimos o Amor de um candidíssimo véu (apesar de que nestes últimos tempos... ai! pobre véu!), vistamos também a Vênus, enviemo-la à escola e façamos com que ela aprenda as novas exigências da civilização.

Por que deve ser belo somente o mal? Devemos ser belas também, nós que nos sentimos boas, que desejamos empregar a nossa beleza em um escopo elevado, puro, educativo e moral.

Querem fazer guerra à imoralidade, não é assim? Mas nunca refletiram que as mais das vezes a imoralidade é muito graciosa? – e que certos pecados...

Ah! é um erro descer à liça simplesmente protegida pela enferrujada couraça ‘do sentir-se puro’ quando se tem adversários de tal força. Lanças contra canhões Krupp!<sup>123</sup> Na guerra as armas, pelo menos, devem ser iguais.

Até hoje a moralidade tem militado sempre sob a bandeira do tédio e da fealdade. É preciso acabar com isso. Pois que a beleza é uma arma, armemo-nos. Poderíamos negá-la em teoria (e seria fácil), mas não há ninguém entre nós que não ceda à sua potente fascinação.

Honra, pois, à beleza nobre, serena, que é raio da divindade e lampejo do gênio.

Honra à Vênus celeste!”

<sup>122</sup> Palavra latina: ‘da’, ‘logo’.

<sup>123</sup> Empresa alemã fundada em 1811, especializada na fabricação de aço, armas, munições e equipamentos.





## 3 DE JANEIRO DE 1885

Estão a terminar as férias colegiais, e de todos os lados as mães que têm de enviar suas filhas às diversas instituições de educação ouvem em torno de si suspiros e lamentos acerca da rapidez das férias, exclamações de saudade sobre as festas e saraus a que se assistiu, pedidos de mais alguns dias de “descanso”, recomendações a respeito dos vestidos novos a levar para o colégio, enfim um coro incessante de mil e uma harmonias, que exprimem sempre o mesmo sentimento: o tédio, a aversão, o horror à rotina da vida colegial, aos livros, ao estudo quotidiano e às quotidianas obrigações.

Nesta regra há, é certo, algumas exceções; mas tão raras são estas, tão difíceis de encontrar, que apenas as consignamos, e ocupar-nos-emos de preferência com as causas da antipatia que em geral as meninas têm ao colégio.

As culpadas dessa aversão, as mais das vezes, são as próprias mães.

A menina que frequenta o colégio, que estuda, que ainda não tem a sua educação concluída, deve ser tratada e considerada como “menina”; os seus divertimentos, as suas distrações devem ser próprios de meninas, adequadas à sua idade e à posição que ela ocupa no seio da família.

Isso não acontece entre nós. Mal uma menina atinge aos doze anos, passam a considerá-la uma mocinha, a tratá-la como tal, e a vesti-la, a iniciá-la nos ademanes e modos de moça. Quando ela vem passar as férias e os dias de festa em companhia da família, trata-se logo, para diverti-la, de levá-la aos bailes e aos saraus, onde bem cedo aprende a considerar-se

um prodígio de elegância, pois aí não falta quem se incumba de insuflar-lhe a vaidade.

Se a levam ao teatro, o que quase sempre fazem, aí vai a pobre menina assistir à representação de peças que não são precisamente escritas para colegiais, fazendo com que os próprios pais e os amigos da casa, as mestras e as condiscípulas se admirem depois de que a menina seja “tão sabida”.

Ora, claro está que a menina que vem a casa passar os dias de festa, e se diverte pela maneira que acabamos de mencionar, quando chega a ocasião de tornar à vida regular e calma do colégio, manifesta por todos os modos possíveis a sua aversão ao internato.

Uma vez ali recolhida, passa ainda muitos e muitos dias sem estudar, sem ocupar-se atentamente nos seus trabalhos escolares. Pudera! se o tempo não sobeja para se recordar dos triunfos imaginários alcançados nos saraus, dos esplendores das representações teatrais, da elegância dos seus vestuários, para narrar às companheiras todas essas maravilhas, e para sonhar com a próxima saída e com as novas festas!

E qual o resultado de tudo isso?

Queixam-se os mestres da vadiação da discípula, queixam-se os pais do mau sistema de ensino adotado pelos professores e da incúria dos diretores do colégio.

No entanto, já o dissemos, os únicos culpados são os pais. São eles os primeiros a inspirar às filhas a vaidade e o desejo de brilhar nas festas.

Quantas e quantas não são as diretoras de colégio que ouvem a frase sacramental: – “Minha filha tem muita disposição para a música; puxe por ela.”

Dos estudos que podem inspirar ideias sãs, que tendem a amadurecer o espírito da mulher e que serão, quiçá, a base sólida em que repousam a tranquilidade e ventura de sua existência inteira, poucas vezes, ou nenhuma, se fala. Cura-se unicamente dos adornos superficiais que a façam “brilhar” na sociedade que frequente!

Para estes últimos *accomplishments*<sup>124</sup> como dizem os ingleses, sempre há tempo, mesmo depois de moças (e é a mais apropriada quadra para os adquirir). Enquanto “meninas”, devem aprender unicamente aquilo que lhes seja de real e útil proveito no futuro, devem conservar-se “meninas” o maior tempo possível, a fim de que os divertimentos da sociedade,

---

<sup>124</sup> Palavra inglesa: ‘cumprimento’, ‘realização’.

que não deviam frequentar tão cedo, não as distraiam dos seus estudos, nem lhes tornem estes tão antipáticos.

Convençam-se os pais de que só devem proporcionar às filhas divertimentos apropriados à idade destas; afastá-las dos bailes e dos teatros durante o tempo de sua educação colegial; e verão como já lhes não causará horror e tédio a época da terminação das férias; verão como os mestres farão menos queixas da vadiação das discípulas, e como o sistema do ensino lhes parecerá melhor.



O que acabamos de escrever nos recorda um episódio de viagem que corrobora as nossas asserções, e que referiremos como no-lo foi contado.

Uma feita, em uma das estações da estrada de ferro do interior, entrou em um dos trens uma menina, de quinze ou dezesseis anos de idade, acompanhada por algumas pessoas.

A pobrezinha trajava mal: trazia um vestido fora da moda, sobre o qual cingia uma divisa ou fitão colegial; um chapéu de abas largas, guarnecido com fitas da cor da divisa, e que parecia estar sempre em desequilíbrio na cabeça; e calçava umas botinas grossas de couro e já acalcanhadas, pelas corridas no campo, sem dúvida. As mãos, tinha-as vermelhas e um tanto calejadas, talvez pelas ocupações domésticas. No entanto, o todo de sua fisionomia respirava um ar sadio e de ingênua alegria que causava satisfação ver.

Pela conversação entre essa menina e as pessoas que a acompanhavam via-se que ela havia terminado os seus estudos em um dos colégios do interior, e ia, depois de ter passado as festas na fazenda paterna, visitar uma outra fazenda de parentes ou amigos.

Sabia, pois, é de crer, tanto ou mais do que aquilo que aprendem as meninas nos colégios da corte. Conhecia provavelmente, como estas últimas, as cinco partes do mundo, a história de Roma e talvez a do Brasil, as quatro operações, a origem dos gregos, a mitologia, etc., tinha algumas noções de francês e do inglês; e tudo isto, que entre as meninas fluminenses bastaria para se considerarem poços de ciência, parecia não preocupá-la de modo algum.

Apenas entrou no trem, precipitou-se para um das janelas do *wagon* e pôs-se a contemplar curiosamente os postes e fios telegráficos, que fugiam e retorciam-se ante os seus olhos na corrida veloz do trem; logo após, riu-se gostosamente de um boneco que, por algum gaiato, fora pintado no banco

que ela ocupava. Em seguida, meteu a mão no bolso, de onde, à mistura com uma aluvião de biscoutinhos, sacou um dedal, uma luva, um livrinho de missa, e uma infinidade de outros diferentes objetos.

— Foi minha companheira de viagem durante uma hora, disse-nos a pessoa que isto nos contava; e durante esse curto espaço de tempo inspirou-me todos os sentimentos possíveis: achei-a sucessivamente desajeitada, ridícula, simplória, prosaica, ideal, simpática, adorável. Adorável sobretudo.

E este qualificativo é o que melhor lhe assenta, e acode-me sempre aos lábios e à mente, pensando nela, todas as vezes que me vejo em meio das nossas meninas da corte tão sábias, tão prendadas, tão cheias de elegância e desenvoltura; meninas com olhares de mulher, e que conhecem todos os segredos e recursos do espartilho e da *tournure*; que não trazem biscoutos nos bolsos, oh! não! mas que trazem nele o polido espelhinho e a bocetinha de pós de arroz; meninas que não enrubescem ante os mais audaciosos galanteios, que nunca se acham acanhadas, que jamais dizem uma ingenuidade, que em nada acreditam, e que se riem e gracejam, em vez de tremer, quando algum homem lhes aperta a mão, menos francamente. Ah! monstrozinhos! que saudades tenho eu da minha companheira de viagem!

E acrescentou a pessoa que assim nos falava:

— Olhe! se souber de alguma menina simplória, alegre, instruída, mas sem atavios nem *tournures*, embora tenha as mãos avermelhadas e o sapato acalcanhado pelos passeios na roça, diga-mo, que eu me incumbo de apresentar-lhe um marido!



Trazendo para esta resenha de modos e costumes a narração que se nos fez, não a arremessamos como uma pedra às meninas da corte.

Nas asperezas, porém, dessa narração está incrustada muita verdade, como em áspera crosta se encontra encravado o diamante.

Aos pais sensatos cabe lapidá-lo.



## 10 DE JANEIRO DE 1885

Calçando o mimoso pé de uma das mais elegantes senhoras da nossa sociedade vimos há dias uma finíssima meia de fio de Escócia,<sup>125</sup> produto da fábrica nacional de Jacareí,<sup>126</sup> e ficamos deveras surpreendida perante a perfeição do trabalho e elegância do desenho e forma dessa meia.

Sem receio de avançar juízo contestável, podemos afirmar que essas meias rivalizam com as melhores que por tão alto preço importamos dos mercados estrangeiros.

Recorda-se a leitora, sem dúvida, do que lhe dissemos transactamente acerca da propaganda feita pelas senhoras na Inglaterra em favor dos produtos daquele país, e lembra-se também do pedido que então lhe dirigimos, para que por sua parte seguisse o exemplo das *ladies* e protegesse a nossa nascente indústria brasileira.

Pois bem, apresentamos-lhe hoje um novo ensejo de exercer essa benéfica proteção, fazendo uso das meias da fábrica de Jacareí, tão bem feitas e por certo tão duradouras quanto o são as meias estrangeiras, e cujo preço é consideravelmente inferior ao destas últimas.

---

<sup>125</sup> Ou fio escócia: fio de algodão puro.

<sup>126</sup> Estabelecimento para fabricação de meias de homens e de senhoras, propriedade de Luís Simão & Irmão, segundo notícia do *Jornal do Comércio*, de 24 de junho de 1880.



Por ocasião da última brilhante exposição de Belas-Artes, todos os visitantes do salão de pintura repetiam com justa admiração e sincero entusiasmo o nome de uma jovem senhora, nossa patrícia, cujos quadros revelavam uma grande aptidão artística, manifestada ali em composições de mestre,<sup>127</sup> e ao mesmo tempo não eram poucos os que lastimavam não ser a arte de Rafael<sup>128</sup> e Murillo<sup>129</sup> mais cultivada pelas brasileiras. Um senhor menos delicado chegou a exclamar, perante um daqueles quadros:

“— Em vez de estarem a torturar os vizinhos com exercícios e escadas o dia inteiro, martirizando o pobre piano, bem podiam dedicar-se à pintura, que tem a vantagem de não incomodar a vizinhança.

Mas, e infelizmente, a “moda” não “pega”, e a pintura continuará a ser entre nós uma anomalia, uma excentricidade quando exercida por uma senhora!”<sup>130</sup>

Fez-nos impressão a frase – “a moda não pega” – e vimo-nos obrigada a reconhecer que, infelizmente, entre nós as mais das vezes tudo é questão de moda, e que mesmo para as belas-artes é ela consultada.

De não poucas senhoras sabemos nós que dispõem de um belo talento de “amadora” (na frase dos artistas) para a pintura e que no entanto não a exercitam, pois que, não podendo ou não querendo ocupar-se em pintar quadros, julgam não haver ensejo de utilizarem a sua aptidão artística fora dali.

Folgamos, pois, muitíssimo em noticiar à leitora que a pintura é hoje o último requinte da moda em França, e está sendo aplicada a tudo, para bem dizer. E esses trabalhos contribuem, como quase tudo quanto as senhoras amigas do seu lar empreendem fazer, para a ornamentação do ninho conjugal ou da morada paterna.

<sup>127</sup> O catálogo da exposição de 1884 lista 53 nomes de artistas, entre os quais cinco mulheres: quatro pintoras e uma escultora. As pintoras são Abigail de Andrade (14 quadros), Guilhermina Tollstadius (5 quadros), Julieta Adelaide dos Santos (5 quadros) e C. F. Machado (3 quadros); e a escultora, Ossian-Bonnet (1 escultura).

<sup>128</sup> Raffaelo Sanzio (Urbin, 1483 – Roma, 1520). Arquiteto e pintor italiano, representante do Renascimento.

<sup>129</sup> Bartolomé Esteban Murillo (Sevilha, 1618 – 1682). Pintor espanhol representante do Barroco na Espanha.

<sup>130</sup> Félix Ferreira, em seu livro *Belas-Artes: estudos e apreciações* (1895), refere-se à atividade artística exercida pelas mulheres como amadoras. Entre as pintoras da época, incluem-se a professora e pintora franco-brasileira Bertha Worms (1868 – 1937) e Abigail de Andrade, que, em 1884, recebeu duas medalhas de ouro pelas obras que exibiu na Exposição Geral.

Presentemente, que estamos, no que diz respeito à ornamentação de uma casa, em pleno Oriente, os objetos chineses e japoneses são considerados de extremo bom gosto. Os reposteiros, os tapetes, as almofadas, etc. caracterizam-se pelos seus desenhos de estilo oriental, de garridas cores e extravagantes contornos: os móveis, os jarros; os vasos têm todos um “qué” de *chinoiserie*.<sup>131</sup> As cadeiras de laca vermelha, os sofás de charão embutido, as pequenas mesas do Japão estão novamente em moda.

Por isso, os biombos japoneses, que há muitos anos jaziam no olvido, são de novo procurados; e é tão favorecida esta moda hoje, que as senhoras que não podem obter um biombo autêntico do Japão, preferem pintá-los e orná-los com os seus desenhos a comprá-los nos bazares e armazéns de móveis.

Um biombo, em um salão espaçoso, dá-lhe um certo *cachet*<sup>132</sup> de originalidade que não é nada para desprezar. Com o auxílio de um biombo, junto a uma janela, pode uma senhora isolar-se em companhia do seu livro ou de sua pequena mesa de trabalho, e aí permanecer em sossego, completamente independente da sala, donde ninguém pode vê-la ou importuná-la.

Além dos biombos grandes, de vários retábulos, estão sendo muitíssimo empregados os biombos de um retábulo só, que são uma espécie de quebra-luz, pois se colocam ante uma janela ou uma porta aberta, batida pelo sol ou pelo reflexo incômodo da claridade, permitindo a livre circulação do ar, ao mesmo tempo que protegem a vista contra o brilho demasiado da luz.

Estes biombos pintados fazem-se de seda creme ou de cor clara, e pintam-se a aquarela ou a guache. Podem igualmente ser feitos de gaze, de filó ou de *étamine* finíssima; neste caso, porém, passam a ser um objeto de simples fantasia, sem utilidade alguma, e o trabalho de pintá-los, excessivamente delicado, exige a mão de um provecto artista para torná-los realmente belos.

Outro gênero de pintura, também muitíssimo acariciado pelas senhoras em França, é o que passamos a descrever, e no qual se empregam as tintas a óleo.

Manda-se fazer por um marceneiro qualquer uma pequena *étagère*<sup>133</sup> de madeira branca, semelhante às *étagères* de sala de jantar, composta de duas ou três prateleiras na parte superior, e de um armário na inferior, com duas pequenas portas da mesma madeira.

<sup>131</sup> Palavra francesa. Pequenos objetos provenientes da China ou de gosto chinês.

<sup>132</sup> Palavra francesa: ‘aspecto’, ‘toque’, ‘um qué’.

<sup>133</sup> Palavra francesa: ‘aparador’.

Prepara-se a peça toda com uma ou duas mãos da cor preferida, verde-gaio, branco, pérola, cinzento ou amarelo-palha. Uma vez seco este preparo preliminar, desenham-se e pintam-se as portas e todo o exterior da *étagère*.

Os desenhos mais apreciados para este fim são os do gênero Watteau, os pastorinhos à Luís XV, as flores variegadas, atributos característicos, tais como o chapéu de pastora, o cajado enfeitado de fitas, a gaita pastoril, etc., tudo grupado em forma graciosa.

Concluída a pintura e suficientemente enxuta, passa-se sobre ela toda uma camada de verniz.

Estes pequenos móveis, no estilo Luís XV, são lindíssimos, e se colocam nos salões e nos mais elegantes *boudoirs*,<sup>134</sup> já no espaço entre duas janelas, já a um canto do compartimento, conforme o gosto e elegância da disposição dos móveis na sala. Servem essas *étagères* para guardar e colocar sobre elas as diferentes teteias que as senhoras tanto apreciam, e que bem difícil é às vezes colocar em lugar apropriado.

Recomendamos, pois, este novo gênero de distração às senhoras que sabem manejar o pincel, por isso que desta maneira, além das horas agradáveis consumidas na ornamentação da sua *étagère*, ficam de posse de um objeto precioso e elegante por preço pouco elevado.

Mencionaremos ainda a pintura dos pratos, tão em moda hoje, e que são usados já como adorno das paredes, já como porta-cartões ou porta-joias.

Em França têm as senhoras utilizado para esse fim os pratos de barro comum, cujo preço é ínfimo. O modo de pintá-los é assim descrito:

Cobre-se a parte interna do prato, e mesmo a externa, se se quiser, com uma camada de ouro fosco; seca esta preparação, pinta-se sobre ela, a guache, o desenho ou assunto escolhido.

Claro está que o processo empregado para a pintura do prato pode ser perfeitamente aplicado a um jarro ou a qualquer outra vasilha de barro.



Por mais de uma vez temos dito, e nem precisava que o dissessemos, que os caprichos da moda são inexplicáveis e inesperados; o que ela rejeita hoje, aceita-o amanhã; o que ontem declarou ser de supremo mau gosto, passa hoje a ter foros de extrema elegância.

---

<sup>134</sup> Palavra francesa. Gabinete particular de senhoras, decorado com elegância.

Não há muito tempo, dissemos nós, que os vestuários pretos já não gozavam entre as elegantes do favor que até então lhes havia sido dispensado. Pois bem! o que dissemos aplica-se atualmente tão somente aos vestidos de merinó ou de lã, e os vestuários pretos, ontem desprezados, são hoje o requinte da elegância para os jantares, bailes, saraus e concertos.

Estes vestidos, porém, devem sempre ser de estofos ricos ou de rendas de valor.

Descrevamos um vestuário preto destinado a figurar em uma das mais aristocráticas festas que se realizaram ultimamente na Europa:

A saia é inteiramente coberta na frente por uma guarnição de vidrilho bordado sobre um filó tão fino que não se distingue quando aplicado sobre o cetim; um babado de machos cerca a barra do vestido. A túnica, muito curta na frente e bastante ampla no *puff*, é de renda bordada com vidrilhos. O corpete decotado é todo coberto de vidrilhos juntos uns aos outros, e garnecido por uma franja de contas. Uma camisinha afogada e de mangas compridas, de renda igual à da túnica, completa este vestuário, o qual pode ser usado para baile, sem a camisinha, ou com ela para concerto e jantar.

Acompanha este vestido, que é curto, um par de meias de seda preta bordadas com vidrilho sobre o peito do pé, e uns sapatinhos de cetim preto também bordados a vidrilho.





## 17 DE JANEIRO DE 1885

Em um de seus recentes artigos, o ilustrado autor das “Notas à margem”<sup>135</sup> trata da imoral exibição de uma pobre menina em representações cômicas no palco de um dos nossos mais frequentados teatros.

As eloquentes palavras do talentoso escritor encontram eco, não só na imprensa, como entre o povo; e oxalá produzam estas benéfico fruto, tanto nos teatros, como no seio de muitas famílias, pois o fato de ensinar crianças a representarem cenas cômicas não se dá somente para fins especulativos e em teatros públicos; em mais de uma casa particular tem ele sido presenciado.

Falando de cenas cômicas e comédias ensinadas às crianças, não nos referimos a essas graciosas e inocentes comédias infantis, em que os personagens são crianças, e a ação toda é própria e natural da vida infantil; essas, na maior parte, encerram proveitosa lição para as criaturinhas que as desempenham e servem também para desembaraçá-las, para lhes dar mais franqueza e graça aos gestos, mais correção e propriedade no falar.

Fazemos referência unicamente a essas comédias, cenas cômicas, monólogos e poesias eróticas que, escritas para os artistas dos teatros “alegres”, e

---

<sup>135</sup> Corina se refere ao artigo de Valentim Magalhães publicado na *Gazeta de Notícias* de 12 de janeiro de 1885.

que representam personagens de uma sociedade que deve ser inteiramente desconhecida às crianças, lhes são, no entanto, e sem o menor escrúpulo, ensinadas e por elas recitadas nos salões de seus pais e nos dos amigos, que entre gabos e risadas aplaudem as “gracinhas” dos meninos. Haja vista uma célebre *Noite de carnaval*,<sup>136</sup> muito apreciada, e outras cenas de semelhante gênero.

Não há muito tempo ainda assistimos magoada e surpreendida, em um dos nossos salões e no meio de uma sociedade das mais escrupulosas e severas, a uma dessas “aplaudidas” cenas.

Duas meninas, uma de nove e outra de onze anos, depois de muito rogadas pelos pais e pelos amigos, e entre mil dengues, levantaram-se e foram para o meio do salão recitar um diálogo que, já pelo assunto, já pelo modo como foi dito, nos causou a mais absoluta estranheza. Os olhares, os gestos, as inflexões com que eram sublinhados os ditos mais “espirituosos”, os sorrisos equívocos com que essas duas meninas procuravam dar mais realce à cena que estavam representando, eram dignos da menos acanhada das nossas cantoras de opereta.

Se o escritor das *Notas* as tivesse visto naquela ocasião, com certeza ter-se-ia afastado condoido, como o fizeram algumas pessoas antes de concluída a representação.

E os pais das duas crianças pavoneavam-se anchos de orgulho e satisfação perante a inteligência e precocidade de suas filhinhos, que assim revelavam tão subidos dotes artísticos, segundo a opinião, não sabemos se sincera, de um dos entusiásticos assistentes.

Ora, não refletiram esses pais no mal que faziam a essas pobres meninas?

A criança, como o adulto, sente sempre invencível propensão para investigar aquilo que não conhece; a nota dominante do espírito infantil é a curiosidade, e claro está que aquelas que recitam essas cenas e poesias hão de procurar conhecer o assunto daquilo que repetem. Se assim não fosse, como admitir a sua inteligência, que se revela, não há dúvida, na maneira pela qual imitam e dizem o que lhes foi ensinado?

Se os pais se esquivam a satisfazer-lhes a curiosidade, – o que queremos crer, – os estranhos e os fâmulos são por sua vez interrogados, e estes últimos principalmente, não tendo escrúpulos de natureza alguma, não hesitam em aquiescer ao pedido dos meninos. E eis aí uns entezinhos que só deviam sonhar com anjos e flores, frutos e pássaros, com o espírito pervertido já,

---

136 Trata-se de um entreato cômico.

pensando em amores e namoros, em teatros e passeatas, cousas essas que nem de nome deveriam conhecer.

E admiram-se depois os pais ao verem que as filhas lhes saíram tão namoradeiras, tão amigas de galanteios, tão “metidas a senhoras” antes de saírem da meninice. Não se lembram, os insensatos, que foram eles próprios que tudo isso lhes ensinaram, incitando-lhes a “gracinha”, fazendo-as recitar versos e representar cenas cômicas!

Não é, pois, a pobre Julieta a única a perverter-se, a única digna de lástima.

Se o autor das “Notas” quisesse também verberar esses pais levianos e irrefletidos, talvez que, com a sua autorizada pena, conseguisse tanto quanto conseguiu em relação à atrizinha Julieta, isto é, por um paradeiro a essas perniciosas exibições, tão merecedoras de reprovação em público, nos teatros, como em particular, nas reuniões familiares.



No mostrador da *Folha Nova* estiveram ultimamente expostos diversos frascos de água-de-colônia, fabricada por uma senhora brasileira.<sup>137</sup>

Não imagina a inteligente e aplicada senhora quanto folgamos em falar do produto de sua indústria. Revela ele esforço individual de uma mulher, que procura aplicar a sua inteligência e a sua habilidade a um ramo de trabalho até hoje quase que trancado às pessoas do nosso sexo.

Seu exemplo será benéfico, estamos convencida, pois que muita senhora que, ou por timidez de sair fora da órbita dos trabalhos tidos entre nós como únicos próprios da mulher, ou por desconfiança do modo por que serão recebidos os seus esforços, não faz uso dos conhecimentos que porventura possua de utilidade para a indústria, animar-se-á a enfrentar a opinião, dedicando-se a estudos ou ocupações que sejam proveitosos a si e ao público.

Toda a mulher que trabalha para se manter honestamente, sem dependência de estranho auxílio, alargando os horizontes de suas ocupações, até agora restrinvidas, é digna de respeito.

Até aqui, as senhoras brasileiras, que necessitavam de trabalhar para viver, só encontravam recursos na máquina de costura ou nas agulhas de *crochet* e de *tricot*, no fabrico de balas e de cocadas.

<sup>137</sup> Referência à água-de-colônia nacional fabricada pela Sr.<sup>a</sup> D. Maria Lisboa.

O próprio professorado, excetuando as escolas públicas, acha-se quase entregue todo a senhoras estrangeiras, pois é opinião assentada que uma das condições essenciais para ser boa professora, com poucas exceções, é não falar a nossa língua.

Por isso toda a tentativa de uma senhora para se emancipar do velho uso é um exemplo digno de ser imitado; e aconselhamos toda aquela que possua algum segredo de indústria nova, possível de ser posta em prática por uma senhora, a que não hesite em utilizá-lo. Pouco a pouco habituar-nos-emos a ver a mulher brasileira dedicar-se a trabalhos, que até então lhe têm sido vedados pelo preconceito social.



Não há senhora que não possua o seu leque, e não poucas terão sem dúvida cogitado qual a origem desse apreciado acessório.

Eis como um jornal inglês, respondendo a uma correspondente, se exprime a tal respeito:

“Conta-se que a ideia primordial do leque se originou, há muitos séculos, na China, em uma ‘festa das lanternas’, a que assistiu a então célebre beleza Kan-si, filha de um eminente mandarim. A moça, sentindo imenso calor, tirou a máscara, que era de rigor as senhoras trazerem, e não só para disfarçar o rubor do semblante, como para refrescar-se, começou a abanar-se.

Esse movimento foi visto e admirado pelas companheiras de Kan-si, as quais deram-se pressa em imitá-la.

Em poucos minutos, diz a lenda chinesa, dez mil mãos agitavam outras tantas máscaras.”

Tal é a explicação.

A verdade é que hoje o leque serve muita vez de máscara.



*P.S.* – Já por duas vezes se tem ocupado com os nossos humildes escritos o espíritooso crítico que exerce a sua profissão sob a assinatura “João Thesourinha”.<sup>138</sup> Agradecemos-lhe a importância que nos dispensa. A sua

<sup>138</sup> Pseudônimo de Henrique Chaves, que assinava, entre outros autores, a coluna Balas de Estalo, na *Gazeta de Notícias*. Os artigos a que Corina se refere foram publicados nos dias 15 de novembro de 1884 e 11 de janeiro de 1885 e se encontram transcritos em anexo.

acrimônia prova que, fora do Saco do Alferes<sup>139</sup> e Gamboas<sup>140</sup> adjacentes (segundo sua chistosa frase) temos, pelo menos, um leitor.

Se nos fosse lícito dirigir a S. S. um pedido, rogar-lhe-íamos que, na ocasião em que ensina a seus filhos – se é que os tem e se é que lhes dá ensino, – diga-lhes que todo aquele que procura cumprir, do melhor modo que lhe permitem suas forças, o dever que lhe é imposto, que todo aquele que faz um esforço para proporcionar lucro ou honesta distração à sociedade, principalmente até quando é uma senhora, é digno de respeito, mesmo quando o seu trabalho só aproveita ao Saco do Alferes.

---

<sup>139</sup> Entrada de mar localizada em São Cristóvão. No início do século XX, deu lugar ao porto do Rio.

<sup>140</sup> No final do século XVIII, a Gamboa, bairro central do Rio de Janeiro, caracterizava-se por ser um local escolhido pela classe alta para suas chácaras e palacetes. Por se tratar de bairro da zona portuária, a partir do séc. XIX a aristocracia passou a dar preferência a outros bairros.





## 24 DE JANEIRO DE 1885

Lendo há poucos dias um excelente artigo intitulado “Forças perdidas”,<sup>141</sup> nele deparamos os seguintes trechos, os quais tão vivamente nos impressionaram e tão aplicáveis nos pareceram aos nossos hábitos, que não nos podemos furtar ao desejo de transcrevê-los:

“É principalmente no ponto de vista da educação das crianças, diz o autor do artigo, que se torna necessário examinar a força que representa o respeito, e pesar os inconvenientes que resultam do seu desaparecimento.

“Não nos devemos iludir: de dia para dia o sentimento do respeito tende cada vez mais a se apagar nas crianças. E com esse sentimento desaparecem a obediência e a polidez, para darem lugar à indisciplina e à falta de urbanidade, à vontade firme de satisfazer todos os seus desejos e instintos.

“No entanto não se pode admitir que as crianças de nossa época sejam constituídas de um modo particular, ou que venham ao mundo mais viciosas do que outrora.

“É, pois, forçoso tratar de descobrir a causa que paralisa todos os esforços que se empreguem para corrigi-las e educá-las; e infelizmente não é necessário ir muito longe para encontrá-la.

---

<sup>141</sup> Apesar da pesquisa exaustiva em periódicos da época, não se localizou o artigo.

“No que toca à educação, as crianças, — excetuando-se alguns verdadeiros fenômenos, — restituem sempre aquilo que receberam. São espelhos fieis tanto do que se tentou fazer por elas, como daquilo de que se descurou. As suas qualidades, como os seus defeitos, denunciam claramente a solicitude ou a negligência que presidiu aos primeiros ensinamentos que receberam. E eis aí porque as crianças de hoje desconhecem o sentimento do respeito.

“São numerosas, porventura, as causas que os nossos contemporâneos respeitam? E se tristes experiências destruíram neles esse sentimento, que nos preserva da podridão moral, acaso têm elas o pudor de, ao menos, esconder aos filhos o ‘nada’ em que jaz a sua alma? Não! porque, se de um lado amam-se hoje muito os filhos para não associá-los a todos os atos do viver doméstico, por outro lado o egoísmo não consente que se imponha uma sujeição a si próprio, que se contenta a linguagem, que se cale uma palavra imprópria que possa atingir o sentimento moral da criança, e que lhe vá descarregar os primeiros golpes irremediáveis.

“Ama-se hoje muito as crianças, mas com uma ternura quase bestial, decaída e para bem dizer aviltada na matéria. Se um pai ou uma mãe faz casualmente um leve arranhão na criança, ou se essa criança deseja ardente ou violentamente comer algum acepipe que lhe seja nocivo, aquele pai e aquela mãe sentem-se comovidos até às entradas com a pequena dor ou a ‘privação’ sofrida pelo filho. Mas esses mesmos pais, que tão profundamente sentem a dor ou o dissabor do filhinho, não compreendem a extensão do golpe moral, muito mais grave, muito mais perigoso, que sofre a alma de seu filho quando o sentimento do respeito se apaga de todo nele.

“É que esse sentimento já se acha abalado nos pais. Graças a causas muito numerosas, e que não carece designar aqui, a nossa geração convenceu-se voluntariamente de que o respeito indica inferioridade, e de que para ser igual a todos basta desprezar a todos igualmente.

“Em virtude deste belo raciocínio, uns empregam seu espírito, outros a sua ignorância, e todos a sua tolice — causa que se encontra, em maior ou em menor dose, em todas as pessoas de espírito e até nas de gênio, — e, com todas essas forças reunidas, se enfraquece, se avulta, se destrói, ou pelo menos se põe em dúvida, tudo aquilo que poderia inspirar ou merecer respeito. E isto tudo se produz abertamente, às claras, na vida de família, em presença das crianças, a quem se quer e ama demasiado para perdê-las de vista um só instante.

“Consideremos a criança desde a sua mais tenra infância. Adorada, agradada, adulada, torna-se facilmente acessível ao arrebatamento. Antes de falar, já sabe bater. E que cousa encantadora que é a mãozinha de uma criança!

Quando se sente batida por aquela sedutora mãozinha cor-de-rosa, a mãe beija-a estremecida e o pai contempla enlevado e comovido o filhinho que pretende já impor a sua vontade. Antes de conhecer o alfabeto, a criança já sabe ler corrido nas fisionomias, e, desde os seus primeiros passos na senda da desobediência, reconhece ela que nenhuma expressão real, séria e persistente tem a temer da parte dos pais. Assim também nunca os respeitará.

“Mais tarde, quando sabe falar, o menino sabe também escutar, e ouve e conserva na memória mesmo aquilo que não pode compreender. Desta maneira a criança cria e guarda na mente um mundo de cousas, cuja enumeração e alcance causaria espanto e medo aos pais bastante ingênuos que acreditam poder-se impunemente dizer tudo na presença das crianças, sem perigo de ser compreendido.

“Assim, por exemplo, entre marido e mulher fazem-se muitas vezes comentários acerca dos avós e dos tios, comentários que nem sempre têm por base o respeito. O filhinho assiste a essa troca de observações malévolas; não mostra ouvir, não comprehende, não presta mesmo atenção no que se está dizendo. Um belo dia, porém, o menino interpela um dos avós ou um dos tios, para dizer-lhes uma grande impertinência. Oh! é tão ‘engraçadinho’ a criança cuja boca fresca e rosada pronuncia aquelas palavras! Evidentemente não tem consciência do que diz, e ainda mais apreciável se torna o contraste! A mãe contempla o filho com felicidade, o pai enleva-se todo, e a avó ou o avô, o tio ou a tia, o parente ou o amigo injuriado devora aos beijos o interessante menino. Este, ‘que não tem consciência do que diz’, nem por isso deixa de conhecer o seu triunfo; tentou uma experiência e saiu-se bem. Daí em diante sabe que pode ‘impunemente’ tornar-se mal-criado, e que para obter um triunfo basta rir ou fazer rir os outros à custa de alguma pessoa, cuja idade, pelo menos, ele deveria ter aprendido a respeitar.

“Desde o momento em que a sua impertinência não foi castigada, foi mesmo tolerada e aplaudida, o sentimento do respeito para com a família acha-se morto na criança.”

Se fôramos a enumerar todos os casos em que os pais levianos ou negligentes não refletem antes de falar na presença das crianças, não nos bastaria o espaço de um folhetim.

Citemos, entretanto, aquele em que irrefletidamente os pais falam de seus chefes ou superiores em presença dos filhinhos.

A vida, por qualquer lado que a consideremos, acha-se sempre submetida a uma hierarquia; seja qual for a posição que ocupemos, sempre temos chefes ou superiores. E a quantos comentários, a quantas maledicências

não sujeitamos esses superiores, esses chefes! Ande-se daqui ou d'acolá, a natureza humana é sempre a mesma, e todos aqueles que nos governam, seja por que modo for, são sempre considerados pelos subalternos uns inimigos.

Pois bem! a criança que ouve seus pais criticarem dos chefes, quando lhe chega a ocasião de depender de um “chefe” qualquer, – seja este o diretor ou o professor do colégio, seja a mestra ou professora residente em casa, o menino encontrará nos escaninhos da sua memória as palavras de desrespeito proferidas por seu pai acerca do chefe. O caminho já se acha traçado; basta segui-lo e dar ao mesmo tempo largas à preguiça, à vaidade, à inveja. Por que há de a criança resistir à tentação de maldizer de seu chefe, se seus pais também cederam a ela?

E esse sentimento segui-lo-á mais tarde em tudo aquilo que a criança, então homem, empreender, e se manifestará tanto mais pujante quanto menos ele trabalhará para subjugar o seu vício de educação.

Será mais uma vida arruinada, mais um brilhante futuro sonhado que se esvairá em fumo, por causa da imprevidência dos pais, que, enquanto era tempo, não souberam conter os arrebatamentos do filho, não souberam corrigir-lhe a índole, e sobretudo não souberam, com o exemplo, com a sobriedade de sua linguagem, com a cortesia e seriedade de seus atos incutir-lhe no espírito o sentimento do respeito, que é incontestavelmente uma das bases em que mais solidamente se apoia o edifício social, e que consideramos ainda como a salvaguarda dos nossos melhores usos e costumes.



## 1 DE FEVEREIRO DE 1885

Há bastante tempo já que não conversamos com a leitora acerca de modas, e fá-lo-emos hoje, satisfazendo assim às reclamações de mais de uma senhora que, preferindo aos nossos “sermões” as futilidades da moda, nos censuram ocuparmo-nos de “cousas sérias”.

Antes, porém, de falarmos das modas, falemos um bocadinho mal da vida alheia.

*Que querem?* É um pecado este que atribuem exclusivamente às mulheres: façamos uso, pois, do nosso atributo.

Demais, tasquinhar na vida alheia também é moda.

Quem de entre nós não conhece alguma senhora que, tendo passado o terrível marco dos quarenta, dele se esquece para só se lembrar dos vinte que já tão longe foram?

Esse esquecimento da idade que possuem é mal de que infelizmente não poucas senhoras sofrem.

Se aí somente parasse o mal, nada diríamos, não o lembraríamos, sequer. O pior, porém, é que essas senhoras, só lembradas da idade que tiveram, vestem-se conforme a idade que já não têm. As cores claras, os feitios garridos, as fazendas leves e transparentes são as que elas preferem para os seus vestuários, e, assim, não é raro ver uma mãe com uma *toilette* muito semelhante à de sua filha.

As senhoras que assim procedem afetam tanta ingenuidade e inocência no procedimento e nas ações, quanta mocidade e frescura respiram em seus trajes. Irrefletidas e levianas, lá descem elas o íngreme declive da velhice por entre os motejos e galhofas das moças a quem procuram imitar.

Quiséramos com razão poder afirmar que no Brasil não existem esses espécimes da faceirice feminina, que a *vieille coquette*<sup>142</sup> é um produto europeu. Desgraçadamente, nós que nos habituamos a tudo imitar e copiar – com mágoa o dizemos – vemos aparecer em nossos salões cópias fiéis das velhas garridas, essas verdadeiras damas caricatas das salas europeias.

Os cabelos brancos que não se escondem, as rugas que aparecem no rosto sereno da senhora que caminha para a velhice, cercada de seus filhos ou daqueles por quem, durante a sua longa existência, sempre se têm feito respeitar, inspiram só e somente simpatia e reverência.

A mulher velha, que “sabe ser velha”, isto é, séria, afável, caritativa, sobretudo caritativa, tanto para com as misérias e sofrimentos humanos, como para com as faltas e pequenos senões do próximo, é sempre amada e querida por todos, perante ela todas as portas se abrem, todos os corações se expandem, todas as mãos se estendem.

Entretanto, por mais virtuosa que haja sido a sua existência, por mais irrepreensível que seja o seu comportamento, a mulher velha que, sob postiços e tinturas, esconde os fios de prata com que o tempo lhe ornou a fronte, que procura em mil artifícios de pinturas e cosméticos ocultar as rugas do semblante, que sob espartilhos e quejandas armações disfarça a velhice que lhe alquebra o corpo, envolvendo-se em sedas e rendas, em gazes e fitas de cores alegres e feitiços da moda, jamais poderá inspirar e merecer o respeito a que aliás teria direito pelo seu comportamento puro e virtuoso.

Em boa hora o digamos, a generalidade das nossas senhoras idosas pertence à primeira categoria, e, se algumas exceções existem, – como realmente existem, – devemos esperar que a repugnância que toda a fraude ou mentira inspira aos bons e aos verdadeiros, cedo as fará despir as galas de pavão com que se enfeitam e trilhar senda mais ajuizada.



Deixemos agora de parte as velhas, e conversemos um pouco acerca de modas.

---

<sup>142</sup> Francês. ‘Velha coquete’.

Em primeiro lugar, anuncio à leitora que as *tournures* tendem a decrescer visivelmente; os *puffs* têm proporções muito mais modestas. No entanto, algumas das mais notáveis costureiras parisienses inventaram recentemente a moda de colocar dois arcos na barra do vestido (dois arcos reparem bem!) que muito se assemelham aos antigos balões.

Felizmente, as senhoras verdadeiramente elegantes não adotaram até hoje a moda, e com sinceridade desejamos que não o façam. Que seria de nós se voltasse o reinado da *crinoline*?<sup>143</sup> Imaginem uma senhora de balão tentando entrar em um dos nossos bondes! Se semelhante moda for aceita na Europa e introduzir-se aqui, as companhias de carris urbanos devem protestar, pois que, se não adotarem um novo modelo de carros, é possível que percam as suas passageiras. Esperamos, porém que a tentativa das modistas francesas não passe de tentativa.

Mas, voltando às *tournures*, tendem elas a diminuir, como dissemos. Em Paris, as elegantes preferem dois ou três arcos passados nos panos franzidos do vestido a qualquer outra espécie de armação, quer se trate da conhecida almofadinha, quer de um desses andaimes de arcos, babados engomados ou crina arrepiada, batizados com o pouco poético, embora característico, nome de anquinhas.



Com a aproximação do carnaval, chega para a nossa sociedade um período de bailes e saraus dançantes, que precedem a partida das elegantes para as suas vilegiaturas de Petrópolis e Friburgo, onde as danças e reuniões continuam a ser as distrações principais.

Tratemos, pois, de vestuários de baile.

O feitio dos corpinhos desses vestuários são, com pequenas modificações, iguais ao dos vestidos de passeio.

Em Paris, as meninas solteiras usam atualmente os vestidos de corpinho franzido e apertado na cintura por meio de uma fita com fivela. Esse modelo tem sido copiado para quase todos os vestuários de baile de meninas e de senhoras indistintamente, sobretudo para os vestidos curtos.

<sup>143</sup> Palavra francesa. Armação abobadada feita primitivamente com tecido à base de crina de cavalo; a partir da década de 1860, com intuito de aumentar a mobilidade das usuárias e diminuir o peso da peça, passa a ser produzida como uma gaiola de aço, espécie de saia entufada, com molas de aço, usadas sob os vestidos para dar volume sem a necessidade de muitas anáguas: 'crinolina'.

Os tecidos transparentes e leves serão os preferidos, pois que as parisienses já começam a fatigar-se dessa eterna cassa de lã ou *voile* que durante tanto tempo tem sido quase o estofo obrigado para os vestuários de meninas.

Diminuído, como dissemos, o tamanho da *tournure*, a armação dos vestuários de gaze ou filó é muito menor do que a dos vestidos de fazenda pesada; e em muitos dos vestidos modernos o volume do *puff* é apenas devido aos apanhados e dobras da fazenda nele empregada.

Lembram-se as leitoras de umas graciosas guarnições de fitas que, à semelhança de suspensórios, passando sobre os ombros, vinham prender-se à cintura, e que foram, há alguns anos, um dos principais adornos dos vestuários de baile? Pois bem, essas guarnições estão sendo a grande moda atualmente em Paris. São de fita igual à do cinto, sendo o corpinho do vestido frouxido “à virgem”.

Os corpinhos e *basquines* de seda ou de estofo mais pesado do que a fazenda da saia vão ficando fora da moda para os vestuários de saraus, pois que a harmonia em toda a *toilette* é presentemente o *mot d'ordre*<sup>144</sup> das costureiras parisienses.

Os vestidos de cauda para baile estão se tornando de rigor, principalmente para as senhoras que não dançam. Não carece dizer-se que os vestidos de cauda são talhados por outro molde, diverso dos daqueles de que acabamos de falar, e que o corpinho de cintura comprida e de bico é obrigatório em tais *toilettes*.

Com os vestuários de cauda reaparecem as luvas brancas de pelica *glacée*,<sup>145</sup> que também durante algum tempo estiveram votadas ao abandono, em favor de luvas de pele *suède*.<sup>146</sup>

O reaparecimento, porém, da luva de pelica branca não impede que sejam de muito bom gosto as luvas de *suède*, cor de camurça ou mais escurras, nos saraus e reuniões dançantes. Estas, entretanto, só acompanham os vestuários curtos e de cintura redonda.

As meias devem sempre ser da cor do vestido ou da cor das guarnições, assim como os sapatinhos de cetim; os sapatos brancos para vestidos de cor, mesmo quando esta é clara, são considerados, e com razão, de mau

<sup>144</sup> Francês. ‘Palavra de ordem’, ‘diretriz’.

<sup>145</sup> Palavra francesa: ‘acetinada’.

<sup>146</sup> Palavra francesa. Couro acamurçado e macio, usado na confecção de calçados, roupas e luvas: ‘suede’.

tom pelas parisienses, as quais, em não usando o sapato da mesma cor do vestido, preferem-nos de fina pelica bronzeada ou preta.

O reaparecimento dos vestidos de gaze e de renda para os bailes trouxe também o das guarnições de flores, um tanto esquecidas já nestes dois ou três últimos anos. Veremos de novo aqueles lindíssimos ramos e grinaldas de margaridas, de *myosotis*, de flores do campo, entremeados de musgos, avencas e folhagens delicadas, que tão graciosos tornam os vestuários de baile dando às senhoras a aparência de verdadeiras fadas da primavera.





## 8 DE FEVEREIRO DE 1885

Aproxima-se o carnaval, e com a sua aproximação já se fazem ouvir os clamores e as reclamações contra o entrudo. Apesar disso, e embora ainda um tanto longe os três dias de folia, já se joga o entrudo em quase todos os bairros.

Esse velho uso, que parecia ter-se extinto inteiramente com o apagamento dos luzidos préstitos das sociedades carnavalescas, afugentado, dizia-se, pela proverbial cortesia da população desejosa de dar aos espírituosos máscaras que a divertiam uma prova de consideração; esse velho uso, de dois ou três anos para cá, ressurgiu, e furiosamente procura tomar uma desforra do ostracismo a que estava condenado.

As pessoas que mais clamam contra o entrudo, as que mais dizem aborrecê-lo são as senhoras; e, cousa curiosíssima! são justamente as senhoras que mais se dedicam à fabricação dos limões!

Não há moça nenhuma que não diga fugir do entrudo, detestá-lo; todas declaram não possuir, nem comprar limões; e, no entanto, rara, muito rara é aquela que pelo carnaval não empunhe o seu limãozinho, quando não é um caneco ou outro menos decente instrumento cujo nome a cortesia manda calar.

Para que tantos protestos então? O que mais pasmo nos causa é o fato de muitas senhoras dedicarem-se ao fabrico de limões para fins especulativos, e note-se que as mais das vezes sem necessidade disso, simplesmente

porque “o limão deixa lucro”. Mães de família há que, passando o dia inteiro a protestar contra a brutalidade do entrudo, armam “serões” para o fabrico de limões em grande escala.

Se essas senhoras, em vez de fabricarem “limões de cheiro”, fabricassem balas e confeitos, por exemplo, – coisas que também deixam muito lucro, é provável que os jogadores de entrudo ver-se-iam obrigados a cessar mais de pronto o seu pouco divertido brinquedo por falta de “munições”, pois o recrudescimento do entrudo é em grande parte devido a essa febre de ganho que com a aproximação do carnaval se apodera de muitas famílias. Senhoras que, durante o ano inteiro, se pejariam de fazer um trabalho qualquer para vender, pois não têm necessidade desses magros proventos, não se pejam, entretanto, nos três dias de carnaval, de vender em suas casas, a quem quer que se lhes dirija, seja livre ou escravo, seja branco ou preto, uma dúzia ou duas de limões, e de verificar meticulosamente se o dinheiro recebido está certo.

Se a indústria do fabrico de limões estivesse inteiramente nas mãos das famílias pobres a quem o seu produto fosse de utilidade e proveito, nada ousaríamos dizer; lastimariamois apenas a loucura e o mau gosto dos foliões, loucura e mau gosto que os impelem a gastar em semelhante futilidade o dinheiro que poderia ser empregado em pão e roupa para os pobres. O que nos revolta, porém, é terem essas famílias pobres e necessitadas encontrado atravessadores entre senhoras comparativamente ricas, pois todos nós vemos, todos nós sabemos o que significa, nos dias de carnaval, o moleque sentado à porta de entrada de casas ricas e abastadas com a bandeja de limões sobre os joelhos: é uma tabuleta com expressivo emblema, a que falta somente o letreiro: “Aqui vendem-se limões”.

E tudo isto para, passado o carnaval, com os lucros auferidos comprar-se mais um chapéu, mais um par de luvas, que aliás poderiam ser comprados sem aquela travessadora concorrência à indústria dos pobres.

Isto, quanto aos fabricantes de limões. Que diremos quanto aos compradores, aos que se aprazem em tão bárbaro divertimento?

Simplesmente que, se o exemplo não partisse de senhoras que devem dar o tom aos costumes de nossa sociedade, se aqui e em suas vilegiaturas as pessoas do *high life*<sup>147</sup> não fossem as primeiras a procurar nesse divertimento algumas horas de perniciosa distração, o povo, que em tudo quer imitar os “grandes”, não se entregaria com tamanho afã ao brinquedo que não hesitamos em qualificar de brutal.

---

<sup>147</sup> Inglês. ‘A alta sociedade’.



Há bem poucos anos ainda, a população inteira desta cidade parecia estremecer com um frêmito de alegria e contentamento à aproximação do carnaval. Desde o mais rico até o mais pobre, desde o banqueiro até o proletário, predispunham-se todos ansiosos para os três dias de folguedos.

As senhoras preparavam vestidos novos e novos enfeites para se ataviarem nesse dia; os comentários acerca dos vestuários, do luxo e das “ideias” mais ou menos espirituosas das Sociedades já constituíam um antegozo da folia; aqueles que deviam tomar parte nas passeatas cogitavam nos mais custosos veludos, nas mais brilhantes lantejoulas, nas mais ricas joias para se adornarem; as flores eram procuradas para servirem de tapete e de chuva aos máscaras; o comércio, o próprio comércio tão sisudo, alegrava-se, parecia criar nova alma, e manifestava o seu contentamento no embandeiramento das ruas, na armação dos coretos, nas luminárias das casas e dos arcos triunfais.

E hoje? As senhoras não se animam a sair, o comércio se retrai e as sociedades se recolhem aos seus palacetes, donde apenas um ou outro eco de folia chega aos ouvidos do povo trabalhador e pobre para quem esses três dias eram outrora três dias de festa, pois que participava também da alegria e dos folgares dos protegidos da sorte.

E tudo isto por quê?

Porque reina soberano o entrudo.



Todos nós temos com dolorosa surpresa e profunda mágoa lido as descrições das horríveis catástrofes que cobrem de luto a Espanha e trazem o mundo atônito e amedrontado.

O eco dos gemidos de um povo inteiro, o ruído das cidades e das montanhas que se desmoronam, o estertor das convulsões em que oscila o solo da Andaluzia chegaram até nós, e não há coração algum, estamos certa, sobretudo não há um só coração de mulher que não se tenha confrangido, profundamente contristado com os sofrimentos da formosa Espanha.

Por isso, se uma consolação podemos experimentar, perante tamanha desgraça, é a de ver que o Brasil mais uma vez, e como sempre, vem postar-se na vanguarda das nações caritativas, e que não será das últimas a ouvir o grito angustiado de socorro que solta a Ibéria.

Uma associação de jornalistas deliberou tomar a si o grato encargo de angariar socorros para a Espanha.

Entre os meios projetados para se conseguir aquele fim conta-se a ideia de um bando precatório, que percorrerá as ruas da cidade, nos três dias do próximo carnaval, semeando flores e poesias, harmonias e risos, pedindo apenas em troca um óbolo para as vítimas do terremoto.

Pois bem! se até hoje o espírito e as louçanias, a cortesia e a lhaneza das sociedades carnavalescas não puderam conseguir desenraizar dos nossos hábitos o entrudo, possa fazê-lo agora a caridade. Pedimos às senhoras e aos cavalheiros que se animarem a visitar a cidade nesses três dias de folguedo, e aos moradores das casas por onde o bando precatório passar, que prescindam, ao menos durante a sua passagem, do jogo de limões.

Se ousássemos ainda mais, rogaríamos a todos aqueles que tencionam entregar-se ao entrudo que durante um dia poupassem o dinheiro que teriam de despender em cera e borracha, em água e perfumes, para aplicarem-no ao alívio dos que sofrem.

Estamos certa de que, após a prática dessa boa ação, sentir-se-iam mil vezes mais satisfeitos do que se tivessem consumido o dia a se molharem e a molharem os outros. Bastaria somente a soma que se despende no Rio de Janeiro com limões, em um único dia de entrudo, para vestir e alimentar muitos e muitos desventurados.

Creia a leitora: a mão que deixa cair uma esmola torna-se mil vezes mais formosa e mais digna de ser osculada, do que aquela que arremessa um limão de cheiro.



Figuras 16 e 17: Escombros causados pelo terremoto de 1894,  
na região da Andaluzia, Espanha.





## 23 DE FEVEREIRO DE 1885

Foi-nos ultimamente dirigida a carta que em seguida transcrevemos. Julgamo-la de interesse para os leitores da *Folha Nova*; à sua consideração a oferecemos.

Ei-la:

“Minha senhora.

“Tenho lido os seus folhetins, e confesso que nessa leitura hei experimentado bastante satisfação, por ver que V. se ocupa de tudo quanto pode interessar às senhoras; e é por isso que lhe venho pedir um conselho, que baldadamente tenho solicitado de muitas amigas, as quais, talvez em razão do provérbio francês – *Entre l’arbre et l’écorce il ne faut pas mettre le doigt*<sup>148</sup> – mo têm recusado. Vejamos se V., que me é completamente estranha, se anima a aconselhar-me.

“Vamos, pois, ao caso do que se trata.

“Sou órfã, sem parentes, e casada com um filho único de mãe viúva.

“Já por este simples ‘introito’ poderá a Viscondessa imaginar a melindrosa situação em que me acho.

“Conquanto meu marido me dê todas as provas da mais sincera amizade, do mais acrisolado amor, embora minha sogra, que é a bondade

---

<sup>148</sup> Francês. ‘Entre irmãos não metas as mãos’.

personificada, tenha para comigo todos os desvelos da mais carinhosa das mães, não sou completamente feliz.

“É que por minha vez sou mãe, e de meu filho é que provém os dissabores que ameaçam tornar mais tarde insuportáveis o meu viver tranquilo e o meu sereno lar.

“Imagine! tenho um filho que é o neto adorado da ‘mãe viúva com um único filho’.

“Eis o círculo em que gravitam todos os meus males.

“As ocupações de meu marido detêm-no fora de casa a maior parte do dia; é, portanto, sobre mim e sobre minha sogra que recaem todos os trabalhos da criação e educação de ‘nossa filha’ como ela o chama. Deus me é testemunha de que procuro por todos os meios ao meu alcance, com todos os carinhos e desvelos, criar meu filho segundo as mais santas regras da moral e os mais sãos preceitos da higiene. Busco infundir-lhe na alma a mais cega obediência a seus pais, e ufano-me de tê-lo conseguido, no que me diz respeito a mim somente; mas, ai! com que dificuldades! Ainda hoje, se recuso satisfazer uma exigência do meu querido, ele, o espertalhão, cala-se (note que tem três anos apenas), e, logo que se pilha longe de minhas vistas, vai choramingando ter com a avó exigindo a mesma cousa por mim negada; e ela, santa criatura, ‘com pena do pequeno’ lá vai satisfazer-lhe a vontade, embora sabendo que com isso me contraria.

“Pelo que diz respeito à alimentação, sou escrupulosíssima, e não consinto que o menino se encha de doces e frutas a toda a hora do dia. Pois bem! ainda ‘com pena do pequeno’, minha sogra tem sempre no seu aposento uma latinha de doces, com os quais recompensa o neto todas as vezes que este faz alguma gracinha ou a enche de afagos.

“O resultado disto é que o meu rico filho está se tornando um macaco de primeira ordem em gatimanhos, além da aprendizagem da lisonja para obter os doces prometidos.

“Se acaso me vejo obrigada a puni-lo por alguma das mil travessuras que diariamente pratica com consciência de que procede mal, isso então é um Deus nos acuda! tanto grita o neto como ralha a avó, e, quando à tarde chega meu marido, chovem as censuras, dizendo que eu não sei ‘levar o menino’. E meu marido que faz? Limita-se a sorrir constrangido e a beijar o filho!

“Imagine agora a Viscondessa que o caso é outro e que eu também tenho mãe; figure-se essas duas avós auxiliando-me a criar o netinho! Creio que eu ficaria dourada!

“Eis a minha situação.

“Pergunto, pois, à Viscondessa o que devo eu fazer. Peço-lhe o seu conselho, diga-me como devo criar meu filho conforme desejo, sem ofender minha sogra e sem que esta destrua aquilo que tanto trabalho me tem dado para conseguir.

“Sua constante leitora.

“F.”

Se fôssemos maliciosa, responderíamos à nossa correspondente que para remédios contra sogras se dirigisse de preferência a um nosso conhecido e festejado jornalista, especialista de tais moléstias. Não o faremos, porém, e dir-lhe-emos somente:

“Mal de muitos consolo é.”

Sim, muitas de nossas leitoras devem ter se queixado do mesmo mal. A essas nos dirigimos por nossa vez, rogando-lhes que, se conseguiram debelá-lo, nos enviem a receita, para que possa aproveitar à nossa correspondente.

Por enquanto, resta-nos unicamente a esperança de que este folhetim venha a cair sob as vistas da boa senhora a quem se refere o que nos escreve, e pedimos, não só a ela como a qualquer outra vovó em idênticas circunstâncias, que tomem em consideração as queixas, as justas queixas dessa mãe. Longe de procurarem estorvar os esforços feitos em bem da educação dos netos, auxiliem-nos por todos os meios e modos, reforçando com a sua autoridade de avós todas as ordens que partam dos lábios das mães, e sobre tudo, e principalmente não se lembrem de queixar-se aos filhos dos atos, embora inocentes, que as esposas destes hajam praticado relativamente à educação dos netos.



Falemos agora um pouco do que de mais curioso tem produzido a moda nestes últimos dois ou três meses.

Em Paris, o frio intenso deste inverno tem dado ocasião a bem divertidas fantasias nos vestuários íntimos. Entre elas mencionaremos a capa de dormir, intitulada “capuchinha”, a qual é feita de flanela ou de seda cor de rapé, forrada de branco ou cor-de-rosa.

Esta capa é comprida e estreita, e prende-se sobre a camisa de dormir por meio de estreitas fitas de atar. A novidade, porém, desta capa consiste em um capuz semelhante ao dos frades, guarnecido de rendas creme ou

rosa, que, cercando o rosto da pessoa que a usa, imprime-lhe aos olhos demasiado brilho. Esse capuz é muito cômodo para as senhoras que sofrem de nevralgias e a quem a mais tênue corrente de ar assusta.

“Claro está, acrescenta o cronista de quem furtamos esta notícia, que atualmente em Paris todas as senhoras francesas sofrem de nevralgias.”

O luxo nos vestuários caseiros aumenta de dia para dia na França. Para a rua, as senhoras trajam com a máxima simplicidade; em compensação, tornam-se cada vez mais dispendiosos e fantásticos os trajes usados em casa. As modas francesas já não bastam às elegantes parisienses, e a Ásia e a África lhes proporcionam os seus mais originais modelos. Começou a inovação com a aceitação que tiveram há certo tempo os roupões chineses e japoneses e as chinelas da mesma procedência; surgem agora a *gandurah* e a *tzigane*.

A *gandurah* é árabe, e consiste em um amplo roupão, ou antes uma camisola de seda crua forrada de *surah* vermelho. As mangas são mui largas, como as mangas usadas pelas mulheres árabes, que os cromos e as gravuras têm tornado tão conhecidas. Essa camisola é presa à cintura por um cordão de seda. A barra, a gola e as mangas são guarneidas com um delicado bordado de estilo oriental.

Esse vestuário é mui cômodo para os dias quentes, e pode ser perfeitamente adotado por nós, fazendo-o, já de seda crua forrada de fina cassa, já de linho também cru.

A *tzigane* é de seda listrada de laranja e encarnado, ou toda encarnada ou laranja, bordada de veludos pretos: e de feitio semelhante à *gandurah*.

Outro vestuário de gênero indiano compõe-se de umas bombachas ou calças extremamente largas, de seda amarela, como usam as mulheres da Ásia. Estas bombachas prendem-se ao tornozelo, por meio de um botão de ouro, e caem fartas até quase ao pé. Uma espécie de casaco largo, de seda encarnada com grandes ramagens fantásticas ou com aplicações de bordados japoneses, completa o vestuário. O casaco, bastante comprido e que cai até aos pés, prende-se à cintura com uma faixa de toukim branco, guarneida de franjas nas pontas, e que, dando duas voltas em torno da cinta, descem em laçada ao lado esquerdo.

Estes últimos trajes, que mais se nos afiguram vestuários à fantasia próprios do carnaval, são considerados presentemente em Paris o requinte do bom gosto, o supremo sinal de elegância, entre as senhoras cuja posição social ou cuja riqueza as torna um tanto independentes da opinião pública.

Resta saber se entre as nossas elegantes haverá alguma com bastante coragem para adotar a moda francesa.

Em todo o caso, aí fica a notícia, que é extraída de um dos mais conceituados jornais de moda, e que reproduzimos como uma novidade, pelo menos, curiosa e digna de ocupar durante alguns momentos a atenção da leitora.





## 2 DE MARÇO DE 1885

Dir-se-ia que a publicação da carta de uma leitora em nosso passado folhetim havia provocado em outras o desejo de entrar em relações não só com a signatária destas resenhas, como com a “luz da publicidade”. Ao menos, assim pensamos à vista das cartas que recebemos depois de publicado aquele folhetim.

Dentre essas cartas destaca-se uma, que vem acompanhada de um artigo, para o qual a correspondente, confessando tê-lo escrito há tempos para uma publicação de gênero semelhante aos *Modos e Modas*, chama a nossa atenção, pedindo-nos que o transcrevamos, caso o achemos de interesse para as leitoras da *Folha Nova*.

Como o assunto de que ele trata diz respeito a alguns “modos” sociais, não vacilamos em satisfazer ao pedido que tão gentilmente nos foi dirigido.

Eis o artigo:

“Existe no comércio humano uma certa porção de defeitos admitidos na circulação que, usurpando a aparência de boas qualidades, assemelham-se a essas moedas de níquel que muitas vezes são passadas, à noite, como moedas de prata.

“Nesse número devemos contar a ‘franqueza’. À sua conta, quantas grosserias não se cometem! Quantos não são aqueles que se aproveitam desse

nome para dirigir aos seus semelhantes as mais desagradáveis censuras ou os mais dolorosos comentários!

“A franqueza é, sem dúvida, uma boa qualidade... mas com uma condição essencial: é que saiba escolher a sua hora, e que se expanda somente nas circunstâncias em que a sua ação possa ser útil.

“Talvez pareça que com estas palavras queremos preconizar a falsidade. Não há tal. Queremos apenas demonstrar que a franqueza que se expande quando não é desejada, a franqueza que se compraz em dizer cousas desagradáveis e inteiramente inúteis ao bem daqueles a quem se dirige, não passa da arma favorita, da satisfação de criaturas malévolas.

“— Desculpe a franqueza’ — é a frase costumeira de todos aqueles que acabam de dizer ou que se preparam para proferir uma incongruência qualquer. Ah! bem poderiam dispensar-se de pedir desculpas; esse pedido é apenas o disfarce hipócrita de um sentimento mau, que tem a sua origem no prazer de causar um incômodo ao próximo.

“Há, porém, em nossa sociedade vocações irresistíveis. Nela existe sempre um certo número de pessoas que se julgam chamadas a vigiar as ações dos outros e a censurar as faltas de todos aqueles com quem se encontram.

“Seria inútil tentar demonstrar a essas criaturas que elas não são responsáveis pelos defeitos do próximo; apertadas por um ponto, não tardaria que surgissem por outro; acham-se tão empenhadas no estudo da consciência alheia, que se descuidam de examinar a sua.

“— O seu vestido deve ter custado muito caro; não sei como a senhora pode... desculpe a franqueza.’

“— A senhora manda engomar a sua roupa fora? assim sai muito mais caro... desculpe a franqueza.’

“— Desculpe a franqueza, mas ainda há pouco a senhora desafinou na sua ária...’

“— Quem é a sua costureira? o seu vestido está muito mal talhado... desculpe a franqueza...’

“— Sua filha não tem feito progresso nenhum com o professor novo... Desculpe a franqueza; digo-lhe isto porque sou muito sincera.’

“Ah! Que enorme lista poderia eu fazer destas ‘sinceridades’! O célebre número de D. Juan — *mille e tre*<sup>49</sup> — seria um gracejo de criança comparado

<sup>49</sup> Italiano. ‘Mil e três’. D. Juan, personagem da literatura espanhola criado por Tirso de Molina, anotava o nome das mulheres que conquistava em um carnê, perfazendo um total de mil e três.

à quantidade das frases desagradáveis ou grosseiras que se acobertam com a capa da ‘franqueza’.

“Quando essa franqueza limita-se apenas às pessoas com quem se fala em intimidade, ainda se pode desculpar. Infelizmente, porém, nem sempre é assim; não poucas vezes essas criaturas usam da sua ‘franqueza’ em presença até de estranhos, chegando mesmo, para imprimir-lhe colorido, a ultrapassar os limites da verdade.

“Existe, no entanto, uma variedade de pessoas sinceras que, não sendo verdadeiramente caluniadoras, constituem um dos maiores flagelos da sociedade civilizada. São aqueles que julgam produzir efeito revelando a idade das senhoras, comentando os ultrajes que o tempo lhes tem infligido, e que elas tentam disfarçar, criticando acrimoniosamente os pais que procuram fazer valer as prendas dos filhos, prendas que nem sempre, infelizmente, estão na altura da vaidade dos progenitores, mostrando-se, e sempre, indiscretamente desapiedados para com tudo e para com todos.

“A esses chamamos nós críticos indiscretos. Eles dizem-se apenas francos.

“Ah! quiséramos ver a franqueza dessas pessoas em presença daqueles de quem necessitassem. Estamos certa de que então o comedimento, a benevolência e a discrição, que são apanágio de toda pessoa bem-educada, se revelariam subitamente neles, deixando à margem a sua preconizada ‘franqueza’.

“Devemos franqueza, a verdadeira franqueza, a todos aqueles que nos consultam; cumpre-nos empregá-la em todos os casos em que abster-se seria prejudicar os interesses e o bem-estar dos que para ela apelam. Fora desses casos, muito excepcionais, a benevolência e a caridade nos obrigam a calar tudo quanto possa ofender o amor-próprio do próximo.

“Já o dissemos, longe de nós a ideia de endeusar a falsidade ou a lisonja, que parecem ser a antítese da franqueza. Quando falamos em benevolência e caridade, não nos referimos àquela que consiste em forçar um tanto a nota do elogio, e que confina com a banalidade. Quando, porém, se comparam os dois extremos, forçoso é convir que este último é preferível à franqueza que não se priva de dizer ‘inutilmente’ uma cousa desagradável.

“Não é por falsidade, e sim com caridade que não se diz a uma senhora que o carmim de que usa não é bom, que o dentista que lhe colocou os dentes trabalha mal, que a cor de seus cabelos não é igual à dos postiços. A falsidade não começa no silêncio, e sim na palavra, não se contém na abs-tenção de todo o comentário desagradável, porém, no elogio imerecido...

“E mesmo assim, não se deve levar ao seu extremo limite a observância deste último ponto. É fora de dúvida que não se poderia sem falsidade elogiar a frescura da tez que sabemos ter sido arranjada nos potes de cosméticos, nem tampouco nos pormos em êxtase com a execução de uma ária mal cantada ou de um noturno mal tocado; e em alguns casos isto seria não só falsidade, mas também perfídia. Por outro lado, porém, é fácil ‘não ver’ os esforços tentados para conservar a mocidade que foge, é possível mesmo encontrar na ária cantada ou na peça tocada algum ponto digno de elogio, calando-se tudo aquilo que pode roçar pela crítica ou ser indiscrição.

“O erro, o grande erro cometido por aqueles que se erigem em ‘mentores’, e que tomam a si o encargo de dar caça aos ridículos ou defeitos do próximo, é precisamente não compreenderem que eles próprios de algum modo se tornam ‘semelhantes’ aos que procuram criticar, e que a tarefa de a si mesmos se corrigirem é demasiado árdua para que a compliquem com a de corrigir os outros.

“Não creio que haja entre as leitoras deste artigo espíritos tão malévolos, ou índoas tão ferinas, que tomem as cousas ao pé da letra.

“Talvez me engane; e é então provável que esses espíritos imaginem lançar-me em rosto as minhas próprias palavras, dizendo-me que siga o conselho que acabo de dar.

“A esses basta-me responder: a grosseria começa na personalidade, e não se pode acusar aqueles que nas suas palavras apenas assinalam defeitos sob o ponto de vista geral, sem jamais tocar em personalidade alguma.

“(Assina-o): *E.R.*”

Está conforme.



## ANEXOS

BALAS DE ESTALO, *GAZETA DE NOTÍCIAS*, 15 DE NOVEMBRO DE 1884

Não tenho a honra de conhecer pessoalmente a Sr.<sup>a</sup> Viscondessa Augusta, que, uma vez por semana, desce ao *rez-de-chaussée* da *Folha Nova*, para orientar a alta sociedade fluminense acerca dos “modos e modas e dos usos e dos costumes”.

Entretanto, o fato para mim tristíssimo de não manter relações com a ilustre e augusta titular, não me afeta de modo que eu não possa congratular-me com os folhetinistas da nossa imprensa por terem nas suas fileiras tão distinta companheira.

Porque, é preciso que se saiba – e o digo sem a menor ideia de ofensa para todos eles –, os folhetins da nobre dama são aqueles que mais aprecio.

Nesses se encontra tudo quanto é preciso para uma senhora se vestir. Há ali não só a indicação dos estofos e das cores mais em voga, como a descrição dos feitios e dos enfeites dos vestidos.

De modo que aqueles folhetins substituem perfeitamente os conselhos de Mme. Guimarães, ou de outra qualquer celebridade no preço e no corte das roupas femininas.

Confesso todavia que este meu entusiasmo pela obra artística da nobre dama não é tão desinteressado como pode parecer à primeira vista. Sem o maior rebuço, devo declarar que, desde que apareceram os folhetins-figurinos

para damas, eu tenho alimentado a doce esperança de ver um dia a nobre dama dar tréguas ao vestuário das senhoras, para se ocupar, com a mesma dedicação e igual brilhantismo, do vestuário dos homens, pois que não me parece justo que só as damas possam aproveitar as ideias da ilustre viscondessa.

Mas a nobre escritora não se limita unicamente às “modas”, e trata igualmente dos “modos”.

No seu folhetim de ontem, a augusta viscondessa denuncia um “modo novo de olhar que algumas senhoras têm ultimamente adotado”.

O “modo”, no dizer da amável folhetinista, não é inteiramente novo, é copiado da atriz Lucinda.

Esta celebridade do teatro português e brasileiro tem, segundo afirma a viscondessa, um certo olhar, um olhar especial, que as outras senhoras não tinham, nem sabiam como haviam de possuí-lo.

Pela minha parte, confesso que nunca dei por essa especialidade de olhar da distinta atriz.

Diz a viscondessa que esse olhar especial consiste em “levantar os olhos de modo a parecer quase que dirige o raio visual para as pontas da franja do seu cabelo”.

Como já disse, apesar de ter visto muitas vezes a Sr.<sup>a</sup> Lucinda, embora os nossos olhares não se tenham encontrado, não só não reparei nessa manobra dos olhos de S. Ex., como nunca dei pela franja do seu cabelo.

Eu, portanto, não contesto nem o olhar especial, nem a franja da ilustre comedianta.

Mas a viscondessa, com a generalidade de seu método de observação, ainda me torna mais confuso e espantado.

Apesar da Sr.<sup>a</sup> Lucinda ser uma criatura que pelo seu talento não deve passar desapercebida, podia muito bem ser que eu, distraído como sou, não tivesse até hoje descoberto a sua franja e o seu olhar especial.

Mas agora é que não há desculpa para a minha distração, pois que a viscondessa afirmara que muitas senhoras, que dispõem igualmente de uma franja nos cabelos, já se apoderaram do “certo olhar, do olhar especial” da atriz Lucinda.

Para nós e para os marmanjos, que, por um sentimento puramente artístico, gostamos de ver certos olhares e até algumas vezes olhares incertos, a revelação da viscondessa Augusta tem um valor inapreciável, a par do pequeno inconveniente de ter sido um pouco tardia, visto como a atriz Lucinda está aqui, está a deslizar suavemente para São Paulo, aos solavancos

da estrada de ferro, e nós já não teremos tempo, nem de apreciar a franja dos seus cabelos, nem o seu raio visual em direção às pontas da referida franja.

E não só para nós, mas para a gentil atriz, a revelação da nobre dama tem um grande valor.

D. Lucinda vai representar por esse mundo fora. Pois bem: o mesmo cuidado que lhe vão merecer as suas joias e os seus vestidos para a cena, dispense igualmente a talentosa artista ao seu “olhar especial” e à sua franja.

O mesmo cofre de segredo que tem de encerrar as suas joias mais preciosas, deve igualmente conter tanto um como outra.

Porque, afinal, se em toda a parte em que a ilustre artista representar, as senhoras tiverem a mania de se apoderar do “seu olhar de certas e determinadas situações”, como afirma a viscondessa, é mais que certo, que, quando a tornarmos a ver, ela não terá já nem o “olhar” nem a franja a que se dirigia o seu raio visual, o que na realidade seria um desapontamento para todos, e sobretudo para o seu admirador.

João Tesourinha

BALAS DE ESTALO, *GAZETA DE NOTÍCIAS*, 11 DE JANEIRO DE 1885

Não sou mãe de família, nem severa, nem benévolas. Não é, portanto, à minha humilde pessoa que se dirige a *Folha Nova* de sexta-feira, quando chama a atenção dos seus leitores para o escrúpulo, que preside à escolha dos seus romances-folhetins.

No dizer da *Folha Nova* o seu novo folhetim, o *Rei dos bravos*, é um romance capaz de contentar a “mais severa mãe de família”.

Longe de mim a ideia de contestar a afirmação do colega e muito menos de duvidar da influência que vai ter no seio das famílias *Rei dos bravos*.

O que eu pretendo assinalar simplesmente é esta condição essencial de um romance para ser publicado numa folha diária – contentar as mães de família.

Desde a Mãe dos Gracos que eu estou habituado a respeitar o papel sublime da mãe no seio da respectiva família.

Confesso, porém, que nunca me ocorreu que pudesse haver alguém que chamasse para árbitro de uma literatura qualquer as veneráveis matronas, que são a base de toda a organização social.

É verdade que eu já tenho visto como chamariz escrever-se no frontispício de alguns livros – leitura para homens. Ora, assim como se desperta a atenção dos homens para certos romances, não é muito que apareça uma literatura com o rótulo – “leitura para as mais severas mães de família”.

Nesta inovação há não só um progresso industrial, como um grande adiantamento moral.

Desde que a educação familiar pode ser desvirtuada pela publicação de certos folhetins, é um dever prevenir as mães de família contra certas publicações. Do contrário os costumes perverter-se-ão ainda mais do que estão. Porque afinal a leitura do folhetim-romance dos periódicos é como o primeiro leite que se mama. Quem mamar um romance suspeito fica necessariamente com o seu caráter corrompido. Portanto, toda a cautela é pouca, quando se trata de introduzir o veneno dos jornais no lar doméstico.

Neste sentido a advertência da *Folha Nova* é de um valor inapreciável.

Ela travou conhecimento com o *Rei dos Bravos* e não o abandonou à publicidade senão quando chegou à convicção de que ele era homem de bons costumes, bem-falante, muito apresentável, sempre vestido de preto e chapéu alto, indo à missa aos domingos e dias santos e jogando o loto com as primas, todas as noites até às 10 horas.

Ouviu-o falar, provocou mesmo as suas opiniões acerca de moral e de religião e só depois que se apoderou do seu espírito e reconheceu a sua

pureza é que o lançou à voracidade dos seus leitores, como uma iguaria inofensiva para o estômago das “severas mães de família”, que estão a nadar de alegria com o aparecimento do *Rei dos bravos*.

Não há, portanto, no procedimento da *Folha Nova* cousa alguma que não nos inspire o mais profundo respeito.

É assim que nós compreendemos a missão da imprensa. Porque, digam o que quiserem, a imprensa é um sacerdócio.

E não há sacerdócio mais digno de louvor do que aquele que sob a modesta forma de folhetim-romance, vai levar a moral, a religião e os bons costumes às severas mães de família, na ocasião em que elas largam o *crochet*.

No intuito de regenerar a família pela letra redonda, nenhuma folha se tem distinguido tanto como a *Nova*.

Uma vez por semana a Viscondessa Augusta ensina a todo o Saco do Alferes e Gamboas adjacentes a maneira por que se devem apresentar na sociedade. A Viscondessa é o “Guia do bom gosto”. Nenhuma senhora que se preze pode mandar fazer um vestido sem a consultar. Se o fizer, arrisca-se a aparecer fora da moda.

Impostas as suas regras e as suas sentenças quanto às exterioridades, a *Folha Nova* enceta agora a conquista das consciências.

Dada a moda para os vestidos, é necessário que apareçam as modas para o pensamento.

Vestida segundo a Viscondessa Augusta e educada segundo o *Rei dos bravos*, em pouco tempo a sociedade fluminense apresentar-se-á perfeitamente transformada – para melhor.

Pode até acontecer que, deixando-se influenciar demasiadamente pela ilustre propagandista da nova reforma de erros e costumes, a referida sociedade nos apareça um belo dia de rabicho na nuca e chapéu de três bicos.

Nesse dia será completo o triunfo da *Folha Nova* e do seu “Rei dos mágicos”, ou quer dizer, dos bravos. Mas, para que a gratidão nacional se possa expandir como o caso pede, o que nos parece é que o colega, assim como é órgão agrícola a ponto de expor batatas de um tamanho nunca visto, deve passar a ser também – “órgão das mais severas mães de família, que pulam de contentes com o *Rei dos bravos*”.

E como não estou para fazer mais *reclame* ao tal folhetim, ponho ponto final e assino-me

João Tesourinha

